

João Baptista Cintra Ribas +.

O BRASIL E
DOS BRASILIANOS

MEDICINA, ANTROPOLOGIA E
EDUCAÇÃO NA FIGURA DE
ROQUETTE-PINTO

*Este exemplar corresponde
a edição final da tese
defendida e aprovada
pela comissão julgadora
15/08/1990*

Mariza
MARIZA CORRÊA
CPF. 04301-0
DIRETORA DO IFCH

Dissertação apresentada como exigência
parcial para obtenção do grau de Mestre
em Antropologia Social à Comissão
Julgadora da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação da Profa. Dra.
Mariza Corrêa.

R352b

12336/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

INDICE

AGRADECIMENTOS	I
APRESENTAÇÃO	2
1. O Personagem	3
2. A Biografia	12
Apresentação / Notas	17

CAPITULO I

A FAMILIA ROQUETTE	18
1. O mote deste capítulo	19
2. "Roquette" por opção familiar	19
3. Esperanças nacionais	43
Capítulo I / Notas	55

CAPITULO II

O PROFESSOR ROQUETTE-PINTO	58
1. O tema deste capítulo	59
2. A trajetória intelectual	59
2.1. Um educador que buscou inspiração na Antropologia ..	59
2.2. Um antropólogo que buscou inspiração na Medicina ..	70
2.3. Um círculo de interesses integrados	74
2.4. Médico / Antropólogo / Educador	79
3. A "renovação" do Brasil através da Educação	81
3.1. "Educar-se para educar"	89
3.2. Uma expectativa no empreendimento. Um caminho difícil. Um projeto baldado	93
Capítulo II / Notas	101

CAPITULO III

O ANTROPOLOGO ROQUETTE-PINTO	104
1. O assunto deste capitulo	105
2. Roquette-Pinto: um antropólogo físico, cientista e divulgador do saber do Museu Nacional	105
3. A somatometria e a antropometria como métodos de pesquisa	113
4. O "fazer" antropológico se esgota. Porém ilumina o "fazer" cultural	120
Capitulo III / Notas	129

CAPITULO IV

ROQUETTE-PINTO: UM INTELLECTUAL DO SÉCULO XX	131
1. A abordagem deste capitulo	132
2. O intelectual nas primeiras décadas do século XX	132
3. Sendo nacionalista e realista, não era possível ser modernista	142
4. Enfim, era preciso educar. Roquette-Pinto: o rádio e o cinema educativos	168
5. A Academia Brasileira de Letras e os projetos políticos	188
6. Palavras finais	194
Capitulo IV / Notas	196
CRONOLOGIA	199
TITULOS	205
CONDECORAÇÕES	206

HOMENAGENS DOS NATURALISTAS AOS SEUS TRABALHOS CIENTIFICOS .	207
BIBLIOGRAFIA DE ROQUETTE-PINTO	209
NÃO PUBLICADOS	212
BIBLIOGRAFIA SOBRE ROQUETTE-PINTO	213
PREFACIOS ESCRITOS POR ROQUETTE-PINTO	215
BIBLIOGRAFIA CITADA E CONSULTADA	216

AGRADECIMENTOS

As páginas de agradecimento das teses acadêmicas sempre chamaram muito a minha atenção. Em algumas delas, os autores afirmam ser o trabalho de pesquisa e redação algo solitário. Não é muito raro encontrar-se este tipo de observação. Eu, pelo contrário, tive a sorte de ter ao meu lado intelectuais e amigos que sempre contribuíram para que este pudesse ser um trabalho dentro do qual não me sentisse isolado. Foram pessoas que chegaram a me procurar, de modo desprendido, para dizer que tinham encontrado um texto ou algumas linhas que diziam respeito à minha pesquisa. Obviamente, tudo o que aqui vai escrito é de minha inteira responsabilidade. Mas os amigos com quem convivi, ligados direta ou indiretamente a esta tese e ao Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas, em muito colaboraram para a sua consecução. Para com eles, estarei sempre em débito.

A Profa. Dra. Mariza Corrêa, minha orientadora, agradeço o interesse e o apoio que dedicou a sua firme e segura orientação a este meu trabalho. Aprendi, com ela, que o rigor do trabalho científico é uma exigência sem a qual ninguém jamais realiza um trabalho acadêmico.

Ao Prof. Dr. Carlos Rodrigues Bradão (do Departamento de Antropologia da UNICAMP) e ao Prof. Dr. Luis Alfredo Galvão (do Departamento de Ciência Política da UNICAMP), examinadores no meu

exame de qualificação, agradeço as importantes e pertinentes observações que fizeram a este trabalho, quando ele ainda não estava concluído. Tais observações deram à minha pesquisa uma referência significativa para o seu termo.

Aos meus colegas do Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (no tempo em que lá trabalhei) - em especial à Profa. Dra. Maria Helena Villas-Bóas Concone, ao Prof. Carlos Corrêa Teixeira e à Profa. Rosali Tellerman -, agradeço o estímulo que sempre dedicaram ao meu trabalho.

Aos meus colegas do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Paulista o meu muito obrigado pela colaboração prestada neste momento importante.

A Reitoria da Universidade Paulista, na figura da Pró-Reitora de Ensino, Pesquisa e Graduação, Profa. Melânia Dalla Torre, ficarei sempre em dívida por ter colocado ao meu dispor os computadores desta instituição, sem os quais este trabalho não teria a mesma clareza estética, agradecimento este que se estende à confecção da dissertação. Agradeço - em especial - a José Eduardo Gallo, da Universidade Paulista, a amizade e o interesse que dedicou a esta minha tese. Sem a sua competente instrução a respeito dos computadores, o meu trabalho não poderia ter sido realizado.

Ao Prof. Dr. Antonio Candido de Mello e Souza ficarei sempre agradecido pela entrevista que me concedeu e pelo fundamental relato que fez a respeito da vida pessoal e familiar de Edgar

Roquette-Pinto, seu primo em quarto grau.

Ao Dr. Alberto Venâncio Filho (filho de Francisco Venâncio Filho, fiel colaborador de Roquette-Pinto), agradeço a entrevista que me concedeu no Rio de Janeiro, à qual muito colaborou para que eu compreendesse o personagem biografado.

A Dona Beatriz Roquette-Pinto Bojunga (filha de Roquette-Pinto), o meu muito obrigado pelas duas entrevistas a respeito da vida de seu pai. Elas foram fundamentais para minha pesquisa.

A Profa. Dra. Maria Julia Pourchet (que foi indicada por Roquette-Pinto para trabalhar no Museu Nacional nos anos 50), os meus agradecimentos pela entrevista concedida no Rio de Janeiro, à qual me fez ver melhor o antropólogo Roquette-Pinto.

Ao Prof. Luis de Castro Faria os meus agradecimentos pelas duas entrevistas concedidas no Rio de Janeiro, sem as quais a minha compreensão do cientista e educador Roquette-Pinto ficaria imperfeita.

Ao Prof. Dr. João Batista Borges Pereira, do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, o meu muito obrigado pelas indicações bibliográficas.

A Carlos Roberto Rodrigues de Souza, da Cinemateca Brasileira, agradeço a entrevista concedida a respeito de sua pesquisa sobre o Instituto Nacional de Cinema Educativo - INCE, bem como a sua valiosa contribuição ao colocar ao meu dispor filmes produzidos

por aquele Instituto, sob a direção de Roquette-Pinto.

Aos meus colegas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UNICAMP agradeço o estímulo que sempre demonstraram pelo meu trabalho. Agradeço - em especial - à amiga Renata Medeiros Paoliello, que com sua formação acadêmica superior à minha pôde esclarecer pontos da tese sobre os quais eu tinha dúvidas

Aos meus colegas do Grupo de Estudos de História da Antropologia da UNICAMP, orientado pela Profa. Dra. Mariza Corrêa, o meu muito obrigado pelas contribuições que deram a respeito da leitura dos originais da tese. Agradeço - em especial - à Fernanda Feixoto Massi pelas observações feitas e pela amizade dedicada.

Aos funcionários da Biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro, o meu muito obrigado pela paciência com que me receberam, buscando exaustivamente textos escritos por Roquette-Pinto.

Aos funcionários da Biblioteca do Museu Paulista, o meu muito obrigado pela forma eficiente com que colocaram ao meu dispor os serviços desta instituição.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp, agradeço as Bolsas de Estudo MS-1 e MS-2 que me concedeu, com a aprovação do projeto de tese, por dois anos, sem as quais a pesquisa não poderia ter sido realizada.

Ao Fundo de Amparo à Pesquisa da UNICAMP, agradeço a Bolsa

Auxílio Pesquisa, concedida ao projeto original, sem a qual o meu trabalho no Rio de Janeiro não se daria.

Enfim, aos meus pais, ao meu irmão Fabio e à Eliana obrigado pelo estímulo não só à realização desta tese, como às outras atividades da minha própria vida.

Para Tânia um agradecimento especial: o de ter me dado o amor e o companheirismo, sem os quais este trabalho não teria o mesmo sentido. A ela dedico esta tese.

O tempo é minha matéria,

o tempo presente,

os homens presentes,

a vida presente.

Carlos Drummond de Andrade

APRESENTAÇÃO

Antes de escrever, tomar conta do assunto, entregar-se de corpo e alma, tal qual o lavrador que prepara, semeia, protege e colhe.

Edgar Roquette-Pinto

APRESENTAÇÃO

1. O Personagem

Escrever a biografia intelectual de Edgar Roquette-Pinto é escrever a história de um personagem que se apropriou de três disciplinas científico/acadêmicas e uma prática social na época - a Medicina, a Antropologia e a Educação - com o objetivo de se servir delas para salvar o Brasil.

Filho de pais que se separaram muito cedo, criado pelo avô numa fazenda, convivendo durante a infância com negros e mestiços (muitos deles escravos ainda não libertos), partilhando da roda de intelectuais que aportavam na fazenda "Bela Fama" para um café e tertúlias filosóficas, morando toda a sua vida adulta no Rio de Janeiro, ingressando nas melhores instituições acadêmicas do país, convivendo com personalidades como Alberto Torres e Fernando de Azevedo - Roquette-Pinto, ao empenhar sua própria vida pessoal na reconstrução do Brasil, ficou nacionalmente conhecido por ter procurado desenvolver um projeto fundamental: o da educação elementar do povo brasileiro.

O importante a registrar é que o trabalho que ele desenvolveu como educador popular foi inspirado por sua formação anterior em Medicina e em Antropologia. Formado em Medicina em 1905, passou a dedicar-se ao estudo da Fisiologia e da composição racial do povo brasileiro. Nesta época, muitos intelectuais brasileiros ainda acreditavam que o Brasil não se modernizava

porque a população era composta por mestiços provenientes do cruzamento de três raças: brancos, negros e índios. O Brasil era considerado um país atrasado e doente por causa da miscigenação racial. Roquette-Pinto, através de suas pesquisas médicas e antropológicas, procurou demonstrar que o Brasil era atrasado e doente por causa de sua desorganização sociocultural, e não por causa da miscigenação racial. Elaborou uma tipologia da população brasileira, dividida em quatro grupos: Leucodermos (Branco), Faiodermos (Branco x Negro), Xantodermos (Branco x Índio) e Melanodermos, (Negro). Nacionalista convicto, procurou demonstrar, através desta classificação, que nenhum destes tipos era biologicamente inferior, e que por isso não poderia ser responsabilizado pelo atraso do país.

Roquette-Pinto defendeu tese de doutorado em Medicina e tornou-se professor-assistente de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro em 1906. Em 1911, foi para Londres como um dos delegados do Brasil ao Congresso Universal das Raças. Em 1912, acompanhando a Expedição Rondon, percorreu a região da Serra do Norte (Rondônia) estudando os índios Parecis e Nhambiquaras. Entre 1926 e 1935, ocupou o cargo de diretor do Museu Nacional. Em 1923, fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, dirigida exclusivamente para a educação popular. No começo da década de 30, viajou à Europa para estudar os meios de comunicação de massa, voltados para a educação, que estavam se desenvolvendo na Alemanha nacional-socialista e na Itália mussolinista. Em 1936, fundou o Instituto Nacional de Cinema Educativo, voltado exclusivamente para a educação popular. Neste ano, deixou todas

as suas funções de antropólogo e passou a dedicar-se somente à educação elementar do povo brasileiro.

Vivendo no Brasil e acreditando ter nascido com a missão de salvar o país da miséria, da ignorância e do atraso, Roquette-Pinto percebeu que o trabalho isolado do pesquisador em Medicina e em Antropologia seria insuficiente para ajudar a Nação a se desenvolver. Por isso, abandonou a Medicina e a Antropologia. Tornou-se um educador popular, acreditando que a Educação Nova salvaria o Brasil. Na verdade, a questão fundamental não era a de instruir o povo brasileiro. O objetivo maior era o de ensinar a ele "hábitos de significação social" (Roquette-Pinto, 1952).

Em especial, foi a Antropologia quem deu a Roquette-Pinto os instrumentos necessários para uma intervenção no cenário sociocultural do Brasil da época. Iniciando suas atividades científicas em Antropologia, com os estudos sobre os sambaquis do litoral sul-rio-grandense, ele (assim como grande parte dos antropólogos do período) procurou extrair do Naturalismo brasileiro uma tentativa de compreensão da História do Brasil. As jazidas paleoarqueológicas estudadas, constituídas de conchas encontradas ao longo da costa, pedras talhadas, ossos de animais diversos, esqueletos humanos fossilizados, pedaços de carvão, foram objeto primeiro da atenção de Roquette-Pinto. Credo no "estado natural" dos povos indígenas (por oposição ao "estado de civilização"), ele ingressou na expedição Rondon para estudar e pesquisar a origem e a fase inaugural do homem brasileiro. Ele foi à Serra do Norte (Rondônia), buscar o homem brasileiro

"primitivo" (no sentido exato da palavra), para compreender o homem brasileiro "contemporâneo". Não é com outro sentido que, ao publicar Rondônia (livro extraído de sua experiência da viagem), ele assinala o caráter essencial de sua obra:

Tentei tirar um instantâneo da situação social, antropológica e etnológica dos índios da Serra do Norte, antes que principiasse o trabalho da alteração que nossa cultura vai processando, e prova fotográfica - um clichê cru (Roquette-Pinto, 1916:10).

Leitor assíduo de Euclides da Cunha, Manoel Bomfim e Alberto Torres, Roquette-Pinto viu no primeiro uma fonte inesgotável de estudos sobre o Brasil. Mas foram os dois últimos que realmente inspiraram a sua tentativa de modificar a situação de penúria do povo brasileiro. Euclides ainda atribuía à miscigenação racial os problemas que o país enfrentava. Manoel Bomfim e Alberto Torres, pelo contrário, atribuíam esses problemas à desorganização encontrada na realidade nacional. Contemporâneo de João Baptista de Lacerda no Museu Nacional do Rio de Janeiro, procurou, através da Antropologia Física que se realizava naquela casa, ir além dos estudos sobre composição racial mestiça da população. Depois de pesquisas antropológicas feitas, uma vez estando convicto de que a composição biológica do mestiço não determinava o cenário nacional do momento, e estando mais certo ainda de que o tempo gasto na pesquisa científica presa nos muros institucionais limitava sua tentativa de intervir na realidade do país - Roquette-Pinto deixa o seu trabalho de pesquisador acadêmico e

parte para a tarefa educacional. Era preciso, agora, aplicar o conhecimento obtido com a Antropologia (e anteriormente com a Medicina) em favor de uma modernização nacional, que se queria urgente.

Mais do que um divulgador e popularizador do saber científico (atribuição que se impôs na qualidade de diretor do Museu Nacional), Roquette-Pinto tornou-se sobretudo um educador. Não um educador qualquer. E sim um educador cujo instrumento de ação havia sido extraído (talvez resgatado) da ciência médica e da ciência antropológica. Mesmo antes de Roquette-Pinto, os médicos já sabiam que, frente a realidade nacional, a Medicina deveria ser "mais do que a arte de curar" (Corrêa, 1982:89)¹. Com o mesmo espírito, muitos antropólogos não se deixaram limitar pelos estudos que a disciplina impunha na época, e foram desenvolver atividades na área educacional². Com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, nasce então a intenção dos intelectuais de renovar a educação, tirando-lhe o empirismo e tratando-a cientificamente. Imbuídos dos ideais da Escola Nova, Lourenço Filho, em 1924, reestruturou o ensino primário no Ceará; Anízio Teixeira fez a reforma do ensino na Bahia; Lidimaco da Costa fez a reforma em Curitiba; Francisco de Campos e Mario Casassanta fizeram a reforma em Minas Gerais; e Fernando de Azevedo, em 1928, foi talvez o principal responsável pela remodelação do ensino no Rio de Janeiro. Dentro deste contexto, convivendo com o pensamento destes intelectuais, Roquette-Pinto procurou um canal através do qual poder-se-ia difundir amplamente a educação.

"Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil". Com essa frase, Roquette-Pinto inaugurou, em 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro - criada, exclusivamente, para transmitir programas educativos à população. Na procura de encontrar (e até mesmo criar) meios de comunicação que servissem somente à Educação, ele foi de fato um precursor e um pioneiro. Em 1973, muito tempo depois de sua morte (que se deu em 1954), uma revista americana dizia:

Antes que os educadores de muitos países tivessem pensado em utilizar o Rádio, já existia no Brasil um florescente empreendimento educativo. Foi devido em grande parte ao gênio de um homem, o Prof. Edgar Roquette-Pinto, que uma série de experiências de Rádio educativo foram propostas e parcialmente executadas nas décadas de 1920-30 (BOX, Louk. "Educational Broadcasting in Brazil". Boletim de Estudos Latinoamericanos, (14): 1 e 5, Jun. 1973).

Educar era, para os intelectuais, não só uma aplicação dos estudos científicos a respeito da realidade sociocultural do povo brasileiro, como era também uma atividade inspirada e coordenada pelo exercício do Nacionalismo da época. Educar haveria de ser uma obra realizada por patriotas, por aqueles que no período viviam da exaltação do sentimento nacional. É justamente buscando a compreensão deste sentimento que devemos ler as palavras de Maciel Pinheiro, a respeito do trabalho educacional de Roquette-

-Pinto, no discurso proferido por ocasião da inauguração das novas instalações da Rádio "Roquette-Pinto", na década de 50:

O Professor Roquette-Pinto foi grande galvanizador de uma tarefa educativa, sempre inspirada nos mais lídimos sentimentos de patriotismo, a serviço do mais autêntico ideal de civismo, estribada em princípios sólidos mas comunicada, nos diferentes círculos de difusão cultural, sem o pedantismo e o esnobismo dos pobres de idéias e vazios de espíritos.

Todo o amor, toda a cultura e toda a atividade científica e literária do Professor Roquette-Pinto, tiveram sempre um fim precípuo: era a oblata que ele depositava, com simplicidade e carinho, no altar da nacionalidade.

Dizia ele, a propósito do sábio naturalista Fritz Muller, que tantos e assinalados serviços prestou à cultura científica do Brasil, que para eminente homem de ciências o importante era fazer, mesmo que o começo fosse incipiente e a perfeição somente viesse com o tempo e a continuidade da obra realizada.

Foi assim Roquette-Pinto: 'tudo o quanto fez vive, luz perene das verdades que o tempo não desarticula'.

'Ensinar para educar; educar para servir à Pátria', era o lema de Roquette-Pinto nessa Emissora, porque via nele a finalidade primeira e insubstituível

O importante a destacar é que Roquette-Pinto só conseguiu ser um educador popular porque a Medicina e a Antropologia que se fazia na época no Brasil lhe ensinaram que a população mestiça não era biologicamente inferior. Era apenas ignorante e deseducada. E dizer que a população era apenas ignorante e deseducada era tentar redimir o povo, exaltar o seu valor e atribuir a ele um potencial transformador da realidade. Era, enfim, apontar para uma solução dos problemas brasileiros: se a origem de tais problemas não estava na composição biológica do próprio povo, se não havia um impedimento físico/biológico no corpo humano do homem brasileiro a ponto de embotar sua capacidade de colaborar no desenvolvimento da Nação em que vivia, então havia uma saída para o Brasil. Os intelectuais brasileiros passaram, assim, a considerar que o trabalho profícuo de desenvolvimento da Nação deveria ser aquele que alterasse o interior do homem brasileiro. Portanto, a primeira tarefa era a de estudar esse homem.

Havia, deste modo, entre a maior parte dos intelectuais, uma preferência marcante por tudo quanto era considerado próprio da Nação à qual pertenciam. Eles eram nacionalistas inflamados. E acreditavam que o aprendizado do nacionalismo, pela população, haveria de ensinar o homem brasileiro a modernizar e desenvolver o país. A inflamação do Nacionalismo era tanta que Roquette-Pinto não gostava de chamar os homens e mulheres que aqui nasciam de brasileiros. Ele preferia chamá-los de "brasilianos". E

justificava:

Por que digo 'brasilianos'? Nunca fui caçador de atitudes; gosto das coisas simples como água da fonte... Mas, no caso, sinto algo de deprimente quando me chamam brasileiro.

Quem vinha da Europa explorar o Brasil - o pau e a terra... era brasileiro, como é ferreiro quem vive do ferro.

Quem nasce aqui só pode ser brasiliano.

Quem nasce em Roma - é romano; romeiro - é o que vai a Roma buscando as graças espirituais que devem iluminar, na pátria distante, o lar e a prole (Roquette-Pinto, 1943:7).

Por isso, escrever a biografia intelectual de Edgar Roquette-Pinto é também escrever uma parte da História da Antropologia no Brasil. O momento social é preciso: primeira metade do século XX. Começa na virada do século, época em que os intelectuais brasileiros procuravam (re)conhecer a Nação; passa pela procura obstinada de desenvolver e modernizar o país através do enfrentamento da miséria popular, social e cultural; e termina com a frustração de ver baldado o projeto missionário e salvacionista que procurava resolver tal miséria por meio da educação popular. E o momento histórico da Antropologia brasileira também é preciso: percorre a etapa inicial em que a disciplina se volta para o estudo científico do homem miscigenado, com o objetivo de provar que a miséria não

encontrava origem na composição genética do mestiço, mas sim na absoluta desorganização social na qual o país se encontrava, a qual gerava reiteradamente a deseducação da população.

2. A Biografia

Existem determinados personagens (antropólogos, cientistas, atores sociais) que marcam o seu tempo. Eles tornam-se pessoas historicamente notáveis, cujo pensamento e produção intelectual se estendem através do tempo. Mais do que isso, eles produzem idéias que, por sua aplicabilidade no cenário sociocultural vivido, se vêem reconhecidos por aqueles que partilham de um mesmo grupo disciplinar, científico e acadêmico. Convivendo no rol daqueles que produzem o pensamento social, tornam-se lideranças. Mesmo para o público comum, leigo, afastado das instituições acadêmicas universitárias e de pesquisa, obtêm a notoriedade por aquilo que produziram. São pessoas que registram o seu nome na memória popular.

Edgar Roquette-Pinto registrou o seu nome na memória popular. Até hoje - anos 90 - ele é lembrado. Poucos são os que pensam em Rádio, Cinema e Televisão, sem se recordar dele. Mas nos dias de hoje - 36 anos após a sua morte -, aqueles que fazem História da Antropologia no Brasil (intelectuais que vivem no interior das Universidades e dos Centros de Pesquisa) já não mais atribuem à ele o mesmo prestígio científico que tinha quando viveu. Uma breve passada de olhos nos textos produzidos, pelos

antropólogos, nas décadas de 40 e 50, faz ver que a referência ao nome de Roquette-Pinto era constante entre aqueles que faziam Antropologia Física³. A elaboração que fez dos tipos antropológicos brasileiros - Leucodermos, Faiodermos, Xantodermos, Melanodermos - colocou em destaque o seu nome entre os cientistas do período.

Na verdade, Roquette-Pinto produziu muito pouco na área da Antropologia. A não ser pela elaboração dos tipos antropológicos, não se pode encontrar nos seus textos o rigor da produção científica. Ele foi à campo (pesquisar os índios da Serra do Norte), classificou os grupos e os tipos indígenas que encontrou, mas não se deteve muito na produção de teoria e pensamento no âmbito da disciplina. Talvez isso tenha se dado por exclusiva opção pessoal e intelectual. Pois, em 1936, ao deixar a direção do Museu Nacional do Rio de Janeiro, deixou de lado também suas pesquisas antropológicas, bem como esqueceu na gaveta a pena com a qual escrevia seus livros⁴. Tornou-se, quase que exclusivamente, um educador popular, cuja prática de atuação se reportava aos princípios anteriormente já estabelecidos pela Antropologia: os problemas brasileiros não encontravam origem na miscigenação racial, mas sim na deseducação popular.

Mas quem faz, hoje em dia, História da Antropologia, necessita perceber que a disciplina não encontra-se desgarrada do seu tempo histórico, e que os profissionais que com ela trabalham têm muitas vezes o poder de lhe atribuir o sentido e o significado próprio de suas ambições intelectuais. Roquette-Pinto

jamais quis ser um médico profissional, assim como jamais quis ser um antropólogo pesquisador de gabinete, afastado daquilo que acreditava serem as "necessidades sociais". Ele se apropriou da Medicina e da Antropologia para estudar a composição racial da população "brasileira". Chegou a ter a certeza de que a Antropologia Física, que se fazia no interior das instituições, encontrava-se encerrada numa "torre de Marfim" - e portanto afastou-se dela, mesmo sob o peso de sanções provenientes da comunidade científica do momento⁵. Por não ter insistido na pesquisa que se realizava no interior dos laboratórios de fisiologia ou nos limites das "fichas antropométricas" de classificação, não chegou a marcar a sua figura como um criador de pensamento - e, assim, não passa para a História da Antropologia como um teórico.

Além disso, Roquette-Pinto, até o final de sua vida, repetiu sempre que seu trabalho de pesquisador encontrava-se na dimensão da Antropologia Física. Devemos reconhecer, nós antropólogos, que a Antropologia Física já não conta com o prestígio que contava entre aqueles que a realizavam. Hoje em dia, abandonamos o Naturalismo, abandonamos o Nacionalismo e deixamos de lado aquilo que nas primeiras décadas deste século era a pilastra principal dos estudos antropológicos brasileiros: a composição racial do povo. Por outro lado, já não acreditamos mais que a Educação é a "tábua de salvação" de nossa população. E talvez nem acreditemos tampouco que um povo instruído e educado modernizará e civilizará a Nação. Os tempos mudaram. A Antropologia mudou.

Isto levanta a seguinte interrogação: Roquette-Pinto foi um

personagem principal ou secundário no âmbito da disciplina Antropologia? Não tenho dúvidas de que, na época histórica em que viveu, sobretudo quando se pensa na sua atuação como professor, pesquisador e diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, ele foi um personagem principal. Hoje ele talvez já não seja mais considerado um personagem ilustre.

Para compreender a biografia intelectual de Edgar Roquette-Pinto, é preciso ir além dos documentos, ir além dos seus textos deixados e de seu trabalho realizado na pesquisa médica e antropológica. É preciso reconstruir o seu mundo e reviver o personagem. A extensão e a amplitude da Antropologia, para ele, talvez estivessem em sintonia com as frequências e as ondas de Rádio: imensas e ilimitadas. Tamanha ambição pode ser que tenha feito dele um antropólogo hoje reconhecido apenas como "coadjuvante".

O leitor poderá sentir, nos capítulos que se seguem, que a trajetória intelectual de Roquette-Pinto encontrou caminhos tortuosos e parece que nem sempre muito claros. Justamente por isso, ele não pode ser visto como um herói abnegado, que dedicou a sua própria existência ao bem estar do povo. Mesmo assim, ele me lembra a personagem Teresa Maria Carini, nascida em 27 de Agosto de 1863, biografada por Antonio Candido de Mello e Souza:

Não foi grande militante e não marcou o seu tempo, nem mesmo na escala modesta dos companheiros de luta em São Paulo, nos primeiros anos do século. Mas

foi excepcional pela maneira em que vivia em cada instante as suas idéias, sentindo e praticando em relação ao próximo a fraternidade igualitária que eles pressupõem, e que permite fazer da vida uma tentativa de superar o egoísmo, o preconceito, o gosto da dominação, o apego aos bens materiais, a reverência pelos apoios grotescos da vaidade (Nello e Souza, 1980).

Apresentação / Notas

1. Para a compreensão do contexto médico em relação à Antropologia no Brasil, na passagem do século, ver Corrêa, Mariza. As Ilusões da Liberdade: Nina Rodrigues & A Antropologia no Brasil. S.P.: Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1982.
2. Creio que o livro de Bastos de Avila - Antropometria e Desenvolvimento Físico (Métodos e Pesquisas em Antropologia Física) (1940) - é o melhor exemplo de um estudo de um antropólogo da época preocupado com a educação no Brasil.
3. Cf., por exemplo, Bastos de Avila, 1940 e Castro Faria, 1956.
4. O último livro de Roquette-Pinto - Ensaio Brasileiro - foi publicado em 1940, contendo toda uma primeira parte que compõe uma coletânea de textos anteriormente publicados, de forma esparsa, nas décadas de 20 e 30. Na realidade, a partir de meados dos anos 30, ele não escreve mais sobre Antropologia.
5. Críticas à Roquette-Pinto, por ter deixado de lado suas pesquisas antropológicas, bem como suas respostas a estas críticas, encontram-se no Capítulo IV.

CAPITULO I

A FAMILIA ROQUETTE

Foi no ano de mil e oitocentos,
Mais 84, bem me lembro
25 do mês, digo, setembro,
Que se deu o maior dos nascimentos,
Cã no Rio, cidade dos eventos:
Edgar, o Roquette-Pinto, quando,
O Brasil já estava precisando
Que o povo pudesse conversar,
Cada qual sem sair do seu lugar
Nas distâncias o som alto-falando...
 O menino freqüentando
 As escolas do país,
 Com seus sonhos transcendentais,
 Por um mundo mais feliz,
 Estudou, foi cientista,
 Exímio naturalista,
 Patrimônio de raiz...
Nas conversas de rua já se diz,
Que Roquette foi bom educador,
Antropólogo, bravo precursor
Nas pesquisas selvagens de matriz,
Como disse Oswaldo, o Diniz,
Na Missão que tem nome de Rondon
Que conquista com lei, sem "paredon":
O Roquette transpõe belas cascatas,
Mergulhando no verde lá das matas,
Índio diz que "doutor ser muito hom!"
 Mas vamos falar de som,
 Da primeira transmissão
 De Rádio, que o Roquette
 Inaugura pra Nação -
 Em setembro, dia sete,
 Sem disco, fita cassete,
 Que dirá televisão...
O Roquette firmou o seu escudo
Fez balisa, assento, finca-pé,
No Henrique Morize, no Casé,
No seu gênio audaz, firme agudo.
Escrevi lá pro Câmara Cascudo:
"Hoje, Dia do Rádio, eu comento
Centenário do grande nascimento
Do Roquette, irmão que se mudou -
Em 54 viajou
Pelas ondas etéreas do vento"...

Raimundo Santa Helena

"Roquette" - Literatura de Cordel (Excertos)

No centenário do nascimento de Roquette-Pinto.

A FAMILIA ROQUETTE1

1. O mote deste capítulo

O presente capítulo, dividido em duas partes, procurará, de um lado, fazer um levantamento da vida pessoal e familiar de Roquette-Pinto, com a intenção de perceber de que modo o ambiente doméstico interferiu em sua formação intelectual. De outro lado, o capítulo procurará perceber de que forma Roquette-Pinto foi influenciado pelo sentimento de esperança nacional - vivido pelos intelectuais em quem se inspirou e que com ele conviveram -, e que motivava emocionalmente a procura de transformação da realidade brasileira.

As influências adquiridas através dos personagens que partilharam do núcleo familiar, no começo de sua vida, e através dos intelectuais que escreveram sobre o Brasil, na época da sua formação acadêmica. Este será o mote do presente capítulo.

2. "Roquette" por opção familiar

Edgar Roquette-Pinto era carioca. Nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de Setembro de 1954, filho de Manuel Menelio Pinto (de origem pernambucana) e de Ana Josefina Carneiro de Mendonça (de tradicional família mineira).

Roquette - de descendência materna - sempre significou um

nome de peso na árvore genealógica da família. Para avaliar-se o significado simbólico desse sobrenome, é preciso retorceder até os seus tataravós.

O tataravô materno de Roquette-Pinto foi um homem muito rico, minerador, fazendeiro de Paracatu no século XVIII, chamado João Batista Franco, que se casou com uma senhora cujo sobrenome era Roquette. Essa família existe até hoje. São os Roquette Franco. Esse casal teve uma filha, Josefa Maria Roquette Batista Franco, que se casou com João José Carneiro de Mendonça. Dois membros dessa família - Roquette Franco - assinaram o Manifesto Republicano de 1870. João José e Josefa Maria tiveram um filho - Eduardo Carneiro de Mendonça Franco - que foi bisavô de Edgar Roquette-Pinto. Eduardo teve um único filho, no qual pôs o nome da mãe, em homenagem. Chamava-se João Roquette Carneiro de Mendonça. Adotando esse nome, toda a descendência desse casal poderia ter usado o nome Roquette. João Roquette Carneiro de Mendonça se casou com uma prima, chamada Ana Josefina Carneiro Pestana de Aguiar. Esse casal teve uma filha (de extraordinária beleza, como conta o Prof. Antonio Candido), chamada Ana Josefina Carneiro de Mendonça. Como ela era filha de João Roquette, curiosamente adquiriu o apelido de Roquetinha. Ana Josefina Carneiro de Mendonça - "Roquetinha" - casou-se com um homem de origem pernambucana, chamado Manoel Menelio Pinto. Estes são os pais de Edgar Roquette-Pinto, que adquiriu o sobrenome Roquette também em homenagem à família da mãe.

Ana Josefina - "Roquetinha" - e Manoel Menelio ficaram

casados por pouco tempo, mas tiveram dois filhos: Mauro e Edgar Roquette-Pinto. Com a separação de seus pais, Mauro e Edgar foram criados pelo avô - João Roquette Carneiro de Mendonça³.

O importante a se notar na reconstituição da ascendência familiar de Roquette-Pinto é que a sua criação se deu no âmbito da linhagem materna, e por ela foi marcada. Esta linhagem conseguiu fazer história no século XIX. A família Carneiro de Mendonça era de Paracatu. Eles tinham fazendas desde Desemboque, Sacramento, Araxá, Patrocínio, Paracatu... Era uma família bastante opulenta, bastante poderosa. Acabaram por se meter na Revolução Liberal de 1842. Dona Josefa Maria Batista Roquette Franco (trisavô de Roquette-Pinto) parece ter sido uma mulher extremamente independente, uma vez que teria participado, pessoalmente, da Revolução, tendo mesmo sido presa por isso. Com a participação na Revolução, a família sofreu perseguições e, então, resolveu se mudar de Paracatu para o Rio de Janeiro. No Rio, João José (marido de Josefa Maria) comprou uma imensa fazenda acima de Petrópolis, local que naquele tempo era município de Paraíba do Sul (fronteira com Minas Gerais). Deu a essa fazenda o nome de "Fazenda da Posse". Além dessa, comprou também outra fazenda em Petrópolis, chamada "Itamarati", que hoje é parte daquela cidade. Com a morte de João José, Eduardo Carneiro de Mendonça (bisavô de Roquette-Pinto) herdou a sede da fazenda. Anos mais tarde, com a separação dos pais, Edgar Roquette-Pinto foi criado, pelo avô - João Roquette Carneiro de Mendonça -, nesta fazenda, chamada "Bela Fama".

A mãe de Roquette-Pinto - Ana Josefina Carneiro de Mendonça

- não possuía, oficialmente, o sobrenome Roquette. Todavia, em homenagem ao pai, ela deu ao filho o nome completo de Edgar Roquette-Pinto. O sobrenome Roquette não se deu, portanto, por acaso. A rigor, Edgar Roquette-Pinto deveria se chamar Edgar Carneiro de Mendonça. Mas, como o nome forte era o do Dr. Roquette (seu avô materno), sua mãe pôs o nome do pai. Na verdade, o nome Roquette teve um significado especial no Rio de Janeiro da época. Por volta de 1896, houve a crise do café. Nesta ocasião, o Dr. João Roquette se deparou com problemas financeiros em sua fazenda. Os problemas foram de tal ordem que ele se mudou com a família para o Rio de Janeiro, a fim de procurar emprego, para poder sustentar os filhos e os netos. No Rio, ele procurou um senador por Minas Gerais (Estado de origem da família) e lhe pediu um emprego. Mas não conseguiu nada; este senador sempre lhe dizia: "volte na semana que vem". Um dia, no Senado, vivendo o périplo cotidiano e cansativo da procura de emprego, o Dr. Roquette foi visto por um senador por São Paulo - Alfredo Ellis, pai do historiador Alfredo Ellis Júnior. O senador Alfredo Ellis dirigiu-se, então, ao Dr. Roquette e disse a ele: "o sr. me desculpe, mas eu o estou vendo aqui, todos os dias, no meio dessa gente, solicitadores; seria grande indiscrição perguntar-lhe o que o sr. vem fazer aqui?" O senador ainda lhe perguntou: "Quem é o senhor?" Ele respondeu: "Eu me chamo João Roquette Carneiro de Mendonça, sou formado por São Paulo, tinha uma fazenda em Minas, perdi a minha fazenda e agora estou procurando emprego". Alfredo Ellis disse a ele: "Um homem como o sr., formado por São Paulo, com o nome de família que o sr. tem, não é para ficar nesta fila,

entre os solicitadores de emprego. Volte para a sua casa e aguarde notícias minhas". O Dr. Roquette voltou para casa e, uns tempos depois, recebeu um cartório. Nesse cartório, ele pôs o nome de "Tabelião Roquette". Assim, João Roquette Carneiro de Mendonça sempre foi conhecido como o "Dr. Roquette", ninguém o conhecia como "Dr. Carneiro de Mendonça". E o Rio de Janeiro inteiro conhecia o "Tabelião Roquette", que existiu durante umas três gerações na posse da família Roquette. Com o lucro financeiro desse cartório, o Dr. Roquette financiou os estudos de medicina de Edgar, seu neto.

A presença do avô foi, portanto, determinante em sua vida. Na verdade, João Roquette foi o pai que ele não pôde ter. No livro Samambaja (1934), Roquette-Pinto lembra as noites de São João, na sua infância, na fazenda do avô:

Meus tempos de menino! Negros alegres arrumando a fogueira imensa, mais alta que a fazenda da varanda... Toda a família, todos os vizinhos. Padre Mégale vinha de longe, no lombo da burra empacadeira e sabida (Roquette-Pinto, 1934:165-166).

A respeito da personalidade do avô, ele diz:

Meu avô tinha o porte de um velho fidalgo. Era muito alto, robusto, de olhos verdes, excepcionalmente dominadores. A sua voz não era áspera. Mas era redonda, cheia, muito grave e forte. Quando os negros

brigavam, nas excitações do álcool ou do ciúme, ele interrompia na 'sala de bilhar' o vôlei ou o xadrez e chegava até a varanda com o seu nobre passo natural e firme. Mal o velho se levantava, irritado pela algazarra, havia um corre-corre de molecotes, espalhando a notícia da intervenção do 'senhor'... E tudo serenava, pelo prestígio daquela presença magnânima. Nunca precisou castigo para ser obedecido. A natureza tinha feito dele um ser de bondade. Dera-lhe o corpo olímpico e o caráter de um herói. Para nós todos, era o 'Paizinho' (Roquette-Pinto, 1934:170).

E a respeito da influência da personalidade do avô sobre si próprio, comenta:

... foi o café da Bela Fama que, nas mãos do meu avô, permitiu que ele fizesse de mim um cidadão mais ou menos útil (Roquette-Pinto. Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 31/7/51).

Na sua coluna "Notas e Opiniões", para o Jornal do Brasil, de 10/8/54, (um dos últimos artigos, escrito já no final da vida), Roquette-Pinto lembra como aprendeu a ler e fala a respeito de influências eruditas que recebeu no início de sua vida. O artigo é dedicado ao poeta José Salomé Queiroga:

É que foi com a filha do poeta de Minas que eu aprendi a ler, aí por volta de 1886, na casa de meu

pai, na rua Voluntários da Pátria, número 10 daquele tempo, hoje número 30, onde funciona o Sanatório Santa Helena. Ali nasceu meu irmão. A casa onde nasci foi demolida. Era mais acima. É ou será mais um terrível ombal humano.

No número 10 morava quando vi passar o Imperador e, mais tarde, tive notícia da proclamação da República, num certo dia, quando o jardineiro - Seu Manoel - fechava os portões dizendo: 'Vá lá para dentro, menino, que a Marinha saltou em terra...'.
A filha do poeta de Minas era grande amiga de minha gente. Passava meses conosco na casa do Rio ou na fazenda de meu avô. Era a nossa Vovó Gabriella. Muito magra, de feições extremamente delicadas, espírito vivo, bem humorada, muito inteligente e culta, adorava a poesia.

Gostava de escrever seus versos em francês. Sabia interessar todo mundo, na palestra erudita, mas simples e graciosa. Com ela aprendi a ler no Jornal do Comércio. Foi a minha cartilha. Nunca tive outra. Quando já lia correntemente, ela me fazia percorrer os telegramas. Lá vinha um pouco de geografia, de história e outras coisas. O Papa Leão XIII era dos assuntos mais correntes nos despachos. Andava sempre doente. Aprendi também com ela - penso que aprendi, mas não tenho muita certeza... - a decifrar certas charadas e uns tantos enigmas, que se chamavam, como

fazem os franceses: rébus. Ex. conhecido: *Un grand abbé, plein d'appétits...*

Manejava a língua francesa com singular facilidade e ótima pronúncia.

Já não me lembro mais de muitos dos seus versos. Mas recordo-me do final de um poema seu, poesia na verdade ingênua, tipo 'flor de laranjeira', mas bem de acordo com o gosto do tempo: Pourtant tu sais le remède - Le seul remède pour moi - Mon seul remède... c'est Toi! (Roquette-Pinto, *Grifos do autor*).

As letras francesas tiveram muita repercussão entre os intelectuais no Brasil da passagem do século. E "Vovô Gabriella" parece ter sido a pessoa que abriu as suas portas a Roquette-Pinto. Tanto assim, que ele declara que

Atala (do escritor francês, do século XIX, Chateaubriand) foi o primeiro romance que li no original, aí por volta dos meus 9 anos. Como esquecer o autor? (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil, "Notas e Opiniões". 31/5/52).

Embora seus pais tivessem se separado muito cedo, e a presença do pai não ter sido marcante em sua vida, mesmo assim Roquette-Pinto escreve um artigo no qual fala a respeito da figura do pai e de sua ascendência paterna. Tal artigo mostra, também, que o pensamento republicano fazia parte constante do seu ambiente familiar:

Tenho motivos pessoais bem fortes para prezar muito a velha escola (a Faculdade de Direito do Recife): dali saíram meu pai - Menelio Pinto -, meu tio - Domingos Pinto -, e meu primo-irmão - Alfredo Pinto. E quantos outros, excelentes amigos, também de lá não vieram? Basta lembrar, entre os desaparecidos, Rodrigo Otávio, Epitácio Pessoa, Clovis Bevilacqua, Martins Júnior. O artigo de Muniz Aragão (citado no início deste artigo) recorda a vida acadêmica em Olinda, onde começou o curso jurídico, em 1828, e no Recife, para onde foi transferido em 1854 com o título de Faculdade de Direito. Nesse ano de 1854 nasceu no Recife meu pai. Colou grau na Faculdade em 1875. Veio para Minas, onde foi juiz e depois deputado. Mais tarde, no Rio, teve banca de advogado das mais rendosas do tempo. Espírito vigoroso e inquieto, não se conformou com a derrocada, depois da Revolta de 93. Exilou-se para o Amazonas, onde esteve ao lado de Eduardo Ribeiro - O Pensador - e voltou à magistratura como Desembargador. Na questão do Acre esteve com Plácido de Castro; vi o seu nome entre os que tomaram parte no episódio de Remate de Males. Faleceu em Paris, em 1911. Foi enterrado no cemitério de Pantin.

Alfredo Pinto veio da Faculdade do Recife logo depois de formado. Por influência de meu pai foi também para Minas, onde encontrou no Presidente Afonso

Pena um amigo verdadeiro. Domingos Pinto ficou em Pernambuco. Fez ali a sua carreira de juiz impecável. Foi ali, creio, o último chefe de Polícia da Monarquia. Era Desembargador. Com a República aposentou-se em precárias condições, só por obedecer aos seus ideais monárquicos. Veio, mais tarde, para o Rio, onde faleceu. No trabalho de Munis Aragão vejo o nome ele entre os primeiros voluntários da Pátria, que a 17 de agosto de 1865 - estudantes guiados pelo professor Trigo de Loureiro - desfilaram pelas ruas do Recife, indo oferecer os seus serviços ao presidente da província. Morreu monarquista. Já a minha gente de Minas, a começar pelo pai de meu avô - Eduardo Carneiro de Mendonça - cunhado do Visconde de Abaeté - era decididamente republicana. Nas firmas do Manifesto Republicano de 1870 encontrei - com muita alegria - o seu nome (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 7/11/53. Grifos do autor).

Em outro artigo, ele insiste que a família materna era republicana... mas que também tinha amigos monarquistas:

Minha família sempre foi republicana. Mas tínhamos bons amigos monarquistas, como o Dr. Francisco Caminhoa, arquiteto que construiu o Edifício Avenida e de quem ouvi sempre: 'os republicanos são inimigos da família, da religião, da pátria' (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões".

4/11/52).

O próprio João Roquette (avô de Roquette-Pinto), já morando no Rio de Janeiro, chega a ser redator de um pequeno jornal republicano. Roquette-Pinto lembra o nome desse jornal:

Chamava-se Tymbira. Defendia idéias avançadas. Tenho no meu arquivo uma nota de Nestor Pestana - o grande secretário de O Estado de São Paulo - artigo publicado de 1929 sobre a atividade republicana de Rangel Pestana. São palavras de Nestor: 'Ainda estudante - (Rangel Pestana) - (1860) redigiu o Tymbira, com Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes, Henrico Limpo de Abreu, José Luiz Monteiro de Souza, João Roquette Carneiro de Mendonça, Antonio Vaz Pinto Coelho e Florencio Carlos de Abreu, todos, disse Peçanha Povoá, caracteres honestos, homens sem mancha'. O Tymbira dos estudantes de São Paulo em 1860 provavelmente valia muito pouco. Para mim vale muito. Porque vejo entre os seus redatores o Pai da minha educação, Senhor da minha saudade imensa. Por isso acrescentei o minúsculo Tymbira à lista publicada no livro esplêndido de Silva Bruno (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 16/2/54).

O debate intelectual esteve presente desde cedo na vida de Roquette-Pinto. Tendo perdido a fazenda, se mudado para a capital

carioca e fixado residência na Rua São Clemente, a família Roquette passa a compartilhar da roda dos intelectuais da época. E vários desses intelectuais, com quem conviveu na infância, aparecem no decorrer de sua vida adulta. A este respeito, lembra:

Na casa de meu avô, em S. Clemente, 118 - hoje substituída por grandes sobrados de cimento armado - reuniam-se os amigos uma vez por semana. Tertúlias íntimas, amáveis. Poesia, música, palestra. Nada de política partidária, nem de religião. Mas havia bastante filosofia cabeluda: Levindo Castro de Lafayette - meu antigo mestre - era convicto adepto das idéias de Swendenberg. Foi, até, ao que penso, o fundador no Brasil da Igreja Nova Jerusalem. Eu não entendia nada do que diziam - como ainda hoje não entendo - mas gostava de acompanhar a conversa dos dois espiritualistas: Levindo e Silva Ramos.

Eduardo Ramos - grande escritor dos Coloquios de Erasmo - recitava, às vezes, os seus poemas. Recordo-me de um, em que o poeta canta a dedicação de missionárias que iam 'pescar crianças no Rio Amarelo' - Missões da China. Alfredo Ellis - outra grande figura do tempo - é amigo sempre lembrado. Certo dia conheci ali o ilustre Dr. Cesario Alvim, velho companheiro de meu Avô. E fomos avisados - os meninos - que lhe devíamos tomar a bênção, quando ele chegasse. Que lindo costume das nossas antigas famílias se perdeu! Silva Ramos tinha conversa até

mesmo para nós, meninos da casa amiga. Falava pouco. Mas quanta coisa a gente aprendia quando ele falava! Tudo isso era por volta do ano de 1900. Quase trinta anos mais tarde - 1927 - encontrei Silva Ramos entre os meus generosos eleitores na Academia. Não tinha mudado. Homem sempre igual a si mesmo. Certo dia saímos juntos. Para provocar o meu ilustre amigo, falei da questão dos pronomes, assunto que o apaixonava. Entre outras coisas, disse-me ele, então: - 'Muitos falam da minha pronúncia' - ele falava como se fosse um alfacinha - 'A verdade é que esta pronúncia facilita a boa colocação dos pronomes...' (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 11/4/53. Grifos do autor).

Republicanos, os intelectuais com quem Roquette-Pinto conviveu desde a sua mocidade eram, também, na maior parte, positivistas de formação. E, tendo o positivismo como princípio filosófico de interpretação da realidade brasileira, estavam eles interessados na Natureza do Brasil e no naturalismo. Ainda nos tempos de faculdade ou mesmo depois de formado, Roquette-Pinto privilegia, então, a leitura dos autores naturalistas e positivistas. Dentre os naturalistas preferidos, parece que Fritz Muller encontra lugar de destaque. O primeiro artigo do livro Ensaio Brasileiro (1940) - coletânea de textos produzidos a partir de 1920 - é dedicado ao naturalista alemão. Como se sabe, no século passado a Alemanha havia concentrado os seus interesses

sobre os estudos naturalistas. Vários naturalistas alemães vieram ao Brasil para pesquisar a sua realidade natural. Merecendo a atenção de Roquette-Pinto - no livro Estudos Brasilianos (1940) - Karl von den Steinen e Emilie Snethlage (ambos alemães, fixados no Museu Nacional e no Museu Goeldi), foram agraciados com artigos elogiosos. Charles Frederic Hartt (este canadense, também fixado no Museu Nacional, tendo sido um dos redatores dos primeiros volumes dos Archivos do Museu Nacional), recebeu, no mesmo livro de Roquette-Pinto, um artigo mais denso e detalhado (Roquette-Pinto, 1940).

Roquette-Pinto inicia a sua vida intelectual nos estudos naturalistas⁴. Ele lê autores, não tanto conhecidos por terem sido naturalistas, e destaca as suas contribuições para com o naturalismo. O maior exemplo talvez seja o da leitura que fez de Goethe. O conhecido poeta alemão (autor de Fausto) inspirou Roquette-Pinto justamente pela sua visão de mundo: uma visão naturalista. Em 1932, ele publica o texto Goethe, escrito para a Sociedade Prô-Arte, na qualidade de discurso inaugural da Exposição Goetheana. Tal ensaio é publicado também com o título de Goethe Naturalista⁵. A questão do Naturalismo era tão forte em Goethe que Roquette-Pinto chega a apontar para uma suposta crença divina que o poeta alemão teria tido na Natureza. Esta crença teria sido mesmo responsável pelo equilíbrio emocional de Goethe:

O que há nele de tão grandioso não são talvez as suas produções: é o desdobrar da luta interior, entre o seu caráter e as suas tendências. Seria um boêmio

superior se não se vencesse a si mesmo. Goethe, todo mundo sabe, não morreu santo. No fim da vida pôs na boca do Homunculus, o homenzinho artificial que dá quinâus a Mephistopheles:

Den Menschen lass ihr widerspenstig Wesen.

Ein jeder muss sich wehren, wie er kann.

Vom Knaben qui, so wird's zuleitz ein Mann⁶.

A graça capaz de salvar tantos varões antigos e modernos, em Goethe foi substituída pelo prestígio que sobre ele sempre teve a Natureza.

Ela era, para Goethe, divina. O seu spinozismo deu-lhe amparo no meio das paixões mais fortes.

A profunda crença na instabilidade da Natureza, condição capaz de servir à extraordinária modificação de um ser, e por outro lado, a certeza de que:

In uns selbst liegt das Ratsel⁷,

foram os grandes apoios morais da figura gigantesca. Viveu quase um século (1749-1832) - produzindo, numa época em que tudo dificultava às populações da Europa lazeres para gozar o encanto das criações puramente espirituais; e apesar das convulsões do tempo - dramas da Grande Revolução e perturbações napoleônicas, conseguiu vencer as angústias dos países mais povoados do ocidente europeu, dominando as almas (Roquette—Pinto, 1932:3-4).

A partir dos estudos da Natureza, Goethe principiou pesquisas relativas à composição biológica do corpo humano.

Roquette-Pinto, no texto escrito em 1932, salienta a alegria de Goethe ao descobrir, em 1874, o osso incisivo ou intermaxilar, no homem.

A sua grande e importante certificação foi a presença desse osso na espécie humana. Até então dava-se como caráter diferencial entre o homem e os símios a ausência, na espécie humana, do osso incisivo.

Goethe mostrou que, na maioria dos casos, ele só não se encontrava ou porque o não procuravam convenientemente, ou porque, com a idade, o osso incisivo solda-se inteiramente ao maxilar, onde se acha alojado (Roquette-Pinto, 1932:13).

Na época em que Roquette-Pinto adquire sua formação intelectual, as pesquisas feitas a respeito do corpo humano estavam embasadas nos estudos naturalistas. No fundo, as pesquisas do corpo humano eram consideradas estudos naturalistas. Tais estudos iluminaram as interpretações que Roquette-Pinto fazia dos nossos autores nacionais. Iluminado pela luz do Naturalismo, Roquette-Pinto lê Os Sertões, de Euclides da Cunha, e publica em 1919 o artigo "Euclides da Cunha, Naturalista"⁸, no qual reproduz uma citação do Fausto, para depois comparar Goethe e Euclides:

Presas das emoções que o grande e o forte, o belo e o bom, haviam conseguido suscitar em sua alma

decrépita, depois que ela se renovou por um prestígio estranho, Fausto ergue, no seio da floresta, o grito de sua admiração: - Espírito sublime! Fizeste-me rei da Natureza. Deste-me força para senti-la e para gozá-la. Permitiste que eu lesse no seio profundo da Terra, como no peito de um amigo. Ensinaste-me a conhecer os meus irmãos que vivem nos bosques silenciosos, no ar e nas águas. É quando a tempestade se desata e ronca na floresta, rolando as árvores em fragoas, levas-me ao asilo das cavernas, e colocas-me diante de mim mesmo... e as maravilhas secretas da minha própria consciência revelam-se...

Cada brasileiro que sabe ler - ai de nós, somos tão poucos ainda! - poderia repetir aquela invocação que o Goethe põe nos lábios do sábio remoçado, sempre que finda a leitura, cerrasse certas páginas de Euclides. Não há, nem houve, e nunca haverá quicá, quem descreva a natureza do Brasil de maneira tão formidável (Roquette-Pinto, 1927:265-266).

Tendo se detido na leitura dos conhecimentos produzidos pelos naturalistas alemães, por Goethe e por autores brasileiros na passagem do século - notadamente Euclides da Cunha -, Roquette-Pinto passa a se deter, com mais rigor, na leitura dos autores que estavam lidando com as técnicas antropométricas e somatométricas de pesquisa. É o momento em que pesquisa os sambaquis do Rio Grande do Sul, ingressa na quarta expedição Rondon, escreve seu livro de maior repercussão - Rondônia - e

cria os tipos antropológicos brasileiros: leucodermos, faiodermos, xantodermos e melanodermos⁹. São os anos 10 e 20. É o momento, também, em que torna-se, por concurso, professor de antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, começando a conviver mais de perto com a antropologia que se fazia naquela casa. E, fazendo Antropologia Física - baseada nas técnicas antropométricas -, lá estavam João Baptista de Lacerda, Bastos de Avila, Frões da Fonseca, Heloisa Alberto Torres, Gastão Cruis e, mais tarde, Maria Julia Pourchet.

Todos estes - incluindo Roquette-Pinto - faziam Antropologia Física. E, para fazer este tipo de Antropologia, eles liam, do autor alemão Rudolf Martin, Lehrbuch der Antropologie. Pode-se encontrar nos textos publicados por todos estes antropólogos do Museu Nacional a clara inspiração buscada em Rudolf Martin. No caso específico de Roquette-Pinto, basta dizer que os tipos antropológicos - leucodermos, faiodermos, xantodermos e melanodermos - foram por ele criados adotando a técnica antropométrica de Rudolf Martin (ver Roquette-Pinto, 1933:126-127).

Chega um período da vida de Roquette-Pinto no qual ele chega mais perto da Antropologia Cultural. Em 1924, depois de participar do Congresso Internacional de Americanistas, na Universidade de Gotemburg (Suécia), viaja aos EUA para se encontrar com Franz Boas, da Universidade de Columbia. E, já no final de sua vida, dedica 3 artigos jornalísticos a Gilberto Freyre (Roquette-Pinto. Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões".

14/8/51, 9/2/54 e 27/2/54)10.

Mas a aproximação que se estabeleceu entre Roquette-Pinto e a Antropologia Cultural parece não ter ido além de sua visita a Franz Boas e dos seus artigos elogiosos a Gilberto Freyre. Em artigo na imprensa, dedicado ao próprio Gilberto Freyre, Roquette-Pinto comenta o Simpósio Internacional de Antropologia, em New York, em 1952. O título do Simpósio era Revisión des Estado Actual de la Antropologia. Diz que a tal Revisión acabou, neste evento, tornando-se mais uma promessa do que um fato real. Chega mesmo a criticar a revisão da Antropologia. Isto porque era uma revisão da Antropologia Física, que culminava com a ascensão da Antropologia Cultural. Lidando com os conceitos de "troca cultural" e de "transculturização", ele comenta a conclusão do Simpósio - segundo a qual "muitos índios aparentemente transculturados continuam, como no passado, sentindo e pensando a seu modo" -, dizendo que:

Para mim, a grande dificuldade da Antropologia Cultural deriva disto: ela tenta resolver o caso da alma coletiva, quando o problema é muito mais diretamente ligado aos tipos psicológicos que formam o grupo (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 9/2/54).

Na verdade, até no final da vida, Roquette-Pinto não conseguiu se libertar da Antropologia Física. Ainda que não atribuisse à miscigenação biológica eventuais problemas

existentes na nação brasileira, ele não se desprende do princípio fisiológico da época (quase um dogma) de que os tipos antropológicos apresentam comportamentos culturais próprios. Tais comportamentos poderiam até mesmo terem sido constituídos segundo as regras e padrões socioculturais. No entanto, eles acabavam por significar "comportamentos tipológicos" do grupo. Tudo indica que não se tratava de uma interpretação racista stricto sensu. Até porque Roquette-Pinto recupera vários autores nacionais - dentre eles, por exemplo, Alberto Torres e Manoel Bomfim - para mostrar sempre as interpretações anti-racistas contidas nas suas obras. A respeito de Manoel Bomfim, chega a dizer que ele fez "justiça para os mestiços" (Roquette-Pinto, 1940:91).

Havia, na realidade, uma tentativa de se adequar a Antropologia Física às necessidades da realidade brasileira. Já não era mais a época de se afirmar que a causa dos problemas nacionais estava na composição biológica dos mestiços brasileiros. A Antropologia Física de então havia cumprido o seu papel: o de classificar a população aqui existente. Agora, era a hora de se procurar organizar a cultura nacional.

Por isso, em 1935, Roquette-Pinto deixa a direção do Museu Nacional e, se não abandona completamente a Antropologia, pelo menos não volta mais às suas pesquisas científicas. Passa a dedicar-se, quase que ininterruptamente, à tarefa de educar o povo brasileiro. Abandona a leitura dos livros de Antropologia e começa a empenhar a sua própria vida na edificação do Rádio e do Cinema educativos. Tendo sido secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tido contato com a Academia Brasileira de

Ciências e sido diretor do Museu Nacional, Roquette-Pinto começa a chamar os intelectuais com quem havia convivido nestes anos e os convida a se dedicarem à educação popular. Os primeiros a serem chamados são Alvaro Ozório de Almeida e Henrique Morize (este último diretor da Academia de Ciências). Depois, a "roda dos educadores" passa a ser composta pelos seguintes nomes: Alberto Venâncio Filho, Fernando Tude de Souza, Edgar Susskind de Mendonça Jônatas Serrano, Pedro Gouvêa Filho e, mais tarde, Fernando de Azevedo. Em 1936, com a fundação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (por ele mesmo criado), passa a fazer parte da roda o cineasta Humberto Mauro. O maestro Heitor Villa-Lobos já era amigo de Roquette-Pinto desde a sua ida à Serra do Norte para se encontrar com Rondon. As partituras que se encontram nas últimas páginas de Rondônia (Phonogramas 14.594, 15.595 etc. Índios Parecís, Índios da Serra do Norte e Sertanejos Cuiabanos) foram elaboradas por Villa-Lobos.

Tendo se aposentado do Instituto Nacional de Cinema Educativo em 1947, Roquette-Pinto passa a se dedicar à Academia Brasileira de Letras. Acadêmico desde 1927, comparece nos últimos anos de sua vida à algumas homenagens promovidas por aquela casa de cultura. Ainda no final da vida, indicado por Anibal Teixeira, torna-se colaborador do Jornal do Brasil (escrevendo a coluna "Notas e Opiniões". de 3 de Julho de 1951 até o último dia com vida, 18 de Outubro de 1954).

Após sua morte, Roquette-Pinto recebeu os mais diversos tipos de homenagens. Uma breve retrospectiva delas mostra a sua

roda de amizades. Médicos, antropólogos, educadores, acadêmicos, enfim, intelectuais com quem conviveu se pronunciaram através da fala ou por meio de artigos póstumos a seu respeito. No dia da sua morte (18 de Outubro) a Academia Brasileira de Letras decretou luto por seis dias. O Instituto de Educação (antiga Escola Normal), do qual ele foi professor por vários anos, mandou suspender as aulas. O Instituto Histórico e Geográfico se fez representar, no velório, pela seguinte comissão: Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Virgílio Corrêa Filho, Feijó Bitencourt, Pedro Calmon, Rodrigo Otávio Filho, Barbosa Lima Sobrinho, Heraclides de Souza Araújo, Manuel Xavier de Vasconcelos Pedrosa, Ordival Cassiano Gomes e Luis Felipe Vieira Souto. No seu enterro, no Cemitério de Petrópolis (RJ), falaram: R. Magalhães Júnior (representando o Partido Socialista Brasileiro), Manoel Pinheiro (pela Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal), José Ribamar Castello Branco (diretor da Rádio "Roquette-Pinto"), Cândido Mota Filho (ministro da Educação e Cultura) e Carlos Chagas (da Academia Brasileira de Ciências).

A Missa de 7^o Dia foi rezada na Candelária (RJ), no dia 25 de Outubro. Estavam presentes o Presidente da República, Café Filho, acompanhado do seu ajudante de ordens, Capitão-Aviador Geraldo de Queiroz Almeida; o Prefeito do Distrito Federal, Alim Pedro; o General Rondon; o diretor da Rádio "Roquette-Pinto", jornalista Castello Branco; o diretor da Rádio Ministério da Educação, Prof. Fernando Tude de Souza; e o representante do Sr. Haroldo Lisboa da Cunha, Secretário da Educação e Cultura da Prefeitura.

No dia 31 de Outubro, Múcio Leão (acadêmico da ABL), na Faculdade Nacional de Filosofia, em aula sobre história do Jornalismo, enaltece Ruy Barbosa e Roquette-Pinto (ambos escreveram no Jornal do Brasil). No dia 7 de Novembro, Affonso de Taunay (seu grande amigo, diretor do Museu Paulista) publica, no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, o artigo "Roquette-Pinto". No dia 6 de Janeiro de 1955, por ocasião do 21º aniversário da Rádio "Roquette-Pinto", é irradiado programa especial em homenagem à data e no qual foi evocada a figura de Roquette-Pinto, fundador e patrono recentemente falecido. Neste programa, fizeram depoimentos: Fernando Tude de Souza, Maciel Pinheiro, Heloisa Alberto Torres, Pedro Gouvêa Filho, membros da Associação Brasileira de Imprensa, Manoel Barcelos (presidente da Associação Brasileira de Rádio), Gastão Cruls, Alim Pedro (Prefeito do DF) e Haroldo Cunha Lisboa (Secretário da Educação e Cultura da PDF). No dia 26 de Abril do mesmo ano, Josué Montello publica a sua primeira coluna "Notas e Opiniões", no Jornal do Brasil, sucedendo o antigo articulista, Edgar Roquette-Pinto.

Em 6 de Janeiro de 1956, com o título de "Aniversário Sem Festa", é publicado artigo em jornal (sem assinatura) denunciando as péssimas condições em que se encontrava a Rádio "Roquette-Pinto". Diz o artigo:

A estação oficial (da Prefeitura) continua a ocupar a velha sede do Edifício Andorinhas, com as paredes em ruínas, a aparelhagem gasta pelo uso, os móveis quase imprestáveis.

No mesmo ano de 1956, é publicado o Discurso de Posse na Academia Brasileira (Estudo Sobre Roquette-Pinto), de Alvaro Lins, sucessor de Roquette-Pinto na cadeira 17 da ABL. Em 1959, é publicado A Contribuição de E. Roquette-Pinto Para a Antropologia Brasileira, do antropólogo Luis de Castro Faria, professor do Museu Nacional, aprovado em concurso, cuja banca de seleção foi composta, entre outros, por Roquette-Pinto.

Em 1967, Joel Silveira, em artigo de jornal, reclama de ninguém ter se lembrado de que, naquele ano, se completava meio centenário do lançamento do livro Rondônia. Afirma que nem mesmo Alvaro Lins, sucessor de Roquette-Pinto na cadeira 17 da ABL, lembrou o fato.

Em 1984, foi comemorado o centenário do nascimento de Roquette-Pinto. A Rádio Ministério da Educação e Cultura (antiga Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette-Pinto) elaborou dois programas em homenagem à data. Estes programas já não contam mais com depoimentos daqueles que constituíam a roda intelectual partilhada por Roquette-Pinto. Os programas foram feitos por jornalistas profissionais. As pessoas que com ele conviveram já haviam falecido. Não existe o mesmo envolvimento emocional dos programas de Rádio que se faziam na época de vida de Roquette-Pinto. Sabe-se que, de sua casa, ele sentava em frente a um microfone (que havia sido instalado ali, em conexão com a Rádio Sociedade) e transmitia as notícias da manhã, que ele mesmo selecionava dos jornais impressos que recebia. De sua

residência, com as notícias da hora na mão, circundado de intelectuais, Roquette-Pinto apresentava o seu **Jornal da Manhã**. Não existe um só **Jornal** desses gravado. Nada que se possa ouvir novamente. Naquela época, não se gravava programas de Rádio...

Resta dizer, ainda, nesta breve retrospectiva de vida, que alguns acreditam que Edgar Roquette-Pinto não foi um homem intimamente muito feliz. Casou-se bastante jovem, teve dois filhos - Paulo e Beatriz -, mas separou-se da esposa bastante cedo. Dona Beatriz (sua filha, que encontra-se viva, morando no Rio de Janeiro) diz que ele não se casou novamente porque tinha um espírito desbravador, parecido com o de Rondon, e portanto sem muito tempo para a vida doméstica. O filho - Paulo - era também médico de formação e chegou a trabalhar, por algum tempo, no Museu Nacional ao seu lado. Mas desistiu logo, e foi trabalhar em outra atividade. A filha - Beatriz - trabalhou com o pai até o final de sua vida (tanto na Rádio Sociedade, quando no INCE).

3. Esperanças nacionais .

Sem dúvida Roquette-Pinto e os intelectuais com quem conviveu tinham um projeto para transformar o Brasil. Um projeto educacional. Entretanto, a procura de fazer com que o Brasil deixasse de ser um país pobre e doente, para se tornar uma Nação próspera, progressista e soberana, não estava baseada apenas nos ditames da razão. Havia algo de emocional, algo que perturbava os sentimentos, a ponto de despartar uma comoção. A leitura atenta

de textos dos intelectuais que começaram a escrever na virada do século, demonstra inúmeras linhas escritas por mãos e espíritos inquietos, das assossegados, ansiosos, aflitos...

Euclides da Cunha tinha um espírito inquieto. Roquette-Pinto, procurando visualizar o Brasil, se emocionou com Euclides, que em Os Sertões, ao levantar os traços mais expressivos das subraças sertanejas, que no seu entender eram compostos por fatores que iam desde as vicissitudes históricas até a deplorável situação mental em que jaziam, mostra a sua inquietude ao escrever que

a civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável 'força motriz da História', que Gumplowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes (Cunha, 1902:7).

Graça Aranha demonstrava certa ansiedade. Roquette-Pinto, procurando compreender o Brasil, se entusiasmou com Graça Aranha, que em Canaã, mostra a sua ansiedade pela busca da Terra Prometida e a frustração ao perceber que ela não existia, uma vez que, na sua interpretação, era na verdade uma terra de um povo de raça inferior:

- Não te canses em vão... é inútil... A terra da Promissão, que eu ia te mostrar e que também ansioso buscava, não a vejo mais... Ainda não despontou à

Vida. Paremos aqui e esperemos que ela venha vindo no sangue das gerações redimidas (Aranha, 1901:254).

Alberto Torres e Manuel Bomfim manifestaram alguma aflição. Roquette-Pinto, procurando firmar a sua atuação social nas raízes do nacionalismo da época, se inspirou nos dois autores. Em Q Problema Nacional Brasileiro, Alberto Torres mostra que patriotismo e nacionalismo eram, antes de tudo, um estado de espírito emocional:

Uma sociedade perturbada, aos azares do desgoverno, não deixa livre a mais sólida vontade. Se Tennyson tinha razão quando escreveu 'I am a part of all I have seen', a vida parece toda concertada para nos convencer que, muito mais que frações das coisas que temos visto, somos penas e flocos de neve, à mercê de todos os ventos que varrem a sociedade.

E se um propósito forte e tenaz vence, por vezes, os estímulos do interesse e da ambição, e as próprias solicitações da saúde, não há resistência possível ao comando do patriotismo, quando nos aponta o cumprimento de um dever, inscrito na alma, como voto de apostolado, desde a idade primaveril em que, lançando-nos à vida, abrimos à fecundação dos ideais a flor do nosso espírito...

Meus estudos eram o reatamento de uma vida intelectual e moral, nascida com as primeiras inspirações da mocidade, que os azares da existência

e, principalmente, os da política, haviam perturbado
(Alberto Torres, 1933:20).

Naturalismo, miscigenação do povo brasileiro, racismo, preconceito, nacionalismo e definição de povo - estes foram os temas principais desenvolvidos por Roquette-Pinto, em artigos dedicados a Alberto Torres e a Manoel Bomfim, no livro Ensaio Brasileiros (1941). O livro encontra-se editado em três partes. A primeira, intitula-se "Gloria Sem Rumor", e é dedicada a autores cujo pensamento (ou determinados aspectos do pensamento voltados para a realidade brasileira) identificava-se com o de Roquette-Pinto. É nessa primeira parte que se encontram os artigos dedicados a Alberto Torres e a Manoel Bomfim.

Os artigos são elogiosos, revelando a identidade de pensamento que existiu entre os três. Roquette-Pinto abre o artigo sobre Alberto Torres, dizendo:

Ninguém, no Brasil, até hoje, pensou com mais clareza e mais profundidade, sobre os nossos grandes problemas do que Alberto Torres. E ninguém soube, como ele, explicar a nação a si mesma (Roquette-Pinto, 1941:63).

E abre o artigo sobre Manoel Bomfim, falando a respeito do livro O Brasil na América:

é uma grande voz contra a bacharelise ousada, que

se intromete na biologia humana, com o mesmo desprante das mulheres velhas, que receitam mezinhas para qualquer enfermo. Livro são. Erudito e despretencioso. Forte. Claro. Preciso. E, ao mesmo tempo, cheio de comunicativa emoção. É, para mim, o melhor dos livros de M. Bomfim; um dos mais notáveis trabalhos de pensamento, publicados neste país, nos últimos tempos (Roquette-Pinto, 1941:91).

Unindo miscigenação e nacionalidade, em Alberto Torres, afirma:

O grande sociólogo sabia que a raça não pode servir de base à nação. A nacionalidade é obra de construção social. As sociedades sem espírito nacional, são como os hotéis ou as estradas de ferro onde se encontram e cruzam-se, em movimento febril, milhares de indivíduos, camadas e gerações, sem nenhuma consciência do interesse comum. Tais sociedades, acrescenta Alberto Torres, não deixam, em pós si, senão riquezas mortas e monumentos mais mortos ainda; obras frias de uma história que não anima o espírito de um ideal (Roquette-Pinto, 1941:63).

Relacionando miscigenação e preconceito, em Manoel Bomfim, escreve:

No volume atual estuda o caso particular da formação brasileira, desmentando o preconceito pueril e o comodismo dos que atribuem todos os nossos males à raça, ao cruzamento, à mestiçagem... (Roquette-Pinto, 1941:91).

E, finalmente, interligando todos estes temas, no sentido de apontar para uma conclusão, estabelece comunicação entre Alberto Torres e Manoel Bomfim, declarando:

O livro de Manoel Bomfim - O Brasil na América - veio no bom momento, abrir os olhos dos estudiosos contra os imprudentes e levianos que, sem medir o dano que fazem, porque a ciência, que os serve, para tanto não basta, tentam criar no Brasil uma 'questão de raças', explorando preconceitos que mal vegetam na população, aumentando ainda mais o que o grande espírito de Alberto Torres considerou o maior mal desse país: falta de organização social (Roquette-Pinto, 1941:93-94).

Quem é o dono desta terra? Quem é o dono do Brasil? Finalizando o artigo sobre Alberto Torres, Roquette-Pinto responde e propõe:

O povo brasileiro não é de fato o dono da sua terra. Senhoream-na muitos brasileiros e alguns estrangeiros; o povo, não. Este só poderá vir a ter o

seu quinhão, quando houver, aqui, organização dos valores. Essa depende dos estadistas, mas repousará nas forças vivas das nossas raças (Roquette-Pinto, 1941:65).

Fernando de Azevedo tinha um espírito desassossegado. Roquette-Pinto, entendendo que os problemas brasileiros não encontravam origem na miscigenação racial de seu povo, e, portanto, procurando transformar o Brasil através da Educação, trabalhou com Fernando de Azevedo, que em A Transmissão da Cultura confessava ter sido a "Educação Nova" um movimento turbulento que estabeleceu um estado social

de trepidação dos espíritos, de sôfregas impaciências e de aspirações ardentes (Azevedo, 1976:164).

As discussões em torno do projeto de salvar o Brasil por meio da Educação se tornaram a tal ponto acaloradas, que na década de 30 Jônatas Serrano escreveu um livro com o título de A Escola Nova - e com o subtítulo de "Uma Palavra Serena em um Debate Apaixonado". Discutindo, entre outras coisas, no prefácio, o caráter "revolucionário" da Educação Nova, Serrano procura abrir, com o seu livro, um espaço para a razão, no agitado e emocional debate. Diz ele:

Tem estas páginas a ambição de trazer em

contingente, mínimo que seja, para melhor se entenderem certos pontos e mais nítidos se desenharem certos aspectos, não raro transformados ou transfigurados pelo ardor da polémica ou pela cega visão do entusiasmo (Serrano, 1932:6).

Enfim, vivendo em meio ao calor emocional das interpretações intelectuais, Roquette-Pinto torna-se mais um a se juntar na disputa pela salvação nacional. É esta palavra - "nacional" - tinha para ele um amplo significado e uma importância muito grande. Encontramos, entre outros escritos, a seguinte frase:

*Sou fã do Pau-Brasil. Sempre que posso - planto um exemplar (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil, "Notas e Opiniões", 20/11/51)**.*

O seu nacionalismo chega ao ponto de escrever um artigo, bastante emocional, no qual exalta a bandeira como um símbolo:

Aquela expressão - seguir constantemente a sua bandeira - é um compromisso fundamental. Não devia ser só dos militares. Porque, na verdade, um homem de bem encontra sempre, na sua bandeira - um guia seguro. Qualquer dúvida que tenha quanto à atitude que deve tomar desaparece logo, se ele pensa que é preciso seguir a bandeira... (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil, "Notas e Opiniões", 21/6/52).

Capítulo II / Notas

1. Na coluna "Notas e Opiniões", para o Jornal do Brasil, de 10 de Maio de 1952, ele diz que longos dias de doença, no mês de Abril daquele ano, fizeram com que não pudesse ler nem escrever. Minhas pesquisas mostraram que a publicação de sua coluna, naquele jornal diário, interrompe-se em 15 de Março, voltando a sair em 10 de Maio.
2. Isso me foi dito em 1987 por sua filha, Dona Beatriz Roquette-Pinto Bojunga, no seu elegante apartamento da Av. Atlântica, no Rio de Janeiro, no qual ela guarda e venera, numa parede destacada, o retrato à óleo do pai, obra da pintora Maria Luiza Maciel Pinheiro.
3. Até 1955, portanto um ano após sua morte, várias homenagens póstumas foram realizadas e vários artigos foram publicados exaltando a memória do professor Roquette-Pinto. Mesmo aqueles que não estavam diretamente envolvidos em projetos educativos - como Gastão Cruls e Affonso de Taunay - escreveram lembrando, sobretudo, sua atividade educacional.
4. Este artigo retoma artigos anteriores nos quais ele mostra a distinção entre "instrução" e "educação". Tal distinção marca o pensamento de Roquette-Pinto (bem como da maioria dos educadores da época), e será melhor destacada na segunda parte deste mesmo Capítulo.

5. Na coluna "Notas e Opiniões", de 15/12/53, Roquette-Pinto lembra que Maciel Pinheiro usava a expressão Civilização Brasileira. "No meu linguajar" - diz ele - "seria brasileira".
6. Esta é uma matéria controvertida, na qual Roquette-Pinto procura a eugenia do povo brasileiro através da educação. Ela se apresenta na segunda parte deste Capítulo.
7. A relação de Roquette-Pinto com o positivismo encontra-se trabalhada no Capítulo IV.
8. O Prof. Castro Faria orgulha-se de dizer que Roquette-Pinto só retornou ao Museu Nacional, na década de 50, para fazer parte da banca que o examinou para ingresso no quadro de professores daquela casa.
9. Tais tempos se apresentam, de forma mais ou menos cronológica, no Capítulo IV.
10. O processo de renovação da educação, em relação ao contexto histórico da época, encontra-se analisado no Capítulo IV.
11. Na primeira parte deste capítulo, o leitor poderá ler uma declaração de Roquette-Pinto na imprensa posicionando-se contrário à esterilização de pessoas doentes. Esta declaração é de 1933 e, aparentemente, contradiz o que ele pensava a respeito da eugenia no final dos anos 20. Naquele momento, o tema encontrava-se em debate no mundo inteiro, e em especial nos EUA. Cf. GOULD, Stephan Jay. The Mismeasure of Men. Norton, NY: 1940.

12. Roquette-Pinto dedica os seus Ensaio Brasileiros (1941) a Afrânio Peixoto e a Heloisa Alberto Torres.
13. A respeito deste livro de Lourenço Filho, Fernando de Azevedo vai dizer que é o "melhor ensaio em língua portuguesa sobre as bases biológicas e psicológicas das novas teorias de educação" (Azevedo, 1976:168).
14. Note-se que o "movimento renovador da educação" inspirou a publicação de vários livros entre 1930 e 1932. Afrânio Peixoto, Lourenço Filho, Francisco Venâncio Filho, entre outros, publicaram seus principais livros nestes anos.
15. Roquette-Pinto praticamente não escreveu acerca dos princípios filosóficos da educação da época. Talvez tenha acreditado que a missão de educar era mais urgente e importante do que ficar escrevendo. Afinal, vários outros já tinham escrito. Roquette-Pinto, por outro lado, escreveu muito sobre como utilizar, na prática, os meios técnicos mais recentes no trabalho efetivo de educar a Nação (cf. diversos artigos seus na coluna "Notas e Opiniões", do Jornal do Brasil, entre 1951 e 1954). Esta, creio, foi a sua principal colaboração.
16. Este tema será abordado no Capítulo III.

CAPITULO III

O ANTROPOLOGO ROQUETTE-PINTO

Tão logo o antropólogo físico reconheça que "a raça é o que a raça faz" terá também de admitir que quaisquer medidas, classificações ou descrições de tipo físico não têm nenhuma relevância a menos e até que pudermos correlacionar o tipo físico com o poder de criação cultural de uma raça.

Bronislaw Malinowski

O ANTROPOLOGO ROQUETTE-PINTO

1. O assunto deste capítulo

O presente capítulo, dividido em três partes, procurará: 1) mostrar o trabalho do antropólogo Roquette-Pinto e sua atuação como cientista e divulgador do saber e da ciência na direção do Museu Nacional do Rio de Janeiro nos anos 20 e 30; 2) mostrar, especificamente, o método de pesquisa antropológica utilizado na época vivida pelo autor, bem como suas pesquisas e os temas científicos com que lidou; 3) compreender por que Roquette-Pinto deixa a Antropologia para se dedicar, quase que exclusivamente, à educação popular.

O Museu Nacional, a Antropologia que se fazia naquela casa até os anos 50, e o desempenho de Roquette-Pinto como um antropólogo a caminho da educação popular. Este será o assunto do presente capítulo.

2. Roquette-Pinto: um antropólogo físico, cientista e divulgador do saber do Museu Nacional

Quando em 1926 Roquette-Pinto assumiu o cargo de diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro (instituição que o acolheu durante toda a sua vida de antropólogo estudioso e pesquisador), ele já tinha claro e definido aquilo que compreendia ser um

Museu. Ele não queria ser mais um diretor de uma instituição de pesquisa isolada, freqüentada por um público erudito e seletivo, afastada do público leigo e até mesmo ignorante. Ele queria que as pesquisas e os estudos que lá se desenvolviam pudessem ser divulgados para o povo.

Tendo como meta aquilo que entendia ser o estudo da realidade natural brasileira, e com o objetivo de que os resultados de suas pesquisas fossem amplamente divulgados, Roquette-Pinto fez Antropologia Física - ele não fez Antropologia Cultural¹.

Antropologia Física também era o que se fazia, nas primeiras décadas deste século, no Museu Nacional. Mas a base e a origem da Antropologia Física é o Naturalismo. Desde inícios do século XIX, naturalistas estrangeiros (sobretudo alemães) aportavam no Brasil em busca de coleta de material, em princípio material botânico e zoológico. A tarefa dos viajantes estrangeiros era a de coletar e classificar. A classificação se dava no Museu Nacional, fundado em 1818, cujo objetivo de criação era o de "propagar os conhecimentos e estudos das Ciências Naturais do Reino do Brasil" (citado por Castro Faria, 1949:3). "José Bonifácio de Andrade e Silva, como ministro do Império, dirigia-se a todos os naturalistas que então percorriam as nossas terras - entre eles Natterer, Langsdorff, Selow - solicitando material para o Museu e oferecendo, como recompensa, todas as facilidades oficiais que pudessem favorecer os seus trabalhos no interior das províncias" (Castro Faria, 1949:4).

Algum tempo se passou antes que a Antropologia começasse a ser, na qualidade de disciplina específica, algo que se configurasse como um método de pesquisa no Museu Nacional. O desenvolvimento científico já havia começado a se processar no início do século XIX, mas estava praticamente voltado para o mundo das Ciências Naturais. Ainda circunscrito a este mundo, em 3 de Fevereiro de 1842 o então diretor do Museu Nacional - Frei Custódio Alves Serrão - conseguiu que fosse assinado novo regulamento que dava àquela casa "uma organização acomodada à melhor classificação dos objetos. Ainda por esse regulamento, o Museu foi dividido nas 4 seções seguintes: 1ª seção - De Anatomia comparada e Zoologia; 2ª seção - De Botânica, Agricultura e Artes Mecânicas; 3ª seção - De Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas; 4ª seção - De Numismática, Artes Liberais, Arqueologia, usos e costumes das nações antigas e modernas" (Roquette-Pinto, Paulo, 1933:12-13).

Sob a direção do Dr. Frederico Leopoldo Cesar Bulamarqui (ex-aluno de Custódio Serrão na Escola Militar), o Museu conseguiu dispor de pequena verba para designar o tenente-coronel Francisco Raimundo de Faria como colecionador de produtos naturais e etnográficos no vale do Amazonas. Diz Castro Faria: "Foi a primeira referência que encontramos do colecionamento de material etnográfico por conta do Museu" (Castro Faria, 1949:7). Foi Cesar Bulamarqui quem conseguiu a nomeação dos primeiros naturalistas viajantes a serviço do Museu, fundando também a Biblioteca do Museu Nacional com cerca de 13 mil volumes. Em 1933, Paulo Roquette-Pinto (filho de Roquette-Pinto) dizia que

"atualmente esta Biblioteca pode ser considerada uma das mais ricas da América do Sul no que diz respeito à História Natural" (Roquette-Pinto, Paulo, 1933:14).

Com a morte de Cesar Bulamarqui, em 1866, assume o cargo de diretor do Museu o Conselheiro Francisco Freire Allemão, mestre de Botânica da Escola de Medicina. Mas Freire Allemão, já idoso e cansado, teve no Dr. Ladislau de Souza Mello e Netto, também professor de Botânica (do Museu), um auxiliar que praticamente se responsabilizava pela direção e administração da casa. Freire Allemão morreu em 1874, deixando livre o cargo de diretor do Museu, imediatamente assumido por Ladislau Netto. Foi Ladislau Netto quem, em 1876, criou os Arquivos do Museu Nacional, série de revistas voltadas ainda sobretudo para a publicação de pesquisas nas áreas da Botânica, Zoologia e Geologia². Foi também na direção de Ladislau Netto que, anexado ao Museu, foi fundado o laboratório de Fisiologia Experimental. Louis Conty e Baptista de Lacerda foram os primeiros diretores do Gabinete de Fisiologia Experimental. Neste momento, Fritz Muller - tantas vezes citado por Roquette-Pinto - era um grande colaborador do Museu.

Em 29 de Julho de 1882, com a presença do Imperador, Ladislau Netto inaugura a Exposição Antropológica do Museu Nacional (a primeira exposição). Paulo Roquette-Pinto diz que esta foi "uma manifestação científica de alcance do povo. Durante um mês esta Exposição foi franqueada à curiosidade pública" (Roquette-Pinto, Paulo, 1933:20).

Em Dezembro de 1893, Ladislau Netto deixa a direção do

Museu. Após rápida passagem, na qualidade de diretor interino, do Dr. Domingos Freire, assume a direção um "primeiro antropologista" (Castro Faria, 1949:11) - o Dr. João Baptista de Lacerda. Na sua gestão, foi criado um laboratório de Química Analítica, além de ter sido incrementada a coleção etnográfica referente aos índios. Baptista de Lacerda dirigiu o Museu Nacional por 20 anos, tendo falecido em Agosto de 1915. Nestes 20 anos, a Antropologia não só recebeu destaque no Museu, como também começou a ser divulgada na qualidade de disciplina específica. O Museu começa a abrir as suas portas ao público - meta depois sempre perseguida por Roquette-Pinto -, adquirindo então um novo objetivo: "O seu fim será dar ao visitante idéias claras e precisas, desenrolar para ele fatos essenciais, sem o fatigar com uma documentação excessiva. As peças antropológicas ou etnográficas serão escolhidas entre as mais típicas e se evitará cuidadosamente a a apresentação de séries numerosas, onde a atenção se cansa e se dispersa" (Castro Faria, 1949:13). No mesmo ano da morte de Baptista de Lacerda, foi nomeado o novo diretor, Dr. Bruno Lobo. Nesta época, as seções de Etnografia e Zoologia foram enriquecidas graças às coleções doadas por Rondon. Em fins de 1922, Bruno Lobo foi substituído pelo Dr. Arthur Neiva, que ficou na direção do Museu até 1926. Arthur Neiva criou o Boletim do Museu Nacional.

Roquette-Pinto assume a direção em 1926. Fez algumas reformas no prédio do Museu, que neste momento já se encontrava situado no Palácio da Quinta da Boa Vista, antiga residência da "dinastia banida" (Roquette-Pinto, Paulo, 1933:21) em virtude da

Proclamação da República. Mas Roquette-Pinto fez, sobretudo, reformas no regulamento interno do Museu. Tais reformas procuraram fazer daquela casa uma instituição mais adequada ao desenvolvimento do país. E esta "adequação" ao desenvolvimento do país significava tornar o Museu uma casa de ensino. Paulo Roquette-Pinto dizia, em 1933, que "os que quiserem ser justos hão de reconhecer que a atual reforma do secular instituto impediu que o Museu ficasse isolado, deixando-se atrasar no surto da vida do país. A cultura de um povo acha-se aliada à criação dos Museus - mas é necessário que ambos marchem intimamente unidos com o progredir contínuo dos desdobramentos do engenho humano. Ninguém pode negar que a atual organização do Museu procura se adaptar às novas circunstâncias, alargando o seu campo de atividade na 'pesquisa', no 'reconhecimento' e na 'divulgação da natureza'". Pelo decreto de 1931 o Museu Nacional é um instituto autônomo e administrativamente dependente do Ministério da Educação e Saúde Pública, dividido em 9 divisões técnicas agrupadas, para efeito administrativo, em 5 seções, a saber: 1ª seção - 1ª divisão: Mineralogia e Geologia; 2ª divisão: Estratigrafia e Paleontologia, Professor A. Betim Paes Leme. 2ª seção - 3ª divisão: Botânica; 4ª divisão: Botânica, Professor Alberto Sampaio. 3ª seção - 5ª divisão: Zoologia (invertebrados); 6ª divisão: zoologia (vertebrados), Professor Miranda Ribeiro. 4ª seção - 7ª divisão: Antropologia; 8ª divisão: Etnografia, Professora Heloisa Alberto Torres. 5ª seção - 9ª divisão: História Natural (Serviço de Assistência ao Ensino), Professor Roquette-Pinto" (Roquette-Pinto, Paulo, 1933:24-25). Para ele, o significado mais importante desta reforma estava na criação da 5ª

seção - História Natural (Serviço de Assistência ao Ensino): ela "é a intermediária entre as demais seções e o povo" (Roquette-Pinto, Paulo, 1933:26).

Maria Julia Pourchet afirma que Roquette-Pinto foi um pioneiro no que diz respeito à divulgação da ciência no Brasil. De fato, até Roquette-Pinto assumir a direção daquela casa, o Museu era franqueado apenas a um público seletivo, somente três vezes por semana, e assim mesmo durante algumas horas. A partir de 1926 (quando ele assume a direção), o Museu foi aberto ao público em geral, todos os dias da semana (exceto à noite). Paulo Roquette-Pinto diz que, em 1933, "cerca de 400 pessoas percorrem diariamente as suas coleções, o que já é um número bem apreciável se levarmos em conta o local de via de acesso não muito fácil" (1933:27). "Roquette-Pinto promoveu, também, cursos públicos, anualmente mantidos pelo Museu. Eram conferências ilustradas o mais possível por filmes, diapositivos e demonstrações práticas. Ele reunia amigos e professores do Museu - entre eles Alberto Sampaio, Betim Paes Leme, Bastos de Avila e Mello Leitão - para dar aulas 'as mais práticas possíveis'. Falava-se e mostrava-se. Foram cerca de 200 o número total de alunos inscritos nos diferentes cursos. Foram passados 832 diapositivos, 70 filmes, e feitas 60 experiências" (Roquette-Pinto, Paulo, 1933:28).

Para Roquette-Pinto, o Museu Nacional só teria sentido de existência, enquanto instituição, se fosse para divulgar o saber científico que se fazia naquela época, naquela casa e no Brasil³. E a ciência na época era a História Natural (que incluía a

Antropologia). O Museu procurava, neste sentido, responder à consultas que lhe eram feitas sobre assuntos de História Natural. Em 1932, o Museu "respondeu a cerca de 500 perguntas que de todas as partes lhe foram dirigidas" (Roquette-Pinto, Paulo, 1933:30). Os cursos e conferências eram voltados para alunos de escolas públicas secundárias. Além disso, as escolas eram recebidas no Museu, de uma forma que parecia que se estava transferindo a sala de aula para aquela casa. Paulo Roquette-Pinto dizia que o "uso desta sala de conferências como todo o seu aparelhamento é cedido gratuitamente aos professores que forem julgados idôneos pela diretoria. É uma ótima medida essa. A estatística mostra que no ano findo freqüentaram a sala de conferência do Museu perto de 30 colégios e escolas públicas, num total de 2.282 alunos e foram passados perto de 100 filmes e cerca de 1.000 diapositivos" (1933:30). Cabe destacar que havia um elenco de 12 itens - intitulados "Conselhos enviados pelo Museu à nossa classe estudiosa" - que orientavam a forma pela qual os professores deveriam ensinar aos seus alunos a História Natural. Estes "conselhos" orientavam os professores secundários no sentido de que a educação deveria ir além da mera instrução. Era importante ensinar aos alunos a disciplina considerada necessária ao bem estar físico e social dos homens e mulheres que compunham a Nação.

Para Edgar Roquette-Pinto, o Museu Nacional do Rio de Janeiro era, portanto, a casa em que se fazia ciência e a casa em que se divulgava ciência. Em artigo dedicado ao Prof. Luis de Castro Faria, no qual comenta o atraso do ingresso da

Antropologia nas Universidades - tendo sido incluída nos currículos somente na administração do ministro Gustavo Capanema -, Roquette-Pinto diz que a disciplina,

até então, era ensinada e praticada no Museu Nacional.

E arremata:

E qual foi a ciência, no Brasil, que não nasceu naquela grande casa? (Roquette-Pinto. Jornal do Brasil. Notas e Opiniões". 28/6/52).

3. A somatometria e a antropometria como métodos de pesquisa

A formação de Roquette-Pinto, como médico e antropólogo, deve ser buscada em sua origem no pensamento social dos intelectuais da "geração 70". A partir de 1870, os Museus deixam de ser simples locais de armazenamento e classificação de objetos naturais e passam a ser considerados centros de pesquisa científica, embasada sobretudo pela entrada das teorias evolucionista e positivista no Brasil. Foi depois de 1870 que o Museu Nacional (sob a direção de Ladislau Netto) fundou o seu laboratório de Fisiologia Experimental. Foi também após esta data que surgiram os Arquivos do Museu Nacional, pensados "enquanto um 'símbolo' de cientificidade, que contribuía para a divulgação do Museu aqui e no exterior" (Schwarcz, 1988:18). Agora, a mera

coleta e classificação cede lugar a uma conceituação mais elaborada acerca da natureza e do povo brasileiro. A pesquisa científica no Museu torna-se, sobretudo, nacionalista, na medida em que começa a procurar a identidade nacional. É neste contexto que deve ser compreendida a tipologia dos brasileiros, criada por Roquette-Pinto - leucodermos, faiodermos, xantodermos e melanodermos -, a qual alguns intelectuais, até hoje - como, por exemplo, Maria Julia Pourchet e Luis de Castro Faria (em entrevista) -, julgam ser pioneira. Esses intelectuais dizem mesmo que a construção dos "tipos nacionais", elaborada por Roquette-Pinto, foi uma iniciativa que abriu caminho para a compreensão antropológica e científica do povo brasileiro.

Mas é preciso ver a criação dos "tipos nacionais", considerada algo idealizado por Roquette-Pinto, à luz da Antropologia Física que se fazia na época no Brasil, que se apoiava teoricamente nos trabalhos do alemão Rudolf Martin, e que tinha dois ramos principais: a somatometria e a antropometria. Chama a atenção o fato de que os mais notáveis antropólogos físicos daquele momento, no país, remetiam o ponto de partida de suas pesquisas à tipologia criada por Roquette-Pinto. Tomo como exemplo, aqui, Bastos de Avila, que conviveu com Roquette-Pinto, tendo trabalhado com ele por vários anos no Museu Nacional. Num de seus livros mais marcados pela Antropologia Física do momento, Bastos de Avila lembra que

deve-se ao Professor Roquette-Pinto o maior avanço realizado entre nós, no campo da raciologia. Já

se tornou clássica a divisão que apresentou nas populações brasileiras nos quatro grupos: leucodermos, faiodermos, xantodermos e melanodermos (Bastos de Avila, 1940:8).

Depois de analisar cada um dos grupos, o autor termina as páginas de introdução do livro, dizendo:

Por aí, parece, se deve começar (Bastos de Avila, 1940:8).

Bastos de Avila dizia isso porque o próprio Roquette-Pinto, no Capítulo XV dos Ensaio de Anthropologia Brasileira (1933) - capítulo em que apresenta a tipologia -, parte justamente dos principais tipos antropológicos caracterizados na população "brasileira" para desenvolver os tipos de estatura, curva de frequência do índice cefálico, altura da face etc. mais predominantes em cada tipo. O capítulo é longo, contém fórmulas empregadas na classificação (tais como média aritmética, desvio padrão, erro medio da media etc), e foi escrito com a intenção de provar - segundo a ciência que se aplicava na época - que cada tipo miscigenado não continha em si mesmo nenhuma inferioridade de ordem genética. Uma vez isto tendo sido provado, Roquette-Pinto conclui o capítulo com uma de suas frases que ficaram famosas:

A Anthropologia prova que o homem, no Brasil,

precisa ser educado e não substituído (Roquette-Pinto, 1933:172. Grifos do autor).

Mas toda a detalhada e minuciosa classificação, elaborada por Roquette-Pinto ou pelos outros antropólogos com quem conviveu, encontrava origem nos trabalhos do alemão Rudolf Martin. A nomenclatura de tipos principais gerais, assim como tabelas, gráficos e fichas já haviam sido elaboradas por Rudolf Martin. Isto pode sugerir que não tenha havido total originalidade, por parte de Roquette-Pinto, na elaboração dos principais tipos encontrados na população brasileira.

Deste modo, uma análise mais detalhada da Antropologia Física no Brasil daquele período nos obriga a um exame de sua metodologia de pesquisa, isto é, dos dois ramos considerados: a somatometria e a antropometria. Bastos de Avila, num outro livro sobre a Antropologia da época, define a somatometria como uma disciplina que vai "pesquisando de um lado, e com aproximação matemática, o complexo de características individuais, que todos redundam no aperfeiçoamento dos conhecimentos da biologia humana, de outro indaga da distribuição desses característicos dentro das populações, perquirindo tanto quanto possível as relações porventura existentes entre alguns deles, senão todos, e as condições mesológicas e ambientais, tirando por conseguinte ilações de causa e efeito, e dando finalmente margem a uma intervenção eficiente e oportuna dos preceitos de higiene" (Bastos de Avila, 1935:7).

A antropometria, por sua vez, "faz valer sua significação na

biologia comparativa dos grupos humanos" (Bastos de Avila, 1935:7). Sua matéria de estudo é a "biometria do homem em seu mais amplo sentido, quer o encare no espaço quer no tempo" (1935:7). O Museu Nacional contava com diversas fichas antropométricas nas quais eram anotados os principais "característicos" do ser humano - tais como cor da pele, cor dos olhos, tipo e cor do cabelo, forma e dimensões da cabeça, proporção do corpo humano, nariz, forma dos lábios, orelha e, finalmente, cavidade orbitária e fenda palpebral. Observando um grupo humano, esses "característicos" eram anotados nas fichas, classificados e depois comparados com outros grupos humanos. Portanto, o que existiam eram fichas vazias nas quais poderiam ser anotados quaisquer "característicos" bio/fisiológicos encontrados em todos os grupos humanos existentes na Terra. O modelo vazio já existia. Bastava que fosse aplicado a cada sociedade em particular.

Mas qual era a importância dessa classificação? Qual a sua intenção? Qual era o valor da pesquisa antropométrica? Bastos de Avila, a respeito da ficha antropométrica, diz que ela é "indispensável em qualquer pesquisa, que se tenha em vista o estudo do desenvolvimento físico do indivíduo, seja para o julgamento de suas condições personalíssimas em um momento preciso de sua existência, seja para a comparação dos dados coligidos, com os de outro indivíduo da mesma série ou de série diferente" (Bastos de Avila, 1940:9).

Essa classificação implicava, portanto, um julgamento das

condições de indivíduos ou grupos, julgamento este que tinha por critério a comparação com outros indivíduos. Ou seja: através de comparações, poder-se-ia estabelecer quem tem maior ou menor condição para isto ou para aquilo. Justamente por isso, a antropometria interessava ao "pediatra que deve conhecer a técnica antropométrica para acompanhar conscientemente o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. Interessa ao inspetor médico, quando interpreta com segurança a curva de crescimento em peso e estatura do escolar. Ao médico-militar, na seleção justa e honesta dos recrutas, como ao técnico das companhias de previdência social, na admissão judiciosa dos segurados, etc. Mais ainda, e o ponto ferido é relevante em suas conseqüências práticas de higiene social, a antropometria não poderá ser descurada nas classes experimentais e pré-vocacionais dos institutos de ensino" (Bastos de Avila, 1935:8).

É certo que, com relação a antropometria, "a mensuração é seu método de pesquisa. O conhecimento aprofundado da biologia humana, sua finalidade" (Bastos de Avila, 1935:13). Mas este conhecimento aprofundado da biologia humana levava à conclusão de que, "pela descrição sistemática do exterior do corpo, pela fotografia, pelas mensurações, em uma palavra, pela Antropometria, chega-se a estabelecer relações entre portadores de psicoses maniaco-depressiva e loucura esquizofrênica e arquitetura corporal" (Bastos de Avila, 1935:16).

A partir deste trabalho e desta metodologia de pesquisa, poder-se-ia, então, chegar a uma definição do que era a Antropologia na época. E essa definição foi justamente elaborada

por quem estava no Museu Nacional naquele momento: Bastos de Avila, Frões da Fonseca e Roquette-Pinto. É deste modo que eles a definem:

A Antropologia, definiu-a o Professor Frões da Fonseca, é a biologia comperativa dos grupos humanos.

Essa definição foi completada e esclarecida pelo Professor Roquette-Pinto, com o acréscimo da expressão a grupos humanos - encarados do ponto de vista do sexo, da idade, da constituição e da raça.

Antropologia é, pois, a biologia comperativa dos grupos humanos, encarada do ponto de vista do sexo, da idade, da constituição e da raça. Isola-se assim da Etnologia, cujo objetivo reside antes no estudo dos documentos que dizem respeito aos aspectos sociais desses grupos. (...)

Antropologia não é entretanto simples "fenotipologia". (...)

Frões da Fonseca e Roquette-Pinto atribuem à Antropologia a seguinte divisão:

I - Antropologia Zoológicas: Anatomia, Fisiologia, Psicologia, Patologia e Distribuição Geográfica dos Primatas;

II - Antropologia Raciais: Anatomia, Fisiologia, Patologia, Psicologia e Distribuição Geográfica das Raças;

III - Antropotipologia: Estudo dos tipos

*constitucionais dos sexos, das idades, dos
caracteristicos individuais (identificação) e dos
caracteristicos profissionais;*

*IV - Paleontologia Humana: Antropogênese (Bastos
de Avila, 1935:10. Grifos do autor)⁴.*

Observando mais de perto os critérios de comparação adotados pela Antropologia Física que se fazia naquele instante, verificamos que, de forma quase singela, Bastos de Avila diz que a "mãe solicita que acompanha o crescimento do filho pequenino, ou lhe compara o desenvolvimento com o de outras crianças de mesma idade, já faz antropometria posto que inconsciente" (1935:12). Parece que existe, portanto, um padrão ideal de desenvolvimento infantil⁵. Dito de outra forma, parece que existe uma meta a alcançar, muito embora vários não a alcancem, por causa de bloqueios que possam aparecer no próprio desenvolvimento físico. Tratava-se de uma perspectiva baseada num índice de evolução biológica pré-determinado.

4. O "fazer" antropológico se esgota. Porém ilumina o "fazer" cultural .

Tudo indica que Roquette-Pinto, embora tendo feito Antropologia Física, e tendo até mesmo colaborado na elaboração de uma definição sobre Antropologia, não se satisfazia ao pensar que a Antropologia é a "biologia comparativa dos grupos humanos". Talvez isso se dê por ter tido contato, nos EUA, com Franz Boas,

considerado um autor que redimensionou a disciplina, procurando alcançar uma Antropologia Cultural. O fato é que Roquette-Pinto, fazendo Antropologia, praticamente transfere o índice de evolução biológica pré-determinado para um índice de evolução cultural (também pré-determinado). Já vimos que, posicionando-se contrário ao pensamento de Euclides da Cunha, ele não acreditava que, ao comparar os "tipos antropológicos nacionais", o mestiço brasileiro era um produto biológico degenerado. Muitas vezes ele disse que os problemas que o Brasil enfrentava não estavam na composição racial dos brasileiros miscigenados - mas na desorganização social do país. A questão, portanto, não era propriamente de biologia - mas fundamentalmente de cultura. Talvez isso tenha feito com que ele achasse que suas pesquisas na área da Antropologia Física tinham se esgotado. Mas a cultura - esta sim - era passível de mensuração. Era possível comparar sociedades diferentes e constatar qual delas encontrava-se em em estágio cultural mais avançado. Aliás, num sentido contrário, o estágio cultural no qual determinada sociedade se encontrava poderia ser responsável pela própria condição física do povo. Vivendo no Brasil, numa época em que o se começava a receber as primeiras brisas da Antropologia Cultural, Roquette-Pinto várias vezes disse que a desorganização social tornava o povo doente, e não o inverso.

O inverso, naquele período histórico, estava adquirindo ar de racismo. Acreditar, como Euclides da Cunha, que o brasileiro mestiço era responsável pelos problemas que o Brasil enfrentava, já era, no entender de Roquette-Pinto, racismo. Em 1952, num

artigo no qual defende a heterose6, ele diz:

Os cruzamentos na espécie humana foram, durante muito tempo, malsinados por gente ilustre que se deixava levar por velhos preconceitos - até mesmo religiosos - e não procurava provas; contentava-se com opiniões. No Brasil mesmo o racismo dominou nos trabalhos de Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e outros (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil, "Notas e Opiniões", 3/3/52).

Mesmo quando pensava em classificar e comparar, Roquette-Pinto procurava levar em consideração algo mais do que a dimensão biológica, algo mais do que a simples raça. Dois artigos chamam a atenção para isso. No primeiro, cujo tema era a "memória", ele se perguntava se a memória se manifesta diferentemente dependendo do tipo racial. No segundo, cujo tema era o "suicídio", ele fala de um antigo interesse seu a respeito do assunto, dizendo contudo que uma pesquisa comparativa sobre o tema não poderia levar em conta apenas a dimensão biológica dos indivíduos.

1) Comecei um belo dia, há bastante tempo, a recolher entre amigos e conhecidos informações a respeito do assunto. Acredito que existe, no problema, certo interesse antropológico, embora aí, como em muitos outros fenômenos, o indivíduo passe na frente da raça. Como surge a memória nos tipos raciais? Haverá

diferença entre brancos, amarelo e negros? E quanto ao sexo? é mais precoce nelas ou neles? Temas para pesquisa que deixo aqui indicados aos jovens antropólogos (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil, "Notas e Opiniões", 10/11/53, Grifos do autor).

2) Houve um diretor do Museu Nacional que se suicidou; foi o Dr. João de Silveira Caldeira . (...) Quando no Museu tomei conhecimento da história do Dr. Caldeira, pensei que o suicídio, como fenômeno antropológico e etnográfico, é assunto de interesse. Cheguei a tomar notas para um ensaio que nunca escrevi. Assunto para uma tese de algum moço estudioso. Quantas questões suscita o tema! Suicídio segundo as raças, as idades, os sexos, as profissões, as condições sociais e morais, etc. A raça branca é mais levada ao suicídio do que a negra. Mas na raça amarela acham-se os japoneses, que se matam por dá cá aquela palha, mesmo sem falar no suicídio oficial do harakiri, prática ritual que o Imperador manda um punhal ao súdito de que a nação precisa livrar-se. A nação... ou o próprio Imperador (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil, "Notas e Opiniões", 28/8/54).

Em 1953, Roquette-Pinto deixa claro o seu pensamento a respeito da evolução sociocultural. Na sua coluna do Jornal do Brasil, ele mostra qual era, no seu entender, a diferença entre os conceitos de "cultura" e de "civilização". Note-se que ele vai

dizer que "civilização" só existe em sociedades cuja evolução social já se encontra em estágio avançado.

Os povos primitivos têm sua cultura, embora não tenham, em geral, civilização definida. No Brasil, por exemplo, para os índios pode se falar em cultura Nu-Aruak - (cerâmica, tecidos...), cultura Tupi-guarani - (navegação, agricultura etc.). Mas não se pode falar em civilização Tupi ou Aruak. Certos etnógrafos de autoridade falaram em Civilização material; eles queriam dizer: cultura. Civilização material - é conceito inexpressivo. Só há civilização quando surge certa unidade espiritual, ou cerebral, em que há tendência para o equilíbrio entre o sentir, o pensar e o agir. A cultura quase que só depende da inteligência e dos músculos; a civilização exige o desenvolvimento moral, que a outra pode dispensar... Por tudo isso não há exagero em dizer que a humanidade toda ainda está muito longe do grau supremo da Civilização. Os mais adiantados - são apenas muito cultos... (Roquette-Pinto. Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 15/15/53).

Para ele, então, os índios viviam em total desadaptação frente ao mundo civilizado e moderno. Mais do que os negros:

Quando se compara o destino dos índios com o dos negros chega-se facilmente à conclusão: os índios

desapareceram - ou estão desaparecendo - porque não se adaptaram às novas condições de vida. Mesmo protegidos eficazmente, como aconteceu no Canadá, em alguns Estados de USA - esvaem-se. Não se ajeitam. São indeformáveis. Não transigem, mesmo quando querem, salvo alguns tipos de exceção. Já os negros, ao contrário, ajustam-se a qualquer condição. Têm docilidade orgânica que os índios não conhecem. Resistem como a cera, que toma a forma que o meio impõe, embora sempre continue cera (Roquette-Pinto. Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 11/11/52).

Tendo no pensamento o espírito da evolução sociocultural rumo à civilização e à modernidade, Roquette-Pinto acreditava que a convivência do "velho" com o "novo" estava se tornando muito difícil. O Brasil precisava se transformar, ingressar definitivamente nos novos tempos e deixar para trás a forma antiga de viver, deixando deste modo também para trás os antigos problemas. Não era mais possível ser anacrônico. Quem não se adaptasse aos novos tempos - empurrados pela ciência, que trazia máquinas, rádio, cinema e aviões - talvez perecesse. É iluminado por este espírito que ele pensa uma solução para os já então problemas do campo:

Penso que, nos dias de hoje, o único meio racional de acabar com o latifúndio não é dividir as grandes fazendas; é facilitar a exploração do

latifúndio por colonos condôminos, guiados e orientados, grupados em vilas ou aldeias em que seja possível proporcionar a todos assistência real: casa, luz, água, hospital, biblioteca, correio, cinema etc. A época da agricultura de enxada já passou; quem não segue, hoje, a ciência e a técnica vai caminhando para o desastre. A ciência e a técnica são os verdadeiros anjos da guarda do homem moderno, amparando com segurança os caminheiros. É grave engano pensar que o lavrador ficará fixado à terra somente com a propriedade do seu pequeno lote. Querem lutar contra o êxodo rural? Pois então tratem de tornar a roça habitável. O lavrador humilde, hoje, deixou de ser bobo... (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil, "Notas e Opiniões", 5/8/51).

Através destes textos, Roquette-Pinto procurava pensar sobre a sua época vivida, acerca dos problemas que a nação enfrentava, e propor soluções de acordo com sua visão social. Visando uma evolução cultural e um progresso nacional, orientados por esta visão, todo o pensamento de Roquette-Pinto estava estruturado na interpretação realista dos intelectuais da passagem do século. Não existia mais aquela visão ideal e romântica a respeito do Brasil. Agora, o que existia era a visão do realismo, dos problemas que a nação enfrentava, e a procura de raciocinar sobre alternativas de desenvolvimento e evolução. Não por outro motivo, Roquette-Pinto dedica-se tanto ao estudo dos sertanejos (cf. Roquette-Pinto, 1916:263; 1927:263-302; 1941:129-131 e 132-138).

Para ele, era absolutamente necessário tirar o sertanejo mestiço do seu estado de miséria total e ignorância completa. Este sertanejo mestiço, pobre, subnutrido, doente, ignorante, mendigo... significava o retrato - fiel - do Brasil.

Enfim, iluminado pelo pensamento de que o Brasil necessitava se encaminhar para a evolução sociocultural rumo à modernização, atribui a si próprio a missão de educar a Nação, educando o povo. Não se encontra nos seus textos uma definição precisa de "povo". A expressão - "povo" - aparece notadamente em três momentos: 1) para diferenciar da noção de "raça" (diferenciação que aparece nos textos em que analisa a obra de Euclides da Cunha); 2) para dizer (complementando o momento anterior) que, embora fosse miscigenado, não era biologicamente degenerado; 3) para dizer, enfim, que a ele faltava a dimensão cultural da educação. Mas educação, para ele, não era mera instrução (simples aquisição de conhecimentos). Se fosse mera instrução, seria fácil saber quem não a tinha: os pobres, despossuídos, proletários, gente que não tinha poder aquisitivo e sem condições de frequentar uma escola formal. Estes, então, seriam o "povo" a ser educado, ou melhor, a ser instruído. Porém, como para ele educar o "povo" era "ensinar hábitos de significação social" (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 25/10/52), a palavra - "povo" - adquire uma abrangência muito maior. Afinal, não eram apenas os pobres e proletários aqueles que formavam o "povo" sem educação, ou seja, desincorporado daqueles "hábitos de significação social".

Roquette-Pinto começou a sua vida de antropólogo criando - através da Antropologia Física - o que foi considerada a primeira elaboração dos "tipos nacionais". Um dia, ele se afastou disso e foi trabalhar exclusivamente com cultura e educação. Para quem tinha atribuído a si mesmo a missão de salvar o País, a ciência aparecia como tendo apenas a função prática de iluminar o que se pudesse fazer pela transformação da Nação. Ela deveria instrumentalizar aquele que quisesse intervir no plano social, bem como ser a sua ferramenta. Em seu próprio âmbito, dentro de seus próprios limites, a ciência se esgotaria, não teria função prática e se tornaria improdutiva. Não teria, portanto, sentido.

Capítulo III / Notas

1. Isso me foi confirmado por Maria Julia Pourchet (que conheceu Roquette-Pinto, no Museu Nacional, na década de 50), na sua casa do bairro do Leblon, no Rio de Janeiro, uma das únicas residências naquela rua que resistiram ao trator das demolições para se construir arranha-céus. Já em 1954, a respeito do Rio de Janeiro - sua cidade natal -, Roquette-Pinto se dizia um "carioca desolado com o que fizeram da minha amável e graciosa cidade de chácara e jardins" (Roquette-Pinto. Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 16/1/54).
2. A respeito das publicações dos Arquivos do Museu Nacional, ver SCHWARCZ, Lilia. A Era dos Museus no Brasil (1870-1930). S.P.: Idesp, Série História das Ciências Sociais Nº 6, 1988.
3. Cabe lembrar que educadores que trabalharam com Roquette-Pinto no ofício de educar, mas que não tinham nenhuma ligação direta com o trabalho museológico, também escreveram a respeito da necessidade histórica de se atribuir um novo significado aos Museus. Acreditavam que eles não deveriam ser apenas locais de estudo e de reunião e exposição de obras de arte, peças e coleções científicas, ou de objetos antigos, etc. Deveriam ser, principalmente, centros de educação. Ver, neste sentido, por exemplo, SUSSKIND DE MENDONÇA, E. A Extensão Cultural dos Museus (R.J.: Imprensa Nacional, 1946) e VENANCIO FILHO, F. "Função Educativa dos Museus". in: Estudos Brasileiros. (R.J.:

Tip. Mendes de Almeida, 1938).

4. Tal conjunto constitutivo de definições, a respeito da Antropologia, foi apresentado por Bastos de Avila na aula inaugural do curso de Antropologia realizado no Museu Nacional, de Julho a Agosto de 1932.
5. A leitura do livro de Bastos de Avila, intitulado Antropometria e Desenvolvimento Físico (Métodos e Pesquisas de Antropologia Física), e que é dedicado ao "desenvolvimento físico do escolar", mostra que este padrão ideal é o ponto de referência da Antropologia Física (ainda que ele nem sempre esteja claro). Importa notar, ainda, que este tema se estende até a década de 50. Arthur Ramos, por exemplo, retoma a questão estudando "crianças problemas".
6. Roquette-Pinto explica o que é heterose da seguinte forma: "A ciência verificou que nos cruzamentos de tipos afastados há, freqüentemente, um revigoramento, um desabrochar de novas energias, uma verdadeira neocriação de valores. E os biólogos há muito tempo até criaram para o fenômeno de tal robustecimento um termo próprio: a heterose (Roquette-Pinto. Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 3/3/52).

CAPITULO IV

ROQUETTE-PINTO: UM INTELLECTUAL DO SÉCULO XX

No meio da natureza brasileira, tão rica de formas e cores, onde os ipês floridos derramaram feitiços no ambiente e a inflorescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás, onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionísica em escachão permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas.

Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.

Só ele, no meio de tanta vida, não vive...

José Bento Monteiro Lobato

ROQUETTE-PINTO: UM INTELLECTUAL DO SÉCULO XX

1. A abordagem deste capítulo

O presente capítulo, dividido em quatro partes, procurará situar o médico, antropólogo e educador Edgar Roquette-Pinto no contexto histórico, social e cultural por ele vivido.

A passagem do século; o envolvimento de Roquette-Pinto com a procura de se modernizar e desenvolver o Brasil, tendo como pano de fundo o nacionalismo da época; o seu enleio com as interpretações realistas do princípio do século XX; a sua recusa em aceitar o advento do movimento modernista; e o laço pessoal que estabeleceu com o movimento educacional salvacionista brasileiro. Esta será a abordagem do presente capítulo.

2. O intelectual nas primeiras décadas do século XX

Edgar Roquette-Pinto nasceu a duas décadas do final do século XIX, mais precisamente no dia 25 de Setembro de 1884, no Rio de Janeiro. O seu nascimento se dá na segunda metade do século, período de várias mudanças no cenário nacional.

A partir de meados do século XIX, o Brasil inicia uma série de transformações socioculturais, que o empurra para novos tempos. Desenvolve-se, em muitos setores da sociedade brasileira, uma intensa campanha abolicionista. Principais fatores que

atuaram na expansão e no recrudescimento das idéias abolicionistas: 1) pressão externa, sobretudo da Inglaterra, cuja indústria continuava a exigir novos mercados, e da França que, através de sociedades, da literatura e da imprensa, atacavam, de forma cada vez mais direta, a existência da escravidão; 2) o desenvolvimento da economia brasileira que levou o país a um certo surto industrial, ampliando a necessidade de mão-de-obra livre; 3) a diminuição gradativa do número de escravos (23.000 introduzidos no país em 1850 em confronto com apenas 3.278 em 1851); 4) o crescimento e modernização das cidades, aliado à necessidade social de conferir status de cidadão à todos os homens livres. A segunda metade do século passado marca, também, a entrada de um grande número de imigrantes no Brasil. Tratava-se de um projeto de substituição do escravo pelo trabalhador livre. Tal projeto - em que pese as condições desordenadas dentro das quais se realizou - estimulou ainda mais a série de modificações na estrutura econômica e social do país, contribuindo com o processo de urbanização, sobretudo da região sudeste, e desenvolvendo a indústria.

O contexto do final do século marca o rompimento com o Império. Já na década de 1850 havia uma estagnação política no país. O Brasil se recuperava com as exportações do café, via aumentar suas ferrovias e portos, via crescer suas cidades - mas continuava a ter um regime político extremamente centralizado, que impedia reformas necessárias em vários campos sociais. Críticos da Monarquia apontavam para o espírito de cobiça do Governo, que o tornava ignorante de sua verdadeira função: a de

promover, desinteressada e patrioticamente, o progresso e o bem estar da Nação. Em 1888, com a promulgação da lei Áurea, abolicionistas, como Joaquim Nabuco, já haviam afirmado que a partir daquele momento deveriam ser tomadas medidas para educar e integrar o escravo na sociedade. Aqui talvez tenha nascido o primeiro germe do projeto educacional brasileiro que, mais tarde, vai ser efetivamente tentado por Roquette-Pinto e pelos educadores que com ele conviveu.

Em 1889, é proclamada a República. Embora não tendo caráter nacional (apenas regional), o Partido Republicano, criado a partir do Manifesto Republicano de 1870, se constitui num dos principais instrumentos políticos ao regime monárquico. A atuação do Partido, em que pese divergências internas, era praticamente urbana, voltada para a modernização da sociedade e modificação do Estado brasileiro, o que implicava a transformação da forma de governo.

O novo desenvolvimento econômico, observado na região sudeste, repercutiu no sertão nordestino. Como diz Duglas Teixeira Monteiro, "nas últimas décadas do século XIX, e durante a Primeira República, em vários pontos do território brasileiro, os sertões foram sendo abertos à penetração de estilos de vida e modalidades de relacionamento econômico 'modernizantes' e incompatíveis com o patriarcalismo rural. Se é falso pensar-se a fase anterior como de isolamento com relação ao sistema econômico nacional, é também incorreto ignorar que, a partir de um certo momento, esse relacionamento não apenas ampliou-se, como sofreu

importantes alterações qualitativas" (Monteiro, 1978:43). Com esta modernização, o mandonismo local dos clãs familiares tiveram o seu poder acrescido na figura do "coronel".

Por outro lado, à semelhança do que aconteceu nos sertões do Nordeste, os clãs familiares do sertão do planalto catarinense disputavam a posse da terra. Os "coronéis" eram patriarcas rurais, cujo poder advinha sobretudo da propriedade da terra e da riqueza que ela proporcionava. Possuíam, também, verdadeiros exércitos particulares, representados pelos jagunços.

Muitos grupos rurais, entretanto, além de terem sua situação de vida alterada, nada obtiveram com a modernização econômica e com a mudança do regime. Por isso, apoiados em características religiosas peculiares, tais grupos iniciaram verdadeiros movimentos populares, dentre os mais importantes o de Canudos, na Bahia, o de Juazeiro do Norte, no Ceará, e o de Contestado, na região entre Paraná e Santa Catarina. Estes grupos "submetidos a esse processo reagiram em face do desmoronamento do mundo a que estavam habituados. Ao fazê-lo, irromperam no curso de uma história dramática de submissão para trilhar os caminhos da rebeldia sem projeto, ou seguir as vias místicas que lhes eram dadas, ousando assumir a condição de sujeitos" (Monteiro, 1978:43).

Muitos intelectuais que se auto-consideravam modernos e nacionalistas, trataram esses movimentos populares como fenômenos marginais, baseados no "fanatismo" e no "banditismo", os quais significava um obstáculo que impedia o "desenvolvimento

nacional". Em última análise, eram considerados fenômenos fundados - lato sensu - nas raízes da "ignorância". Certamente, eram considerados manifestações de uma forma de vida cultural "não-evoluída".

Uma vez desencadeado o processo de urbanização, o domínio do grande proprietário rural encontrava agora extensão na cidade. Na verdade, o fazendeiro, até certo ponto, resistiu contra as novas transformações, resolvendo as grandes questões políticas no campo, delegando para os portos muitas funções comerciais importantes, e de certa forma limitando as cidades. Assim, as mudanças que diziam respeito à situação de vida do brasileiro - bem como no que se referia à sua participação nas dimensões econômica e sociocultural na virada do século - enfrentava ainda resistências por parte de alguns setores da Nação. Por isso, "dentro dos quadros de uma sociedade essencialmente agrária e escravista, onde eram escassas as possibilidades do trabalho livre, havia pouco lugar para instrução e cultura, exceção feita da obra catequética que se encontrava dentro dos seus próprios limites" (Viotti da Costa, 1979:183).

Mas havia problemas a resolver. O médico Miguel Pereira, no Rio de Janeiro, dizia que o Brasil era um "vasto hospital". A saúde do povo era algo preocupante. A falta de saúde significava um empecilho no caminho do desenvolvimento. Planos e reformas sanitárias se sucederam para tentar resolver o problema. Em 1889, foi celebrado um convênio sanitário com a República das Pratas. Bem antes, a partir de 1849, com o aparecimento da febre amarela, as autoridades já havia começado a investir num "melhor

aparelhamento de defesa sanitária. (...) Em 1885, a invasão do cholera veio provar que a organização sanitária de defesa e repressão das epidemias era insuficiente, fazendo-se então nova reforma. Foram criadas a Inspetoria Geral de Higiene e a Inspetoria Geral de Saúde dos Portos. (...) Por esta ocasião foi instituído o Conselho Superior de Saúde Pública, órgão consultivo, do qual faziam parte os médicos mais notáveis de então. (...) Em 1897, passou a Administração Sanitária por mais reformas, sendo então criada a Diretoria Geral de Saúde Pública. Nova reforma houve em 1902, com a consequência da epidemia de Peste. (...) As endemias de febre amarela reclamavam a atenção dos governos. (...) Foi feita então uma nova e grande reforma em 1904, pelo Dr. Oswaldo Cruz, chamado pelo governo Rodrigues Alves. (...) Em 1920, houve outra grande reforma na Administração Sanitária, levada a efeito pelo Dr. Carlos Chagas, sendo então criado o Departamento de Saúde Pública. (...) Por efeito desta última reforma, a Administração Sanitária passou a ter a seu cargo, entre outras funções: 1) profilaxia geral e específica das doenças sanitárias; 2) polícia sanitária dos domicílios, logadouros públicos, fábricas, mercados, estabelecimentos comerciais, hospitais, hotéis, etc; 3) inspeção médica dos imigrantes" (Souza Reis, IHGB, 1922:1292)1.

A modernização do Brasil significava, portanto, um projeto de desenvolvimento nacional, a partir da eliminação de obstáculos tais como a falta de saúde e de educação do povo. Estes obstáculos, na verdade, impediam o desenvolvimento econômico e social.

Em meio a toda esta situação, a passagem do século causava aflição nos intelectuais. Se "fanatismo religioso" e falta de saúde impediam o desenvolvimento nacional e tinham como causa a ignorância - logo, era preciso erradicar a ignorância. Assim, dentro dos seus pensamentos, a mola do desenvolvimento nacional só teria elasticidade se fosse, em conjunto com outros elementos, impulsionada pela educação. Ignorância era, definitivamente, sinônimo de obstáculo ao desenvolvimento - e, na pior das hipóteses, significava o mesmo que atraso. Então, como diz Jorge Nagle, "a partir de 1915, surpreende-se uma ampla campanha e uma multiplicidade de realizações configurando um novo momento significativo: o do entusiasmo pela educação. São idéias, planos e soluções oferecidos. Há aqui uma parcela que se liga ao fervor ideológico do final do Império; mas, agora, este é manifestado pelos próprios republicanos desiludidos com a República existente, República que procuram redimir. Trata-se de um movimento de 'republicanização da República' pela difusão do processo educacional - movimento tipicamente estadual, de matiz nacionalista e principalmente voltado para a escola primária, a escola popular" (Nagle, 1978:262).

Educar significava, também no conjunto dessas idéias, dar ao homem brasileiro o direito de conquistar o estatuto de cidadão, ou seja, a possibilidade de participar ativamente, através de direitos e deveres civis e políticos, frente a Nação e o Estado, no sentido de colaborar com o desenvolvimento, que se julgava imperativo. Até porque o "sentimento nacional" se sentia

constrangido ao ter que admitir que a vontade dos "ignorantes" era sufocada pela vontade da "oligarquia instruída". Instruído e educado, o homem do povo poderia fazer valer sua vontade social e política, ainda que tal vontade estivesse virtualmente circunscrita no modelo nacional projetado por aqueles que queriam novos tempos. Poderia, enfim, limitado por este modelo, fazer valer o seu direito de cidadão. "Nesse ponto, o 'soerguimento moral da nacionalidade' torna-se possível pela disseminação da educação popular" (Nagle, 1978:263). Roquette-Pinto não chega, em nenhum momento, a definir exatamente a palavra "cidadão". Mas quando o faz, já em 1952, ele a inscreve na modernidade dos novos tempos, dizendo:

Ninguém se furta ao impacto de certos fenômenos sociais na Terra de hoje, em que o rádio, o cinema e a aviação fazem de todos verdadeiros cidadãos do Mundo, mesmo sem direito de votar em algum lugar (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil, "Notas e Opiniões", 1/11/52).

Tirar o homem brasileiro do interior das trevas da ignorância e auxiliá-lo a conquistar o estatuto de cidadão era, por fim, regenerá-lo. Esta palavra - regeneração - foi muito usada na passagem do século. Significava dizer (ao que tudo indica) que o brasileiro educado seria um produto reconstruído de homem. Roquette-Pinto, em vários textos seus, usou uma palavra um pouco diferente, mas ao que tudo indica ela se encaixava no mesmo espírito. A palavra era reabilitação. Alvaro Lins diz que, já em 1916, Roquette-Pinto havia iniciado

a sua grande campanha - campanha científica, política, moral, tribunicia, jornalística - pelo que ele próprio chamava a reabilitação do homem brasileiro (Lins, 1956:91).

A expressão "reabilitar o homem brasileiro" tinha o sentido de "reconstituir a este homem a normalidade do convívio social". Também poder-se-ia pensar que a mesma expressão tinha o significado de: "reabilitar" = "cancelar uma pena de interdição de direitos". O negro escravizado só adquiriu o direito à cidadania, quando se tornou legalmente livre. Mas, se com a Abolição o negro adquiriu o estatuto de cidadão, ele - e também seus descendentes mestiços - não conseguia exercê-lo na prática. Isto porque - pensava-se - eram produtos raciais que, entre outras atitudes, manifestavam comportamentos muitas vezes inadequados à convivência social.

Ora, com a passagem do século e com o surgimento dos novos tempos econômicos e socioculturais, não se podia mais atribuir aos "males causados pela miscigenação" - vale dizer: ao mestico - o fator estrutural do atraso do desenvolvimento brasileiro. Portanto, é justamente por isso que o tema das raças deveria ser repensado. Não era mais possível insistir na posição de que os homens eram não só biologicamente diferentes, como também - e principalmente - biologicamente desiguais. Atento à esta questão, José Honório Rodrigues lembra que "procuramos descobrir uma base, que não a raça, sobre a qual anseios contraditórios pudessem ser

sintetizados para expressar o que se sabia e se sentia, o que se pensava e se necessitava, de tal modo que se pudesse fazer algo, como um todo, fruto de uma experiência indiscutivelmente fragmentada e fracionada. As armadilhas trágicas que o povo brasileiro sofreu foram frutos dos privilégios e da ganância da minoria dominante. Mas sempre soubemos transcender as identidades raciais, no sentido amplo e aberto, substituindo-as pela identidade cultural. Sempre fomos uma síntese de antiteses evidentes e mais um esboço de algo mais complexo que negro e branco e dos meados do século passado, mais do que vários ganhos étnicos que aqui vieram conviver conosco" (Rodrigues, 1984).

Roquette-Pinto compreendeu este quadro nacional da passagem do século e sabia que, neste contexto, o homem brasileiro, ou melhor, o mestiço tinha que ser "reabilitado".

Era o mestiço, este sim, que necessitava defesa e reabilitação. E para tanto Roquette-Pinto se dispôs a uma doutrinação constante e pertinaz, ao mesmo passo que objetiva, documentada e científica. Utiliza-se, contra preconceitos e tolices dos racistas, de todos os recursos de convicção e combater percorre o caminho inteiro que parte da doutrina culta, passa pela polêmica, e deságua na sátira e no ridículo. Esta é uma temática - mais ainda: uma causa - pela qual batalhará até o fim da vida: como doutrinário, nos livros; como cientista, em experiências e demonstrações no Museu Nacional; como professor,

educador e debatedor de idéias, nas cátedras universitárias ou nas tribunas legais; como jornalista, em sucessivos e quase monótonos artigos na imprensa (Lins, 1956:92).

3. Sendo nacionalista e realista, não era possível ser modernista

Os "males causados pela miscigenação" eram, também, uma das razões pelas quais muitos intelectuais combateram a imigração. Eles acreditavam que a miscigenação em si, entre raças portadoras de desenvolvimentos fisiológico e comportamental dispares, causava o nascimento de pessoas físicas ou moralmente degeneradas. Roquette-Pinto não se posicionou contra o cruzamento em si mesmo, o qual era inevitavelmente provocado pela imigração. Todavia, ele se posicionou contra as formas desordenadas de imigração adotadas pelo Brasil. Isto porque elas poderiam desencadear um modelo promiscuo de cruzamentos. Era fundamental - pensava ele - que a raça brasileira fosse protegida. Uma imigração promiscua não levaria o desenvolvimento do Brasil a bom termo. Pelo contrário, poderia provocar um retrocesso. Era preciso conservar, para progredir...

Alberto Torres - várias vezes citado por Roquette-Pinto - dizia que "o povo brasileiro precisa, como os estrangeiros que aqui aportam, mesmo antes destes, ser 'migrado' à posse da sua terra e ao gozo de seus bens" (Alberto Torres, 1933:136). A sua crítica ferrenha incidia sobre a desorganização social.

Emocionado, escrevia, em 1914, que "o Brasil tem os interesses orgânicos da sua sociedade e os da sua economia, não simplesmente ameaçados, senão efetivamente atacados, pela sua anarquia social e política, e pelas imprudentes aventuras financeiras que se estão praticando na América do Sul" (Alberto Torres, 1933:25). No seu entender, o Brasil - apoiado em raciocínio anti-científico e portanto falso - não acreditava em si mesmo, não acreditava no potencial de suas raças e de sua gente e, por causa disso, insistia e teimava em políticas sociais que antes de tudo desorganizavam a Nação. O maior exemplo de erro e teimosia era a imigração promiscua.

Os nacionalistas da época - como Alberto Torres e Roquette-Pinto - se apropriaram, então, dos estudos sobre raças, deram a eles uma nova dimensão, para mostrar como, a partir da nossa própria realidade, é possível proteger e conservar o povo para progredir a Nação. "Nós não exprimimos o interesse pela conservação nacional" - dizia Alberto Torres - "senão com a forma dramática do culto da bandeira e do andor militar" (Alberto Torres, 1933:134). A partir da conservação do que era nosso, seria possível progredir. Não é com outro sentido que, a respeito da imigração, Roquette-Pinto vai dizer que "o homem brasileiro não precisa ser substituído, mas sim educado" (trecho já citado no Capítulo anterior).

Embora acreditando que o cruzamento em si não poderia ser considerado como algo que necessariamente prejudicava a capacidade biológica e comportamental do homem, ele acreditava

também que

há 'doenças da raça', doenças ou deficiências do germen (Roquette-Pinto, 1933:71).

Dizia que é preciso haver higiene para proteger o homem são - o que, contudo,

não consegue impedir que surjam certos tipos de enfermos (Roquette-Pinto, 1933:71).

Por isso, presidindo o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugênia, em 1929, Roquette-Pinto informa que tal Congresso

dirigirá ao presidente da República, às casas do Congresso Nacional e aos governadores dos Estados, um apelo em que serão postos em foco os gravíssimos perigos da imigração promiscua, sob o ponto de vista dos interesses da raça e da segurança política e social da República (Roquette-Pinto, 1943:72).

Não se pode esquecer que a questão do branqueamento do povo brasileiro miscigenado estava colocada naquele momento. A respeito desta questão, lembra o Prof. Thales de Azevedo que

Roquette-Pinto participa, em 1911, do Primeiro Congresso Universal das Raças, como delegado do Brasil, na companhia de João Baptista de Lacerda, que

... Brasil, na qual vaticina o branqueamento próximo de nossa população a julgar dos dados apresentados por seu companheiro de representação no Diagrama da Constituição Antropológica da População do Brasil organizado a partir de estatísticas oficiais de 1872 a 1890 (Azevedo, 1979:164).

Nesta mesma linha, Thomas Skidmore lembra que Roquette-Pinto

comparecera, como delegado menor, ao Congresso Universal das Raças de Londres (1911) no qual Baptista de Lacerda lera sua comunicação altamente polêmica sobre miscigenação (Skidmore, 1976:205).

Em 1905, Roquette-Pinto cola grau, em medicina, na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil. Tendo como meta o estudo da miscigenação racial no Brasil através da antropologia, penetra no início da carreira nos estudos da Fisiologia, disciplina básica de suas pesquisas iniciais. Logo depois de formado, torna-se doutorando, na Faculdade de Medicina, junto com Gastão Cruls e Alvaro Ozorio de Almeida. Em 1906, defende a tese de doutorado: O Exercício da Medicina Entre os Indígenas da América. Neste trabalho, expõe convicções baseadas nos estudos sobre a fisiologia humana que se faziam na época, que não mais abandonará:

Dir-se-ia, por exemplo, que fixou para sempre o seu materialismo nestas três proposições da tese de 1906, na parte referente à cadeira de fisiologia: 1) a alma é o conjunto das funções do encéfalo; 2) as chamadas faculdades da alma nada mais são que funções cerebrais independentes; 3) a verdadeira psicologia científica repousa nessas condições (Lins, 1956:140).

Em 1911, quando participa do Congresso das Ranças, em Londres, Roquette-Pinto aproveita a sua estada na Europa para freqüentar aulas dos professores franceses: Brumpt, Tuffier, Verneaus e Luschan.

De todos provocar-lhe-ia maior impressão e interesse o sábio Richet, porque tão importante para seus estudos de Fisiologia (Lins, 1956:177).

A Fisiologia deu a Roquette-Pinto a base do Naturalismo. Como se sabe, o Naturalismo se traduz numa doutrina infensa a qualquer idealização da realidade, e que insiste particularmente nos aspectos que, no homem, resultam da Natureza e de suas leis. Ser um naturalista, enfim, era observar e verificar o homem no estado daquilo que foi produzido pela Natureza. Imbuídos deste sentido, muitos intelectuais brasileiros da Primeira República criticavam a visão literária romântica a respeito dos índios. A imagem de Ceci e de Peri - de José de Alencar -, considerada engano dos sentimentos ou da mente, estava se desmanchando, para dar lugar à nova imagem do bugre, considerada agora real e

concreta, uma vez que constatada pela observação empírica da ciência. E o bugre era, concretamente, o indivíduo inculto, grosseiro, rude.

Para Roquette-Pinto, os estudos etnográficos a respeito dos índios do Brasil eram, sobretudo, estudos naturalistas. Instrumentalizado, principalmente, pela antropometria², ele escreveu: O Exercício da Medicina Entre os Indígenas da América (1900, tese de doutorado, publicada depois com o nome de Etnografia Americana), Etnografia Indígena do Brasil: Estudo Atual de Nossos Conhecimentos (1909, pequena monografia que submeteu ao IV Congresso Médico Latino-Americano), Note sur la situation des indiens du Brésil (1911, para o Congresso das Raças), Nota Sobre os Índios Nhambiquaras do Brasil Central (1912, texto enviado ao XVIII Congresso Internacional de Americanistas), Aborígenes e Etnógrafos (1913, apresentado como conferência nacionalista na Biblioteca Nacional).

Tendo como suporte instrumental acadêmico o Naturalismo, é preciso destacar o livro Rondônia (1916)³. Neste livro, Roquette-Pinto traça um detalhado perfil antropométrico e naturalista dos índios Perecis e Nhambiquaras, os quais visitou por ocasião de sua ida, juntamente com a expedição Rondon, à Serra do Norte, em 1912. Percorrendo a região que vai do rio Juruena ao Madeira, Roquette-Pinto encontra-se com os índios, sempre medindo seus crâneos, membros superiores e inferiores, dimensão nasal, tórax, espessura do cabelo. Essas mensurações visavam estabelecer o tipo indígena da região. Tratava-se de uma classificação. Os estudos

fisiológicos e antropométricos ocupam a maior parte do livro. Os estudos sobre a cultura, a menor parte.

Outro texto a destacar é Contribution à L'anatomie Comparée des Races Humaines, escrito em colaboração com o médico Benjamim Baptista (R.J.: Arquivos do Museu Nacional, XXVI, pp. 7-25, versão francesa de Heloisa Alberto Torres). Este texto apresenta a dissecação de uma índia que, tendo vindo para a cidade, morreu de pneumonia. A separação das partes do corpo e sua análise fisiológica minuciosa serviu para mostrar as diferenças físicas existentes entre os corpos de habitantes de sociedades diversas.

Os estudos fisiológicos, antropométricos e naturalistas davam aos médicos-antropólogos da época uma imagem do índio sempre comparada com a imagem do branco. Em outras palavras, a comparação permitia contrapor o homem inculto e incivilizado ao homem culto e civilizado. Tal comparação permitia interpretar, ainda, que, se o homem culto e civilizado tinha adquirido estes atributos através do seu desenvolvimento evolutivo, o homem inculto e incivilizado não tinha tido tal desenvolvimento. Para estudá-lo era necessário, portanto, retroceder na história. Na verdade, a idéia central do Naturalismo estava presa à procura da origem natural dos elementos. Roquette-Pinto não tem apenas textos naturalistas sobre índios. Entre outros, ele publicou um trabalho sobre a fauna cadavérica do Rio de Janeiro (1908, texto no qual se basearam diversos naturalistas, como Lunderwalt), Excursão ao Litoral e à Região das Lagoas do Rio Grande do Sul (1911, texto extraído de seus primeiros estudos de antropologia pelos sambaquis do RS), Elementos de Mineralogia (1916, para

servir aos seus alunos da Escola Normal) Material Antropológico do Sambaqui de Guaratiba (1925), Diapronera Grandis - Tocandira (1927, análise de uma formiga do Amazonas), Notas Sobre a Fisiologia da Fava Tonka (1927, perfumada semente do camarú da Amazônia, incluída no texto Atas do Congresso Internacional de Montevideú).

Da mesma forma, os estudos naturalistas sobre os índios têm como ponto de partida a imagem de um ser humano, preso umbilicalmente à Natureza, e que dela praticamente não evoluiu. Para um naturalista, a melhor forma de estudá-lo era, então, aquela que o obrigava a uma volta ao passado histórico, onde poder-se-ia encontrar a origem natural. Em artigo sobre Roquette-Pinto, publicado na imprensa - intitulado "Notas Sobre um Naturalista" -, Thomás Murat diz:

Roquette-Pinto caminhou no Tempo. Viajou até o Pré-História, com a sua alma de homem do futuro (...). É, na verdade, admirável o romance de aventura, a novela de maravilhas que a ciência, a mais pura ciência, pôs diante dos olhos atônitos do naturalista, como se uma daquelas páginas ardentemente imaginadas de "Uma História de Loude ou Faoua", de Heli, tivesse saltado, viva, bárbara e hirsuta, para o cenário abrasado de sol, faiscante e orgulhoso, dos nossos sertões, onde erra, com toda a fereza animal eo instinto, uma multidão humana, que vive fora de todas as humanas leis, biológicas e sociais. Ali, o sertão

civilizadora, e o homem, preso na sua teia de florestas, é uma vítima secular e inconsciente da aranha monstruosa. Ainda em plena idade lítica, nele, o homem parece ir ao reverso do tempo: caminhar para trás, volver ao animalismo, regressar para fora dos tempos, ser arrebatado para além da civilização, todas as leis antropológicas e históricas, como numa ilusão de todos os nossos sentidos.

Também comparando Wells a Roquette-Pinto, cabe citar um trecho do artigo intitulado "Rondonia", de Monteiro Lobato, publicado no jornal O Estado de S. Paulo, na época do lançamento do livro:

A sensação deste sábio inglês era até aqui única. Só ele conseguira decolar-se da atualidade e mergulhar no ambiente dos séculos futuros.

Nos se era a única, já não o é.

Roquette-Pinto revela-nos um feito semelhante.

Sem usar a máquina de Wells, cavalgando simples animal de sela, por picadões varados a foice, ele operou igual milagre. A diferença única foi ter caminhado de avesso. Em vez de deavessar o futuro, como Wells, mergulhou no passado. Apeou em plena idade da pedra. Viu, estudou, e fotografou o homem primitivo, nú de corpo, hirsuto de instintos,

desgarrado como um fóssil vivo neste século maravilhoso do gás asfixiante e do trianon patchouli. Só não encontrou antiopótuos. No mais suas sensações e sensações postumas, foram idênticas às sensações antumas do explorador inglês. É um livro magnífico, por mil e um motivos digno de ser meditado pelos nossos triantonitas, estampouros, alternando impressões pessoais com sólidas observações científicas.

Rondonia é o belo nome desse livro (Monteiro Lobato, 1967:144-145).

Retroceder no tempo, buscar o homem autóctone da Terra que praticamente não evoluiu do seu estado natural, era buscar o Nacional, buscar o Brasil. Não por acaso, o texto de Thomás Murat, citado acima, intitulado "Notas Sobre um Naturalista", é um excerto do ensaio Roquette-Pinto e o Sentido de Brasilidade. Havia uma combinação entre Naturalismo e Nacionalismo. De certa forma, os nacionalistas da época se apropriaram do Naturalismo como forma de pesquisar e exaltar ou até mesmo reparar e interferir sobre determinados aspectos do País.

Mas havia também uma combinação entre Naturalismo, Nacionalismo e Positivismo. Roquette-Pinto teve a sua formação médica fundada no Positivismo. Sua tese de doutorado (1906) está enraizada nos fundamentos positivistas. Embora nada conste que tenha sido um devoto da "religião positivista", todo o seu pensamento estava baseado numa forma positivista de encarar o real frente o irreal; o concreto, palpável e mensurável frente o

ideal, romântico e vago. A metodologia da pesquisa naturalista - sobretudo a antropometria - encontra suporte no Positivismo: dedução, indução, experimentação, nomenclatura, comparação, classificação. A sociedade era pensada em função de analogias biológicas. A sociedade teria vida orgânica, cujo desenvolvimento a transportaria para estágios cada vez mais avançados rumo ao evolucionismo social.

O positivismo comtiano explica o desenvolvimento histórico a partir de três estados: "teológico-fictício", "metafísico-abstrato" e "positivo-científico". O estado "teológico-fictício" prevê três fases, sendo que a primeira é a do "fetichismo". Roquette-Pinto sempre considerou a religião indígena como algo que estivesse fundado numa "adoração fetichista". Aliás, nos textos de sua autoria, o índio foi sempre considerado como o "homem da idade da pedra" (1919:167/254/305; 1927:259; 1941:84-85), "homem anti-diluviano" (1927:106) e homem do "grande passado" (1927:210).

O positivismo comtiano explica o estado "positivo-científico" como sendo o momento presente da civilização. Mas o momento presente enfrenta uma sociedade individualista e liberal, que deve ser regularizada através da ordem e do progresso. Acontece que Roquette-Pinto já era um intelectual do século XX, vivendo no Brasil, e portanto ciente de que os princípios da ordem e do progresso nem sempre se colocam em termos de congruência. No final de sua vida, ele escreve na sua coluna "Notas e Opiniões", de 25/9/54:

A verdade é que o progresso vai comendo as instituições que já não dão mais frutos. Enquanto não se descobrir algo melhor para aperfeiçoar o homem, tratemos da educação e do ensino, que são coisas diferentes, embora entrelaçadas (Roquette-Pinto, Grifos do autor).

Mas em 1925 o Clube de Arte Moderna do Rio de Janeiro promove um inquérito entre os intelectuais, no qual se exigia de cada um uma espécie de profissão de fé. Roquette-Pinto responde com um credo, claramente fundamentado em princípios e postulados positivistas. Eis a íntegra do texto:

Recebo o convite para depor neste inquérito como verdadeira intimação, formulada em nome dos mais sagrados interesses coletivos. É hora das definições. Todos quanto assumiram, em consciência, compromissos com os seus pares ou com os seus discípulos não podem mais engrossar o bando das 'almas flutuantes' de que fala Augusto Comte. Vivendo à margem das agitações políticas de toda espécie, engolfado com vivo entusiasmo na obra de educar o meu povo, por todos os meios ao meu alcance, até hoje não falei, para não aumentar o coro dos inquietos...

Se me interrogam, porém, calar seria extinguir, por mim mesmo, os poucos e tênues raios de luz que o destino consentiu surgissem na minha existência.

- Creio que o homem e a natureza são exclusivamente governados por leis imutáveis, superiores a quaisquer vontades;

- Creio que a ciência, integrando o homem no universo, criou em sua mentalidade ao mesmo tempo uma infinita modéstia e uma sublime simpatia para com todos os seres;

- Creio que a ciência, mostrando ao homem como o ódio e o amor são condicionados pelas reações de seu cérebro, deu-lhe a posse de si mesmo, permitindo que ele se transforme e aperfeiçoe à custa de suas próprias forças;

- Creio que a ciência, a arte e a indústria não de transformar a terra no Paraíso que nossos avós colocavam... no outro Mundo;

- Creio que, ao lado das grandes forças egoístas que vivem nos corações dos homens, jazem ali tesouros imensos de altruísmo e fraternidade que a vida em comum há de fazer desabrochar cada vez mais;

- Creio nas leis da Sociologia positiva e por isso creio no advento do Proletariado, conforme definido por Augusto Comte, que nele via uma sementeira dos melhores tipos, recíproamente dignos ou elevação política;

- Creio, por isso, que a nobre missão dos intelectuais - mormente dos professores - é o ensino e a cultura dos Proletários, preparando-os para quando chegar a sua hora;

- Creio que, sendo muito difícil conciliar os interesses da Ordem com os do Progresso, muitas vezes antagônicos, só existe um meio de evitar perturbação e desgarranças: resolver tudo à luz do altruísmo e, principalmente, de fraternidade;

- Creio que a ordem material deve ser mantida, mormente no interesse das mulheres, que são a maior parte de todas as pátrias, e das crianças, que são a pátria do futuro;

- Creio que no estado de incuistação do Mundo Moderno só há um meio de manter a ordem material: é garantir a mais ampla, absoluta e definitiva liberdade espiritual;

- Creio cegamente no postulado de Fritz Muller: O pensamento deve ser livre como a respiração (Roquette-Pinto)⁴.

Foi nesse espírito que ocorreram as excursões chefiadas pelo positivista Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon. Desde 1910, Roquette-Pinto trabalhava com Rondon. Nesta data, Rondon chegava ao Rio de Janeiro e Roquette-Pinto recebeu, no Museu Nacional, material procedente dos índios da Serra do Norte, por ele considerado coisas que atestavam "cultura elementar", própria de "gente estranha, envolta em lendas misteriosas" (Roquette-Pinto, citado por Gouvêa Filho, 1955:62). Em 1912, Roquette-Pinto ingressa na expedição Rondon⁵. Ele já queria ter ido em 1911, mas a viagem à Europa, para o Congresso das Raças, o impediu. Mas,

tendo no ano seguinte ido à Serra do Norte encontrar-se com Rondon, recolhe vasto material etnográfico e escreve Rondônia. Em Setembro do mesmo ano, inicia-se, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, uma série de conferências consideradas nacionalistas. Intelectuais como José Veríssimo, Juliano Moreira, João Pandiá Calógeras, Oliveira Lima e Alberto Rangel pronunciam conferências, de cunho nacionalista, sob diversos aspectos: literário, artístico, científico, econômico, social e internacional. No dia 27 de Maio de 1913, Roquette-Pinto apresenta a sua conferência, neste conclave, intitulada "Aborígenes e Etnógrafos", extraída da expedição Rondon da qual ele participara.

Além de sua participação neste evento, o material coletado na viagem, à Serra do Norte proporcionou ensejo para outras palestras nacionalistas. Um exemplo é o do pronunciamento da conferência intitulada "O Brasil e a Antropogeografia", em A Colméia, sociedade de estudantes universitários, que se constituía para propaganda nacionalista, e da qual faziam parte Edgard Teixeira Leite e os irmãos Carlos e Edgard Susskind de Mendonça.

Defendendo, apoiando e até mesmo firmando-se no "espírito desbravador", que procurava conhecer o sertão brasileiro, até então ignorado, incógnito e inóspito - espírito que se inseria no pensamento nacionalista da época -, Roquette-Pinto propôs, ao inaugurar as conferências do Museu Nacional em 1915, o nome Rondônia para designar a imensa área compreendida entre os rios Juruena e Madeira, em territórios dos Estados do Mato Grosso e

Amazonas. A delimitação daquela terra se justificava por significar uma "provincia antropogeográfica". Mas o nome Rondônia só foi adotado para o território brasileiro em 1956, quando o Congresso Nacional votou lei mudando o nome do Território do Guaporé, a fim de homenagear o Marechal Rondon. Roquette-Pinto morreu em 1954, sem ver a criação do Território de Rondônia.

Porém, se, de um lado, o "espírito desbravador" era nacionalista, de outro, não era um consenso nacional. A exploração do sertão brasileiro só poderia ser executada efetivamente se houvesse interesse para tal. A burguesia industrial brasileira, como mostra Sergio Silva, tem algumas raízes fincadas no solo da produção cafeeira - e, por isso mesmo, tentou manter o quanto pôde aquele tipo de produção rural, a ponto de ter retardado a abolição dos escravos, sob o preceito de ter retardado o desenvolvimento do próprio capitalismo no Brasil (Silva, 1976:47). Dentro deste espírito conservador, talvez não houvesse mesmo interesse em desbravar o sertão. Foi justamente Roquette-Pinto quem colaborou para que o interesse pelo sertão fosse despertado. E o livro Rondônia deve ser visto também à luz do contexto econômico e social da época. No entender de Fernando de Azevedo, o livro representou

uma reação contra a mentalidade litoral, uma forte guinada, um novo desvio repentino do pensamento brasileiro para a hinterlândia, para as tribos indígenas e a vida dos sertões (Azevedo, 1954:140).

Roquette-Pinto percebeu que um elemento humano decisivo para o desenvolvimento nacional (e não só do interior) era o sertanejo. Mestiço, considerado até o início do século como fruto de cruzamentos que geram produtos deletérios, o sertanejo se encontrava em completo abandono. E tal abandono não estava sendo constatado apenas pelos brasileiros. Como se sabe, em 1912 Rondon foi designado para organizar uma expedição para, em companhia de Theodore Roosevelt, percorrer os vales dos rios Paraguai e Amazonas. Roosevelt trouxe com ele naturalistas norte-americanos a fim de selecionar e coletar material para o Museu de História Natural de Nova York, e Rondon convidou cientistas brasileiros para que também participassem da expedição. Roosevelt, percebendo que o sertanejo era um elemento importante para o desenvolvimento nacional, e reconhecendo o seu estado de desamparo, escreve no seu relato sobre a viagem pelo sertão brasileiro:

Eles obtêm alguma caça nas matas, e peixe em maior quantidade no rio. Não há, entre aquela gente, representante do governo em verdade, ainda agora até sua própria existência é ignorada pelas autoridades governamentais; e a igreja os tem ignorado tanto como a nação.

Só têm direito de posse sobre as terras, e estão sempre arriscados a serem expulsos por magnatas sem escrúpulos, que vieram mais tarde, mas trazendo documentos legalmente perfeitos. As leis sobre as terras deveriam conceder a cada um daqueles pioneiros

do povoamento as terras que na ocasião ocuparam e cultivaram e nas quais tenham criado o seu lar. O pequeno lavrador, dono da terra que cultiva com o suor de seu rosto, constitui, em todos os países, o maior elemento de força nacional (Roosevelt, 1944:71).

Roquette-Pinto obteve sua formação intelectual e científica no momento em que o Brasil tentava se conhecer, conhecendo o seu interior. Como diz Alvaro Lins,

Aos olhos atônitos de Roquette-Pinto, jovem estudante de 17 anos, Os Sertões e Canaã apareciam como duas descobertas do Brasil, revelações de mundos ignorados e até insuspeitados pelos homens do litoral. E significaram, realmente, as duas primeiras grandes descobertas culturais do Brasil do interior, antes que o próprio Roquette-Pinto realizasse a terceira, com a publicação de Rondônia em 1916 (Lins, 1956:53-54).

Compreendendo a importância nacional do sertanejo, e fazendo parte do grupo de médicos que colocavam em dúvida os efeitos degenerativos da miscigenação em si, ele procurou reavaliar a imagem do mestiço homem do campo - e por extensão a imagem do mestiço brasileiro. Se nem o homem nem a mulher fossem portadores de genes deletérios, o casamento poderia ocorrer, sem problemas. A questão essencial, para Roquette-Pinto, era a de não haver casamentos entre indivíduos degenerados. Era preciso, então, não fazer confusão entre indivíduos degenerados e indivíduos doentes

(doença produzida pelo meio). O ponto fulcral residia no fato de que - no seu entender - era necessário se fazer distinção entre raça e povo. Euclidiano fervoroso, Roquette-Pinto não obstante afirmou:

É inegável que há raças mais inteligentes, outras mais sentimentais e terceiras mais pertinazes. Também há, no espectro, raios caloríficos, raios luminosos e raios actínicos. Ide pedir calor aos raios ultra-violetas; e se não o vos derem chamá-los-eis de inferiores? Buscareis luz nos raios infra-vermelhos, e como eles só vos podem fornecer calor, direis: raios inferiores? E se pedisses luz a estes e àqueles, e nenhum vos desseis, porque só têm calor ou força actínica, gritareis: inferiores? (Roquette-Pinto, 1927:288).

Eis aí a grande ilusão de Euclides: considerou inferior, gente que só era atrasada; incapazes, homens que só eram ignorantes (Roquette-Pinto, 1927:294).

É que as noções de raça e de povo baralham-se muito frequentemente, mesmo na linguagem dos cientistas. E assim foi na de Euclides (Roquette-Pinto, 1927:298. Todos os grifos do autor).

Avaliando aqueles tempos, um autor contemporâneo - Thomas Skidmore - chega a dizer que Roquette-Pinto se distinguia de Euclides da Cunha por não ser racista. Ele diz:

Médico que era, e inconformado com a situação de pobreza do brasileiro, escreve um artigo sobre medicina, no qual diz:

Antes de mais nada é preciso que haja comida. Antibiótico, sem leite, não dá nada (Roquette-Pinto. Jornal do Brasil, "Notas e Opiniões", 6/10/51).

Mas as suas opiniões, mais marcadas pela emoção, aparecem naquilo que Roquette-Pinto escreveu a respeito dos meios de comunicação da época e das formas de divulgação de idéias. Com relação à gíria, na língua portuguesa, diz ele:

Perguntaram-me se gosto da gíria, que opinião tenho a respeito etc. Pois respondo honestamente: gosto... em termos, desde que seja aplicada com inteligência, parcimônia, propriedade. é um tempero forte, dá grande sabor, mas precisa ser usada em justos limites aceitáveis (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil, "Notas e Opiniões", 19/8/52).

No final da vida, ele se mostra indignado com o Rádio, o Cinema e o Fonógrafo (que naquele momento estava nascendo). Acreditava que deveria haver um "bom uso" destes meios de comunicação. E este "bom uso", no seu entender, estava sendo praticamente subvertido:

O Brasil não está tirando o proveito que poderia obter se aplicasse melhor os recursos modernos da

ciência e da técnica. Exemplo. O que se passa com o disco fonográfico. Em vez de ser aproveitado no ensino das línguas, na divulgação da boa música nacional, da poesia, da história, da geografia - o disco é, aqui, quase exclusivamente produzido para arquivar o que há de pior em matéria de arte popular. Salvo exceções, muito raras na verdade (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 16/2/52).

Outro meio de comunicação, que estava surgindo nos anos que precederam a sua morte, foi a televisão. E, no seu entender, o "bom uso" da TV também estava sendo praticamente subvertido:

Quem compra um receptor de televisão, na maioria dos casos, imagina que adquiriu um aparelho que lhe permite ter cinema, em casa, de graça. Ora, a verdade é que - de graça - é um modo de dizer. Porque, se não se paga em dinheiro o espetáculo que a TV proporciona, paga-se, de fato, em chateação e muitas vezes até em tristeza e indignação: anúncios impertinentes, teatro de crimes, cenas de assombrações e fantasmas etc. Sem falar nas célebres orquestras barulhentas e dissonantes, que com inomináveis arranjos estragam os motivos da boa música popular (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 19/2/52. Grifos do autor).

Enfim, a emoção surge maior quando ele exprime o que, no seu entender, estava faltando à cultura:

O que está faltando à decantada cultura é um fator moral que não se encontra implícito nas ciências, nas letras e nas artes: é a Fraternidade. Meus amigos da Sociobiologia aplicada; estamos todos ensinando, e isso não basta. É indispensável para resolver os problemas da cultura, educar o sentimento dos moços, desenvolvendo, pelo exercício, o altruísmo e a fraternidade. Ginástica do sentimento (Roquette-Pinto. Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 20/12/52. Grifos do autor).

Com relação ao Rádio (meio de comunicação com o qual mais trabalhou), existe um acontecimento pitoresco que envolveu Roquette-Pinto e Chico Alves. Tal acontecimento nos dá a medida exata do rigor e da severidade com que tratava a divulgação de mensagens. É o que nos conta o artigo escrito por Antonio Maria e publicado na edição de 27 de Outubro de 1954, no Diário Carioca:

Conta Almirante que, numa noite, Chico Alves estava ao microfone da Rádio Sociedade, cantando aquela marchinha que dizia: 'Eu quero uma mulher bem nua, bem nua, bem nua', etc., então Roquette mandou tirar a estação do ar e, no dia seguinte, justificando o gesto (a Almirante), disse: 'Meu caro, uma mulher bem nua todos nós queremos. Agora, não vamos pedir

pele rádio'.

Importa perceber que o debate, daquele momento histórico brasileiro em que viveu Roquette-Pinto, era acalorado, inquieto, agitado - contudo, não era um debate desesperançoso ou desesperado. Não havia falta ou perda de esperança. Isto porque havia um projeto para se reconstruir o Brasil.

Capítulo I / Notas .

1. Reconstruir a vida pessoal de Roquette-Pinto não foi tarefa fácil... A não ser uma entrevista sobre a sua infância e adolescência, concedida a Haroldo Mauro (irmão de Humberto Mauro), e publicada em O Jornal em 1936, ele parece não ter dado outras declarações a respeito de sua vida particular. Entretanto, ele conviveu com pessoas que ainda hoje estão vivas, e que puderam me conceder depoimentos sobre a sua existência. Dentre estas pessoas, cito aqui: 1) sua filha, Dona Beatriz Roquette-Pinto Bojunga, que esteve sempre presente em sua vida, tendo com ele trabalhado na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e no Instituto Nacional de Cinema Educativo - INCE; 2) a Profa. Maria Julia Pourchet, que por ele foi indicada, nos anos 50, para trabalhar com o Prof. Bastos de Avila, no Museu Nacional; 3) o Dr. Alberto Venâncio Filho (filho de Francisco Venâncio Filho, colaborador de Roquette-Pinto na tarefa da educação), que o conheceu na década de 50. 4) o Prof. Luis de Castro Faria que, ao pleitear o seu ingresso nos quadros do Museu Nacional, teve a presença de Roquette-Pinto entre os examinadores do concurso. Todas essas pessoas moram hoje em dia no Rio de Janeiro. Além de tê-los entrevistado, colhi também o importante depoimento do Prof. Dr. Antonio Candido de Mello e Souza, primo em quarto grau de Roquette-Pinto e que pôde traçar a ascendência familiar do autor, bem como relatar episódios referentes à sua

vida, ligados ao momento histórico da época. Mas, embora tendo dado pouquíssimas declarações públicas sobre sua vida pessoal, podemos encontrar algumas linhas publicadas em livros e em artigos seus na imprensa, nas quais, tomando como ilustração a sua própria vida pessoal, reporta-se a assuntos variados. No seu único livro de contos - Samambaia (1934) - e na sua coluna periódica "Notas e Opiniões" no Jornal do Brasil, encontramos estas linhas.

2. A reconstituição dessa descendência familiar me foi feita pelo Prof. Antonio Candido.
3. Na verdade, portanto, o pai de Roquette-Pinto não foi o pai, foi o avô. Mais uma razão para que ele tenha tido o nome de Roquette.
4. Os estudos naturalistas de Roquette-Pinto encontram-se analisados face à história da Antropologia no Brasil no Capítulo III e face ao momento histórico brasileiro no Capítulo IV.
5. 1932 é o ano do centenário da morte de Goethe. Neste ano, foi conferida a Roquette-Pinto a grande medalha de Goethe, marcada com o seu nome. Com a seguinte inscrição: "Pró-arte e ciência. Fundada no ano goetheano de 1932. O Presidente do Reich". Ao receber a medalha, fez o discurso: Goethe Naturalista. Em sua casa, na Av. Beira Mar, no Rio de Janeiro, ao lado dos retratos do pai e da mãe, Roquette-Pinto tinha um retrato de Goethe. Em 22 de Abril de 1955, a Sociedade Goetheana de Weimar promove homenagem póstuma à Roquette-Pinto. Nos últimos

- anos de sua vida, ele foi membro desta sociedade.
6. Tradução feita pelo próprio Roquette-Pinto: "Deixa aos homens a sua natureza rebelde. Cada qual deve defender-se como puder desde criança, assim finalmente tornar-se-á um homem".
 7. Tradução de Roquette-Pinto: "O problema em nós mesmos".
 8. Este texto foi escrito para a Conferência realizada a 15 de Agosto de 1917 na Biblioteca Nacional e a 11 de Abril de 1918 no Conservatório Dramático de São Paulo. Com o subtítulo: "Por protesto e admiração". Reproduzido em Seixos Rolados (1927) (Cf. Castro Faria, 1959:13).
 9. O livro Rondônia e a criação dos tipos antropológicos brasileiros estão analisados nos Capítulos III e IV.
 10. Esta é uma matéria controvertida. Aparentemente, poder-se-ia atribuir aos estudos que Roquette-Pinto fez sobre a miscigenação um enfoque culturalista. De fato, ele chega a entrar em contato com a Antropologia Cultural. Porém, jamais conseguiu se desvencilhar dos limites da Antropologia Física, como se poderá ver a seguir. Na verdade, parece não ter sido sua opção se desvencilhar desses limites.
 11. No mesmo artigo, Roquette-Pinto diz que o Pau-Brasil é a "árvore simbólica da nacionalidade".

CAPITULO II

O PROFESSOR ROQUETTE-PINTO

Tudo se passa como se a Antropologia Social e Cultural, longe de aparecer na cena do desenvolvimento científico como um corpo autônomo, reivindicando o seu lugar no meio das outras disciplinas, tomasse forma um pouco à maneira de uma nebulosa, incorporando a si, progressivamente, uma matéria até então difusa ou repartida de outro modo, e determinando, por esta mesma concentração, uma redistribuição geral dos assuntos de pesquisa entre todas as ciências humanas e sociais.

Claude Lévi-Strauss.

O PROFESSOR ROQUETTE-PINTO

1. O tema deste capítulo

O presente capítulo, dividido em duas partes, procurará, de um lado, traçar a trajetória intelectual de Roquette-Pinto, levando sobretudo em consideração o seu desempenho como médico, antropólogo e educador. De outro lado, o capítulo destacará o papel da Educação, nos primeiros 50 anos deste século, e o trabalho do educador Roquette-Pinto na procura de transformar a realidade brasileira deste período.

As razões que levaram Roquette-Pinto a se imiscuir nos âmbitos da Medicina e da Antropologia - tendo, todavia, como meta, a educação do povo "brasiliano" -, bem como a sua participação no projeto educacional salvacionista brasileiro. Este será o tema do presente capítulo.

2. A trajetória intelectual

2.1. Um educador que buscou inspiração na Antropologia

As 13:00 hs, do dia 18 de Outubro de 1954, 23 dias depois de completar 70 anos de idade, o professor Roquette-Pinto morreu em casa, na Av. Beira Mar, 406 - Apto. 504, Rio de Janeiro, vítima de um fulminante derrame cerebral. É verdade que a

espondilose (tipo de doença vertebral que causa diminuição ou impossibilidade de movimentos), com a qual convivia há muitos anos, já o havia feito sofrer muito. Mas, embora sofrendo alguns tropeços causados pela doença, ele não era um homem abatido. Pois morreu escrevendo um artigo para o Jornal do Brasil, portanto em ativa produção intelectual, e... amando as mulheres, de quem era um eterno apaixonado.

Mas a imprensa carioca não deu muita atenção à morte do médico, do antropólogo, do cientista Edgar Roquette-Pinto. A imprensa carioca, embora fazendo publicar seus "dados biográficos", suas "missões no estrangeiro", suas "atividades científicas", seus "títulos e condecorações", sua "bibliografia" e as "homenagens póstumas" a ele dedicadas, ressaltou, em todos os artigos, a morte do professor Roquette-Pinto. Na verdade, ele gostava de ser reconhecido como professor².

Não foi somente a imprensa que, no momento da sua morte, destacou sobretudo o seu ofício de educar. A maior parte dos intelectuais com quem conviveu procurou fazer sobressair, em artigos póstumos publicados aqui e ali, a contribuição de Roquette-Pinto à procura de fazer dos brasileiros um povo educado. Fernando de Azevedo, por exemplo, lembra o ano em que conheceu Roquette-Pinto - 1927 - dizendo que:

um destino feliz reservou a missão de instruir e sagrar, como num rito religioso, a união dos educadores (Azevedo, 1954:4)³.

Não é para menos que a imprensa carioca tenha dado menos atenção à morte do médico e antropólogo, do que à do professor. Pois ele morreu escrevendo, para o Jornal do Brasil, um artigo na seção "Notas e Opiniões", que assinava desde 1951, no qual se mostrava satisfeito com o discurso da semana anterior do presidente Café Filho. Naquele discurso, o presidente apoiava a iniciativa de educação do povo brasileiro, tarefa à qual Roquette-Pinto já estava se dedicando desde os anos 20. Quem ler o artigo com cuidado, poderá perceber que ele encontra suporte na avaliação que Roquette-Pinto fazia do momento histórico e cultural do seu tempo vivido.

No dia seguinte ao da sua morte, a imprensa publicou um facsimile do rascunho do artigo, escrito sob a forma de diálogo. Ele morreu passando-o a limpo na sua velha máquina de escrever. O Jornal do Brasil recolheu todos os papéis e, no dia seguinte ao do seu falecimento, publicou a parte já passada a limpo e mais o que ainda se encontrava em rascunho. Esta é a íntegra do artigo, apresentada ao público em 19 de Outubro de 1954:

NOTAS E OPINIÕES

E. Roquette-Pinto

- Fiquei, na verdade, emocionado ouvindo o discurso que fez o Presidente Café na semana passada...

- Falou bonito o Presidente?

- Não sei se falou bonito; mas falou certo. Nenhuma frase altissonante ou enfeitada. Foi um grito sincero e forte que terá de atingir as almas todas deste povo, na resiliência magnífica de que é dotado o que é sincero e justo...

- As grandes verdades, para Você, vão sempre mais longe, como as bolas de borracha que batem no chão e sobem de novo para ganhar outros pontos mais afastados...

- É isso mesmo. O Presidente mobilizou a Nação para lutar pelo melhoramento espiritual da sua gente. O regime colonial acostumou o Brasil a esperar tudo do Governo.

- Mesmo porque as iniciativas progressistas eram punidas: culturas agrícolas, indústria de tecidos, imprensa...

- O grito do Presidente lembra o edito do Mikado no meio do século passado; transformou o Japão em pouco tempo: onde houver alguém que sabe, ensine ao que não sabe. Foi a ordem de Mutsu Hito. E...

(neste trecho interrompeu o Professor Roquette-Pinto o texto datilografado, não o terminando por ter sido colhido, de surpresa, pela morte. Entretanto, tendo deixado originaes manuscritos, por eles nos foi possível completar o artigo, o que ora fazemos):

... E a ordem foi cumprida.

- No Brasil a coisa é mais difícil. Porque o

Japão era ignorante; mas era educado.

- Ninguém discutiu o Bushido - código de honra nacional - ninguém ousava discutir a ordem imperial...

- O nosso Presidente disse claramente o que é preciso fazer. Nenhum governo, aqui, pode dar ao povo todas as escolas de que ele precisa. Mas cada templo, de qualquer religião, cada clube esportivo, cada fábrica e cada casa de família pode e deve ser a seu tempo uma escola para um ou para muitos compatriotas.

- E foi só por isso que Você ouviu comovido o notável discurso do Presidente?

- Não. No governo do Presidente Epitácio Pessoa houve aqui no Rio, reunido na Escola Politécnica, um congresso nacional de educação presidido pelo Conde de Affonso Celso. Iniciativa do Ministério do Interior. Na última sessão de uma das comissões presidida por Paulo de Frontin, um meu amigo fez, entre aplausos, a seguinte proposta. O Congresso faz votos para que todos os lares do Brasil sejam centros de educação e cultura. Ensine quem souber, o que souber, a quem não souber...⁴.

Necessidade de se educar o povo brasileiro. Esta é a proposta do artigo. E não precisa ser numa instituição chamada escola. Numa realidade social como a do Brasil da época, poderia ser, até mesmo, dentro de casa. Para a educação daquele que ele chamava "o homem brasileiro"⁵, Roquette-Pinto empregou praticamente a sua vida inteira. Intelectual do seu tempo

histórico e cultural, ele percebeu que o Brasil não se modernizava, apesar de sua dimensão e de sua riqueza. Ele acreditava que a razão do atraso do país, o motivo pelo qual a nação não se desenvolvia, estava justamente no atraso e no não desenvolvimento do seu povo. E atraso e não desenvolvimento eram sinônimos de apenas uma palavra: ignorância. Nicolau Sevcenko, a respeito da produção intelectual na Primeira República, lembra que "afinal, a luta contra a 'caturrice', a 'doença', o 'atraso' e a 'preguiça' era também uma luta contra as trevas e a 'ignorância'; tratava-se da definitiva implantação do progresso e da civilização" (Sevcenko, 1985:33).

Porém, a educação na vida de Roquette-Pinto apareceu como uma atividade prática - missionária, salvacionista, nacionalista - que só pôde ser executada porque, para ele, a medicina e a antropologia - a ciência, enfim - o haviam ensinado que o brasileiro miscigenado não era necessariamente produto de uma combinação biológica deletéria; o brasileiro mestiço era apenas doente (doença produzida pelo meio social) e... fundamentalmente ignorante e deseducado. A produção intelectual no Brasil entra nos anos 20 atribuindo, àqueles que ainda acreditavam que a miscigenação em si gerava brasileiros degenerados, uma postura anti-científica. Os estudos fisiológicos - imbuídos do que era considerado absoluto rigor científico - procurava estender tal rigor à antropologia, utilizando-se, para isso, de uma de suas áreas mais marcadas pelas técnicas de mensuração e comparação empíricas: a antropometria. Isso era fazer antropologia, naquela época. Isso era fazer ciência, naquela época. Esse "fazer"

científico tentava provar que o homem brasileiro, miscigenado, não tinha necessariamente nenhuma alteração genética e racial inferiorizante. Considerava-se que o que havia, de fato, era uma alteração cultural inferiorizante, na comparação com outros homens de outras sociedades.

É preciso lembrar que a antropologia que se fazia nesta data já é diferente da antropologia que se fazia até então. Mariza Corrêa, que estudou Nina Rodrigues e um grupo de médicos que se auto-intitulavam membros da Escola Nina Rodrigues, demonstra como o Brasil era pensado e divulgado na sua produção teórica e intelectual: "Antes de ser pensada em termos de cultura, ou em termos econômicos, a nação foi pensada em termos de raça. Dominante, a noção de raça não excluía no entanto a reflexão a respeito da economia, da política ou da cultura" (Corrêa, 1982:35). Entretanto, o período de Roquette-Pinto não é mais o período de Nina Rodrigues. Instrumentalizado pelo saber científico daquele preciso momento histórico, Roquette-Pinto tenta deslocar, da noção de raça para a noção de cultura, o ponto de análise fulcral para se pensar o Brasil. A rigor, ele desloca a base da reflexão intelectual a respeito do Brasil. Era a época em que os imigrantes, a cada dia penetrando-se em maior número no território nacional, significavam, para alguns, uma alternativa de substituição do homem brasileiro miscigenado, considerado doente, preguiçoso e indolente. Roquette-Pinto sai então em defesa do povo. Ele desloca o problema da raça para a cultura. Para ele, se o homem brasileiro era doente ou preguiçoso, isso se dava exclusivamente por causa de fatores socioculturais, e não

por causa da combinação genética da raça. Assim, Roquette-Pinto usa do recurso da ciência para dizer:

a antropologia prova que o homem, no Brasil, precisa ser educado e não substituído (Roquette-Pinto, 1933:172. Grifos do autor).

Para combater tal e tanta ignorância, Roquette-Pinto estudou, como médico e antropólogo, a fisiologia e a cultura do povo. Dedicou-se ao estudo do brasileiro miscigenado, porque sabia que o povo brasileiro era e iria continuar sendo um povo miscigenado. Justamente por isso, destinou parte importante do seu tempo de estudo ao sertanejo. Símbolo da mestiçagem, o sertanejo era ainda considerado um produto biológico degenerado, causado por cruzamentos desordenados. Para Roquette-Pinto, entretanto, a causa do nascimento de um ser humano portador de qualquer degenerescência biológica não era o cruzamento, a miscigenação em si. Num de seus artigos mais marcados pela antropologia que se fazia na época, que tinha por base instrumental as técnicas antropométricas e somatométricas, ele diz que

do ponto de vista psicológico, as pesquisas provaram que os cruzamentos entre branco x negro e branco x índio dão sempre tipos normais, a menos que os progenitores não sejam portadores de herança mórbida. Em geral, tem-se o hábito de considerar degenerados, mestiços que são apenas doentes ou

disgênicos. Não é o cruzamento; é a doença a causa do aspecto débil de muitos deles (Roquette-Pinto, 1931:171).

É verdade que, nesta época, Roquette-Pinto lidou com o conceito de eugenia, embora tentando reavaliar o pensamento de Galton. Na realidade, neste momento, ele se posicionou em favor da eugenia do povo brasileiro⁶. Todavia, mais tarde, em 1934, época histórica em que se decantava a pureza da raça ariana, ele se posicionou contrário à esterilização de pessoas doentes. Respondendo a um inquérito do Jornal Globo entre cientistas brasileiros, o qual lançava a pergunta - "Devem ser esterilizados os enfermos incuráveis?" - ele recorreu justamente ao conceito de eugenia, para dizer:

A esterilização legal dos degenerados e outros indivíduos cuja reprodução seja considerada indesejável, é prática muito antiga em alguns Estados da União Norte Americana. Em França, um dos grandes adeptos dessa prática é Charles Richet. Em princípio, a Eugenia quer isso mesmo: aumentar o número dos 'melhores' e acabar com os 'piores'... O problema, porém, é extremamente complexo, além do mais porque, na hora atual, salvo os selvagens, não há indivíduo no mundo civilizado, que se possa considerar portador de herança unilateral. O 'mau germem' está dinamizado, como dizem os homeopatas, por toda a humanidade,

pronto, porém, a se manifestar na primeira ocasião. E assim também o 'bom germão'. Esterilizar um degenerado será, em alguns casos, privar a humanidade futura de alguns homens de gênio. E quando se sabe que todo o progresso da espécie humana foi, afinal de contas, resultante da classe excepcional, vê-se logo quanto grande é a falta de um fragmento desta classe. Não imagine o Sr. quantos abusos, facilmente praticáveis, poderiam ser cometidos para a sua destruição.

(Roquette-Pinto).

Em artigo de 1933, dedicado a Beethoven, Roquette-Pinto chega a fazer uma crítica sutil àqueles que ainda acreditavam na pureza da raça ariana:

Quanto mais se conhece Beethoven, mais a gente se convence da sua imensa grandeza. Não havia naquele homem pequeno, moreno, feio, de cara picotada pela varíola, mas de fronte olímpica e belos cabelos negros - (raça ariana, hein!) - na descrição conhecida de Bettina, a rapariga-azougue, genial, que tanta influência teve na vida de Goethe e de Beethoven, não havia nele somente um criador de Música; havia também um pensador e um santo (Roquette-Pinto. Jornal de Brasil. "Notas e Opiniões". 28/4/53).

O que a medicina e a antropologia lhe mostravam era que a razão da "insuficiência da terra" (como ele gostava de dizer) não

era, portanto, a da insuficiência bio-genética do homem brasileiro. Observando de um outro ângulo, acreditava que a razão da "insuficiência da terra" era a da insuficiência cultural do povo. E esta era, para ele, uma constatação científica, baseada em estudos experimentais do brasileiro. A medicina, a fisiologia, a antropologia, a antropometria deram a ele as bases desta constatação. Portanto, se Roquette-Pinto se julgou um professor, um educador, é porque ele se julgou um médico, um antropólogo, um cientista.

E foi um cientista cuja formação ocorreu nos primeiros anos do nosso século. Para ele, a ciência teria que instrumentalizar o mundo moderno. Tratava-se da ciência positiva, cuja doutrina e aplicação tinha por objetivo encaminhar a humanidade para o progresso contínuo. E a marcha do que se compreendia ser o "progresso" só teria sentido se estivesse em íntima conexão com a marcha do altruísmo. Quase como se houvesse uma transferência de energia de um para o outro, a ponto de "progresso" e "altruísmo" se tornarem palavras sinônimas⁷. Num depoimento feito à imprensa, a respeito da situação do mundo e do Brasil sob o ponto de vista social-econômico (raras vezes ele deu depoimentos explícitos, a respeito desse assunto). Roquette-Pinto apresentou a seguinte síntese:

A ciência vai salvar o mundo, desmoralizando o ouro, multiplicando o pão, diminuindo as distâncias materiais e morais que ainda separam os homens, suavizando o trabalho, elevando a alma de todos,

vulgarizando a arte e as coisas delicadas e saudáveis da vida. Sou, como vê, escandalosamente otimista...
...
data..

2 2 Um antropólogo que buscou inspiração na Medicina

O Brasil que, por causa dos longos séculos de colonização e dependência econômica não conseguia encontrar sua identidade nacional, queria agora, com a chegada do século XX, ingressar nos novos tempos da modernidade industrial, social e cultural. Isso implicava a renovação do próprio povo, renovação do homem brasileiro. Tal renovação só seria possível se, primeiro, esse homem brasileiro fosse conhecido (o Brasil, até o começo do século, não conhecia os brasileiros); segundo, fosse educado; e, terceiro, fosse reconhecido como participante da sociedade, isto é, reconhecido como cidadão. Para os cientistas que faziam Ciência do Homem, já não bastava, então, os limites dos estudos biológicos. Para conhecer, educar e fazer com que o brasileiro ascendesse à categoria de cidadão, estes limites significavam barreiras. Era necessário ultrapassá-las.

Já há algum tempo, a Europa entendia que qualquer disciplina intelectual, voltada apenas para os limites da biologia, seria insuficiente para dar conta de compreender o próprio homem. Como diz o Prof. Thales de Azevedo, em artigo no qual procura traçar os caminhos da medicina e da antropologia, "irrecusável, como é,

o comum interesse de todas as ciências biológicas pelo homem, também se verificou - praticamente a partir da segunda metade do século XIX - que, além de uma antropologia que fosse estritamente Biologia Humana, era necessário organizar uma especialidade que, sempre levando em conta e o meio físico, se dedicasse à investigação conexa da cultura e da alma humana" (Azevedo, 1979:152).

Vários intelectuais brasileiros, muitos deles nascidos no século passado, todavia intelectuais do século XX, embora reivindicando para si a condição de nacionalistas, foram buscar na renovação das ciências humanas que se fazia na Europa, os subsídios para conhecer e compreender o homem brasileiro. Citando nominalmente Roquette-Pinto, Gilberto Freyre, num livro que aborda os médicos na passagem do século, lembra que

no decorrer do século XIX, médicos ou paramédicos brasileiros, já formados ou ainda estudantes, sob o ardor de uma já antiga consciência intuitivamente social a fazer, de alguns deles, médicos mais-do-que-médicos, passaram a adotar abordagens quase sociológicas no trato de fenômenos sociais causadores de situações patológicas; inclusive no setor da nutrição e no da alimentação, antecipando-se aos admiráveis e já modernos Amaury de Medeiros, Ulisses Pernambucano de Melo, Arthur Neiva, Juliano Moreira, Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, Antônio Austregésilo, Arthur Ramos, Neves Manta, Artur de Sá,

*Miguel Pereira, Roquette-Pinto, Silva Melo, Fróes da
Fonseca, Pacheco Silva, dos começos do século XX
(Freyre, 1983:26-27).*

Roquette-Pinto, cientista que reivindicou sempre para si a condição de naturalista e nacionalista, buscou, sobretudo nos intelectuais franceses, auxílio que lhe permitisse pensar melhor o seu país. Em 1911, quando ainda era um jovem professor-assistente de antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, aproveitou sua ida à Europa - ao Congresso das Raças, em Londres - para freqüentar as aulas dos Profs. Richet, Brumpt, Tuffier, Verneaus e Luschan. Em 1924, participou do Congresso Internacional de Americanistas, reunido na Suécia, a convite da Universidade de Gotemburg, e visitou, em seguida, os EUA, a convite de Franz Boas, da Universidade de Colúmbia. Embora Roquette-Pinto jamais tivesse penetrado sua atenção nos estudos da Antropologia Cultural (mesmo no final de sua vida e talvez por opção pessoal), é preciso considerar que os anos 20 e 30, na Europa, representaram uma época de transformação metodológica da Antropologia. Roquette-Pinto viveu no momento em que as ressonâncias desta transformação chegavam ao Brasil ainda de forma muito incipiente. Talvez, até mesmo sem se dar conta, o seu trabalho, na área da Antropologia Física, permitiu, aqui, o desenvolvimento dos estudos da Antropologia Cultural. Roquette-Pinto é anterior a Gilberto Freyre (considerado um que trabalhou, por excelência, com a Antropologia Cultural). Gilberto Freyre várias vezes se reportou a Roquette-Pinto para dizer que

aprendeu, com este último, que os problemas brasileiros não encontravam base de sustentação na composição racial do povo. De alguma forma, ainda que implicitamente, começava a chegar, aqui no Brasil, os reflexos da renovação dos estudos antropológicos europeus. E Franz Boas significava essa renovação. Ele se mostrava, como diz o Prof. Thales de Azevedo, como o "renovador dos estudos antropológicos e sociológicos" (Azevedo, 1979:158). O próprio Gilberto Freyre dizia que "o meu principal mestre de Antropologia na Universidade de Colúmbia - o grande Franz Boas - era judeu-alemão que na Europa se formara em Medicina; e em Antropologia, nunca compreendeu que alguém fosse antropólogo cultural sem se ter iniciado antes no estudo feio e forte da Antropologia Física: inclusive familiarizando-se com cadáveres, em práticas de Anatomia, como qualquer estudante de Medicina" (Freyre, 1982:117).

A interrelação que poder-se-ia estabelecer entre a Antropologia Física e a Antropologia Cultural prendeu a atenção de muitos antropólogos, brasileiros ou estrangeiros, que aqui no Brasil trabalhavam. Na verdade, eles tentavam se libertar das amarras que a biologia impunha aos estudos a respeito da miscigenação. Lévi-Strauss, por exemplo, que na Universidade de São Paulo trabalhava na década de 30, via - naquele momento - a necessidade de criação de um "Instituto de Antropologia Física e Cultural". Preocupado com os "sobreviventes das populações indígenas", e citando nominalmente Roquette-Pinto, ele diz que:

Muito já se fez neste campo. E não me seria

possível abordar o assunto sem prestar homenagem à obra admirável de Roquette-Pinto (Lévi-Strauss, 1935:252).

2.3. Um círculo de interesses integrados

Creio que a vida intelectual de Roquette-Pinto esteve envolvida por um mesmo conjunto de objetivos e aspirações. Porém, este mesmo conjunto foi formado por duas grandes dimensões de interesses (a primeira subdividida em duas), as quais sem dúvida viveram em intersecção. Dimensões que se interrelacionaram sem se contraporem.

A primeira dimensão é aquela na qual ele mergulha no círculo de interesses da medicina e da antropologia da época. Os marcos são os anos de 1902 e 1905. Em 1902, no ano em que foi publicado, Roquette-Pinto lê Os Sertões, de Euclides da Cunha, livro que marca profundamente a sua visão a respeito do Brasil e do povo. Em 1905, cola grau em medicina, na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Foi aluno do Prof. Augusto Brant Paes Leme, catedrático de anatomia médico-cirúrgica, que o incentiva a se dirigir para a "ciência das raças" (expressão utilizada pelo necrológico publicado na imprensa com a morte de Roquette-Pinto) e para a antropologia. Já em 1906, defende tese de doutorado e, no mesmo ano, torna-se, por concurso, professor-assistente do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Entre 1914 e 1919, ocupa o cargo de secretário do Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro. Em 1926, é nomeado diretor do Museu Nacional, ficando no cargo por 9 anos, e desligando-se definitivamente em 1935. Em 1936 passa a trabalhar quase que exclusivamente com educação e alguns jornais afirmaram que, a partir daquele momento, ele teria virtualmente encerrado suas pesquisas em antropologia. O Prof. Dr. Luis de Castro Faria, que conviveu com Roquette-Pinto⁸ lembra que

o seu afastamento do Museu foi completo, não deixando apenas o cargo, mas desfez também todo contato com a instituição (Castro Faria, 1959:10).

A segunda dimensão é aquela na qual ele se deixa absorver totalmente pela educação. O marco é 1936, quando funda e se torna o primeiro diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo - INCE (inaugurado oficialmente em 1937). Este me parece ser o momento essencial do professor porque ele passa a se dedicar, quase que completamente, à tarefa da educação popular.

Mas tais dimensões definitivamente não podem ser vistas em separado. Elas formam um conjunto de intersecções de interesses. Por 13 anos, no mínimo (de 1923 a 1936), Roquette-Pinto foi - ao mesmo tempo - antropólogo e educador, trabalhando no Museu Nacional e também na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. O seu grande feito, enquanto diretor do Museu Nacional, foi o de ter estabelecido novo regulamento (através do decreto de 27 de Março de 1931), no qual cria uma divisão voltada exclusivamente para a educação. E é ele próprio quem assume a direção desta divisão,

intitulada "História Natural (Serviço de Assistência ao Ensino)", deixando a divisão de "Antropologia e Etnografia" a cargo de Heloisa Alberto Torres. Além disso, funda uma rádio educativa em 1923 - a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro -; outra em 1926 - a Rádio Escola Municipal -; e trabalha durante a segunda metade dos anos 20 e primeira dos 30 na construção do Instituto Nacional de Cinema Educativo - INCE. A sua tentativa, na condição de diretor do Museu Nacional, era a de divulgar o saber. Os museus, para ele, deveriam ser fontes de divulgação popular do saber científico. Ele chega, em 1928, a ministrar, à noite, curso de antropologia, no anfiteatro da Escola Politécnica, no qual estavam presentes - na platéia - Miguel Ozório de Almeida e Alvaro Frões da Fonseca.

Mas em 1936 ele se afastou realmente da pesquisa antropológica. Chegou a ser criticado por isso. Respondendo às críticas, ele declara na edição de 3/9/35 de A Noite Ilustrada:

O intelectual que se habituou ao delicioso isolamento que a pesquisa científica exige, que viveu contente na sua torre de Marfim, mal compreende como alguém deixe o encanto de tais ocupações para consagrar a atividade à educação elementar da cultura do povo (Roquette-Pinto).

Outra resposta às críticas de ter deixado de lado a antropologia se configura nas palavras que Humberto de Campos registrou no seu Diário Secreto como ouvidas de Roquette-Pinto:

- Umberto, eu sou, talvez, mais vaidoso do que você supõe. Eu não me desinteressei da minha ciência predileta, a antropologia, porque estou incansavelmente tranquilo em relação à conservação do meu nome, nos seus anais. Dentro de um século, não se escreverá mais nada sobre educação e sobre rádios no Brasil, sem subir as escadas do Museu Nacional ou das Bibliotecas para consultar o que eu deixei... Tudo que um homem de pensamento aspira, e que é a sobrevivência na memória dos homens de amanhã, eu tenho como certo. Agora, o meu desejo é divulgar o conhecimento das maravilhas da ciência moderna nas camadas populares. Esta a razão dos estudos que estou agora realizando. Eu quero tirar a ciência do domínio exclusivo dos sábios para entregá-la ao povo (citado por Lins, 1956:117-118).

Na coluna "Notas e Opiniões", para o Jornal do Brasil, de 10 de Setembro de 1951, ele chega a considerar a si próprio como um

antropólogo reformado, mas sempre interessado nas questões de raça, mormente no Brasil (Roquette-Pinto).

Roquette-Pinto chega a valorizar, de forma exultante, aqueles que deixaram seus afazeres puramente intelectuais e partiram na empreitada voluntária de, sem pedir nada a ninguém,

organizar meios para educar o povo. É o caso, por exemplo, de Maciel Pinheiro, diretor da Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro em 1953, que colocou em prática um sistema de consultas populares, por telefone, e tornou público pela Rádio da Prefeitura um resumido boletim bibliográfico:

Porque Maciel Pinheiro não pedirá a ninguém que o ajude a carregar as pedras das escolas que deseja construir, falando de longe, comodamente sentado. Ele primeiro tira o casaco, e sua o topete; agarra nas mãos os pedrouços do muro e age. Depois é que chama os companheiros. Então ninguém se furta. Assim vai realizando sempre os sonhos do seu ideal altruístico (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil, "Notas e Opiniões", 7/2/53).

Mas, mesmo dedicando-se, a partir de 1936, quase que exclusivamente à educação popular, Roquette-Pinto não poderia deixar de ser reconhecido como antropólogo. Numa pesquisa, para tese de doutorado, a respeito da história da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, Paulo Roberto Azeredo lembra a sessão solene de inauguração dessa entidade, em Junho de 1941, dizendo:

Após a exposição apresentada por Ramos (Arthur Ramos), seguiu a do palestrista Sr. José Alves de Moraes, do corpo discente da Faculdade Nacional de

Filosofia, que propôs ao plenário e à diretoria uma moção de aplauso ao Ministro da Educação e Saúde, Dr. Gustavo Capanema, por ter este oficializado a inclusão da cadeira de Antropologia e Etnologia na Universidade do Brasil. Em seguida, o Presidente Efetivo da SBAE prestou uma homenagem especial à figura do Dr. [nome não legível] e, em seguida, fez uma referência às suas, naquela oportunidade, a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia com a sua presença (Azeredo, 1986:114).

2.4. Médico / Antropólogo / Educador

A história da nossa disciplina - a Antropologia - deve respeitar cada momento histórico e intelectual vivido por aqueles que com ela trabalham. Em outras palavras, embora a Antropologia (como de resto toda disciplina) tenha sua especificidade teórica e de pesquisa, que talvez independa do momento em que ela está sendo realizada, tais teoria e pesquisa nunca estão desconectadas da realidade sociocultural e histórica dos seus realizadores. No começo do século XX, a Antropologia foi um instrumento utilizado para se conhecer populações desconhecidas do interior do Brasil (índios, sertanejos, mestiços). Por causa da ausência, na época, dos atuais departamentos de Ciências Humanas nas Universidades, os antropólogos do começo do século foram formados pelas Faculdades de Medicina e de Direito. Lembrando o nome de Roquette-Pinto, novamente é o Prof. Thales de Azevedo quem diz:

Homens de formação médica foram ou têm sido no Brasil, Nina Rodrigues, João Baptista de Lacerda, Roquette-Pinto, Arthur Ramos e o Professor Fróes da Fonseca; talvez os maiores antropólogos brasileiros, tendo sido Roquette-Pinto voz de mestre de Antropologia que primeiro destacou, no meu ensaio antropológico social de estréia brasileira nesses estudos, o fato - segundo ele - de não lhe faltar lastro biológico (Azevedo, 1979:153).

Creio que num determinado momento de sua vida, Roquette-Pinto - ele próprio - revelou sua identidade intelectual, unindo os elementos que a compuseram. Trata-se do momento decisivo em que surgem conflitos entre o Instituto Nacional de Cinema Educativo - INCE, por ele mesmo criado, e o Departamento de Imprensa e Propaganda da Presidência da República. Naqueles tempos⁹, Roquette-Pinto defendia a autonomia e manutenção do INCE (vinculado ao Ministério da Educação e Saúde), na qualidade de órgão voltado exclusivamente para a educação do povo. E o argumento de defesa estava baseado na trajetória de sua própria vida intelectual. Por ocasião da visita do Presidente Getúlio Vargas ao INCE, em 1944, ele mostra como a sua identidade intelectual - médico, antropólogo, educador - foi construída dentro da dinâmica histórica do seu país e dentro da organização do pensamento intelectual que estava estabelecido. Ele mostra, neste contexto, como tal identidade sofreu constantes alterações

de rota, embora tendo perseguido sempre o mesmo objetivo: o de, na sua concepção, ser útil e prestar serviço ao povo e à Nação.

Durante mais de trinta anos de minha modesta vida de naturalista e professor, dediquei o meu renitente entusiasmo ao estudo da raça, da gente, dos problemas sociais e culturais do Brasil. A ciência, livres de qualquer influência sentimental, me convenceram de que os problemas humanos não derivam, no Brasil, de influências nocivas de cruzamentos ou atavismos biológicos, e são exclusivamente questões de meio, de herança social e de cultura - voltei-me apaixonadamente para tudo quanto pudesse elevar, no plano físico e moral, os meus irmãos. Foi a minha velha antropologia que me abriu esse novo caminho, no desejo de ser útil, única ambição veemente de minha alma brasileira. E então, Sr. Presidente, julguei encontrar na ciência e na técnica os dois 'anjos da guarda' que devem marcar a estrada do nosso povo (Roquette-Pinto).

3. A "renovação" do Brasil através da Educação

O "movimento de renovação educacional", do qual participou ativamente Roquette-Pinto, deve ser visto, principalmente, à luz da reforma escolar de 1928, no Distrito Federal, levada a efeito por Fernando de Azevedo. Tal reforma não pode ser estudada

isoladamente. Ela faz parte de uma nova realidade nacional que se estabeleceu sob pressão de causas econômicas e socioculturais. No começo do século, o surto industrial e da modernização em contrapartida aos problemas suscitados pela imigração e falta de saúde da população, levaram os intelectuais a procurarem na Educação uma forma de adequar o país aos novos tempos, eliminando problemas¹⁰. O próprio Fernando de Azevedo trata a reforma de 1928 como algo "revolucionário" no Brasil: "Seja qual for, porém, o ponto de vista que se tenha a adotar, na apreciação dessa reforma, é certo que, segundo o julgamento de autoridades nacionais e estrangeiras, ela marcou, nos domínios da educação, um período revolucionário, não só pelas idéias francamente renovadoras que a inspiraram e que, por ela, entraram em circulação, como pela fermentação de idéias que provocou e pelo estado social que estabeleceu, de trepidação dos espíritos, de sôfregas impaciências e de inspirações ardentes. Nenhuma outra, de fato, até 1930, imprimiu ao nosso sistema de educação uma direção social, tanto quanto nacionalista, mais vigorosa, nem levou mais em conta, no conjunto como nos seus detalhes, a função social da escola; nenhuma outra atendeu mais ao enriquecimento interno da escola e ao alargamento de seu raio de ação; nenhuma outra procurou articular mais estreitamente as atividades escolares com a família, com os meios profissionais interessados, com a vida nacional e as necessidades e condições do mundo moderno" (Azevedo, 1976:163-164).

A transformação da sociedade - através da Educação - tem como filosofia a "educação universal" a que se refere J. Dewey.

Partindo do pressuposto de que havia (ou deveria haver) uma "neutralidade" na Educação, o que se objetivava era uma vida de maior liberdade, igualdade e oportunidade para todos, a fim de se conseguir alcançar um pleno desenvolvimento pessoal e social. Tratava-se, como se pode ver, de uma tentativa de transformação radical da pessoa e da sociedade. Tanto assim, que Lourenço Filho (um dos educadores que trabalharam com Roquette-Pinto), em 1930, procura fazer uma nitida relação entre eugenia e educação. Se o processo de educação pudesse orientar as pessoas a respeito de como viver em sociedade, esse processo poderia também orientar no sentido de escolhas pessoais de relacionamento. Na realidade, é o processo cultural tentando interferir no processo físico/biológico. Vejamos: "A campanha social pela eugenia, a defesa das mães, a legislação que visa o exame pré-nupcial - são medidas que vêm demonstrando a compreensão, cada vez maior, da necessidade de seres tão perfeitos quanto possível, em sua gestação, e em seu desenvolvimento, logo depois de nascidos. Torna-se, assim, realidade paupável o desejo daquele educador que dizia ser necessário começar a cuidar do educando, pelo menos, cento e cinquenta anos antes do seu nascimento..." (Lourenço Filho, 1930:15).

Apropriada e/ou utilizada pela orientação teórica positivista, "eugenia é um termo inventado pelo fisiologista inglês Galton para designar o 'estudo dos fatores socialmente controláveis que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais das gerações futuras, tanto física quanto mentalmente'" (Costa, 1976:35). Todavia, Roquette-Pinto reexamina a prática da eugenia

e procura adequá-la ao momento cultural e intelectual que o Brasil estava vivendo. Em texto intitulado "As Leis da Eugenia", Roquette-Pinto estuda o trabalho de Galton, analisando algumas páginas que estaria "resumindo ou criticando" (1927:197). Neste "resumo ou crítica", diz que "uma circunstância importante não deve ser esquecida na apreciação antropológica dos mestiços. É que sua condição social, muitas vezes precária, apresenta aos observadores homens doentes que são tidos por degenerados" (Roquette-Pinto, 1927:201). Nesta linha de raciocínio, estuda alguns processos de imigração e diz que existem casos em que o negro pode se adaptar muito melhor numa terra do que o branco. Mas, se ao contrário o negro não se encontra adaptado e isso o conduz a um elevado índice de mortalidade - causada, diria ele, por uma combinação existente entre a virtual desorganização social do país e a falta de educação popular -, então "auxiliá-lo nesse caso, para que sua mortalidade diminua, é servir a todos, brancos e negros, em benefício da humanidade. Isso é Eugenia" (Roquette-Pinto, 1933:47).

"Auxiliar o negro para que sua mortalidade diminua" (palavras de Roquette-Pinto) era, na verdade, educá-lo. Ou seja: Roquette-Pinto começa a perceber que o conceito de "educação" deveria ser mais amplo do que o de "instrução". Para que a sociedade fosse efetivamente modificada, não bastava tão-somente informar, não bastava apenas transmitir conhecimentos. A educação precisava ir mais longe, não parando na simples instrução. Era preciso resolver os problemas do país, o que não aconteceria através da simples instrução, mas sim por meio de uma orientação

social.

Acontece que, mudando a prática eugênica, deslocando-a da dimensão biológica para a dimensão sociocultural - fazendo com que ela se aplicasse tendo como instrumento a educação -, uma coisa, entretanto, não muda no pensamento de Roquette-Pinto daquela época: a necessidade de separar os indivíduos e grupos sociais que pudessem obstaculizar o desenvolvimento do país rumo à modernização. Não é possível avaliar se, ao longo do tempo, ele mudou o seu pensamento com relação à eugenia. É possível, não obstante, perceber que ele abandonou esse tema quando o mundo se deu conta de que ele estava sendo usado pelo nazismo na década de 30. A partir daí, ele não tocou mais no assunto¹¹.

Mas, mesmo tendo deixado de lado o tema (ou a palavra) "eugenia", Roquette-Pinto e os intelectuais com quem conviveu nunca deixaram de lado a ligação que faziam entre saúde e educação. Em 1933, Afrânio Peixoto (que trabalhou com Roquette-Pinto)¹² aprofunda ainda mais essa ligação. Trabalhando com o conceito de educação como atividade socializadora, responsável inclusive por "concertar ou adaptar o indivíduo aberrante à sociedade", ele diz: "O nosso ideal é a saúde. Mesmo mediocre o homem, mas com saúde, primo vivere, isto é, a harmonia, a perfeição da vida. (...) A socioplastica, ou os concertos e adaptações do indivíduo aberrante à sociedade, faz-se pela educação. A escola de Dewey, ativa, progressiva, única, todas as escolas novas são socializantes... A cooperação, na comunidade

escolar, a vida na escola, antecedem apenas a vida social a viver. Educar, assim, é viver e excede a escola, o colégio, a universidade. Vive-se, se educando. A uma educação perfeita corresponde a uma vida feliz, dos homens e da humanidade: é o futuro, o ideal" (Peixoto, 1933:12-13).

No fundo, encontrava-se a idéia de "harmonia", ou melhor, de "integração nacional" de um país imenso, disperso e fragmentado por causa de sua própria história - colonização, miscigenação, imigração promiscua, desorganização social e política. Era preciso, agora, reconstruir e reintegrar a Nação. Esta busca de reconstrução e reintegração tornava o conceito de "educação" algo mais amplo e profundo. Desde 1916, Afrânio Peixoto já alertava para o fato de que a educação poderia ser um instrumento de coalizão e integração nacional: "O que nos cumpre é preparar, hoje, o Brasil de amanhã. Educar o brasileiro de agora para lhe dar uma consciência de si e, portanto, dar a todos uma consciência nacional. (...) Adquirir a soma de conhecimentos próprio e conhecimento dos outros que nos permita preparar o nosso destino e não vivermos ao Deus dará, a cada dia o seu cuidado, como acontece até agora, à nossa incapacidade de prever: o Brasil é por isso uma imensa carta, sem endereço: chegará assim, se chegar, aonde não quererá. As democracias não se compreendem sem educação do povo, que para exercer o seu direito, precisa conhecer-se e aos seus deveres. Só assim ele saberá escolher um governo idôneo, que lhe prepare o destino adequado e sobre o qual possa sempre exercer uma influência salutar. Os povos ignorantes e por isso imprevidentes abdicam de si nos

outros e voltam-se à servidão e ao desaparecimento" (Peixoto, 1916:228-229).

Esta idéia de integração nacional, como algo a ser orquestrado pela batuta da educação, encontra o seu ápice na década de 30 com a renovação educacional e com o surgimento da chamada Escola Nova. Em 1930, é publicado Introdução ao Estudo da Escola Nova, de Lourenço Filho¹³. Neste livro, além de imprimir os princípios ideológicos que compunham o pensamento renovador da educação, o autor situa histórica e socialmente o movimento: "Mal refeita ainda do cataclisma que foi a guerra mundial, a humanidade se volta para as gerações de amanhã, na ânsia de um destino melhor, incansavelmente buscado.(...) Em todos os países, políticos esclarecidos pregam a educação do povo, como condição de equilíbrio social, mais duradouro e perfeito. Filósofos e pensadores põem, nela, o ideal da união futura de todas as raças, de todas as nações... (...) A primeira larga e benéfica tendência da educação de hoje é aquela que nos leva a encarar a escola - instituição de educação intencional e sistemática, por excelência - como órgão de reforçamento e integração de toda a ação educativa da comunidade, não órgão que a ela se possa opor ou dela se possa desligar" (Lourenço Filho, 1930:3-4. Grifos do autor).

Novamente, aparece a idéia de integração social e nacional através da Educação. Tratava-se de um projeto a ser realizado. Tratava-se, também, de uma idéia durkheimiana. A própria socialização era pensada como um processo pelo qual se ensinaria à criança as regras e normas de convivência social. Citando

Durkheim, Lourenço Filho afirma: "O que nos ensinam hoje os estudos de caráter mais objetivo é que a educação é a socialização da criança" (Lourenço Filho, 1930:5. Grifos do autor).

Na medida em que o movimento de renovação educacional tinha se desenvolvido em um sistema social que se encontrava desorganizado - e visava, portanto, em última instância, a sua organização -, tal movimento estava necessariamente voltado para o próprio mundo vivido e para o próprio século. Ou seja: era um movimento secular em oposição ao eclesiástico. Numa só palavra: era um movimento laico. Nasceram, portanto, problemas de relacionamento entre o movimento e a Igreja católica. Fernando de Azevedo lembra que: "A Igreja que se havia mantido em atitude de expectativa se não de desconfiança, em relação ao movimento de reformas pedagógicas, lançou-se na batalha, desfechando uma ofensiva contra os últimos reformadores, que aliás nunca admitiram 'fosse permitido aos professores ofender, de qualquer modo, os sentimentos religiosos dos alunos', mas cuja atitude, em face dessa questão de neutralidade escolar, atraía sobre eles a suspeita, raramente fundada, de defenderem doutrinas materialistas" (Azevedo, 1976:172).

Na verdade, os intelectuais educadores achavam que a realidade nacional não permitia àqueles que estivessem inseridos no processo educacional - os "educandos" - que se tivesse tempo para fantasias utópicas acerca de uma vida plena, realizável apenas num futuro longínquo. Achavam que, concretamente, a utopia

era um projeto irrealizável. As mudanças eram urgentes e deveriam, por isso mesmo, ter como ataque o desconforto e infortúnio da vida social de agora. Esta era a linha de raciocínio de todos os "novos educadores". Jônathas Serrano, particularmente, diz: "A educação é muito mais do que o simples cultivo da inteligência. É o conjunto de todos os processos educativos a fim de formar a personalidade integral. O objetivo educacional não é fabricar eruditos, nem meios sábios, nem perigosos utopistas, estranhos à grande realidade humana, individual e social. O fim supremo da obra de educação é dar uma idéia exata da vida, formando hábitos virtuosos e disciplinando a vontade para a prática do bem" (Serrano, 1932:16).

3.1. "Educar-se para educar"

Educar-se Para Educar é o título de um livro do Prof. Francisco Venâncio Filho (intimo colaborador de Roquette-Pinto), publicado em 1931¹⁴. A noção de educação, contida neste livro, é aquela que implica a renovação não só dos educandos, como também dos educadores.

A questão da formação do próprio mestre era absolutamente relevante. Aqueles que estavam envolvidos com a educação, na época, afirmavam que sem a exata compreensão do papel que cabia ao mestre, toda instalação material e qualquer bibliografia seria insuficiente para a consecução do objetivo. Ao professor não cabia, apenas, um grau de qualificação técnica. Ao professor

cabia, sobretudo, um "saber fazer" através da renovação da sua própria consciência. Era a consciência da necessidade de transformações profundas no Brasil. Era a consciência de ser ele próprio - o novo professor - um efetivo promotor dessas transformações. Uma Escola Nova só poderia ser realizada por um professor renovado. "Esta nova concepção da escola e da educação implique uma transformação completa na formação dos mestres, em todos os graus do ensino. Esta preparação deve antes de tudo ser psicológica" (Serrano, 1932:21, citando Claparède, L'Education Fonctionnelle, pag. 234).

Não é por outra razão que Roquette-Pinto dedica parte de sua vida à formação de professores. Chama a atenção o fato de que, no ano de 1907, ele torna-se professor-assistente de Antropologia no Museu Nacional e, no ano de 1916 (portanto depois de ingressar numa instituição acadêmica na qualidade de docente/pesquisador), torna-se professor de História Natural da Escola Normal do Distrito Federal (RJ), onde vai ensinar a futuros professores. Ainda em 1907, mesmo ano em que se torna professor-assistente de Antropologia no Museu Nacional, ele se torna, também, professor de História Natural, no Colégio Aquino, onde Francisco Venâncio Filho e Fernando Raja Gabaglia foram seus discípulos, e se tornaram depois educadores.

A Educação foi, sem dúvida, o motor principal que impulsionou toda a vida intelectual de Roquette-Pinto. E o impulso se dava porque, para ele, a Educação - no seu sentido mais amplo e profundo de transformação - tinha por objetivo atingir o corpo e a mente da Nação.

É justamente através deste prisma que Roquette-Pinto escreve um dos seus poucos artigos sobre o que era - para ele - "educar"¹⁵. Tal artigo merece ser aqui reproduzido quase que na íntegra porque, além de mostrar quais eram, no seu entender os critérios que deveriam nortear a educação, mostra ainda que o processo educacional era algo que deveria envolver a Nação como um todo, a começar da família. Tratava-se, por excelência, de uma questão de "consciência nacional". Neste sentido, o Estado deveria ter papel preponderante no processo de instrução escolar. Mas o papel preponderante na educação dos "brasilianos" cabia à totalidade da Nação:

NOTAS E OPINIÕES

E. Roquette-Pinto

25/10/52

Educar-se é adquirir hábitos de significação social. Sem essa modificação gradual e profunda no comportamento, o homem poderá ser muito bem instruído, poderá ser culto - mas não será, de fato, educado. Hábitos de significação social nem sempre são puramente altruístas. Ao contrário, é do homem educado cuidar muito bem da própria pessoa - sentimento egoísta - para poder ser útil à sociedade de que faz parte. Ora, aquisição de hábitos de significação social é coisa muito mais difícil do que a simples

aquisição de conhecimentos ou noções de tudo. Depende menos da inteligência do que do sentimento ou do caráter. Ah! Se fosse fácil despertar em todos o sentimento do dever social - como é fácil ensinar as quatro operações! Por isso, o Estado, se quiser consagrar ao problema a metade do que gasta em educação, não conseguirá nada para o povo. Mas para a educação,... a coisa muda. Porque, sem o próprio povo, sem a iniciativa e a fé dos cidadãos, sem a influência da família, pouco será obtido. Na instrução o papel do Estado é direto; na educação tem de ser apenas vicariante. Escrevi, ali, família, pensando no conceito de Augusto Comte: grupo de pessoas sob uma influência feminina. Para nós, a base da família já não é o velho pai-de-família - dos Romanos; é a mulher que cria, ampara, consola, aglutina, aperfeiçoa, melhora, cura e até ajuda a morrer os que vivem ao redor dela.

Nas a função puramente vicariante do Estado, em matéria de educação do povo, é tudo quanto há de mais importante na vida social. Tem de ser assistência contínua e profunda, inteligente, agradável, firme e persistente, para que não se percam os melhores esforços de todos (Roquette-Pinto. Grifos do autor).

3.2. Uma expectativa no empreendimento. Um caminho difícil. Um projeto baldado

Educar era transformar o Brasil. E tratava-se de uma transformação radical, já que seu espectro de ação visava um amplo feixe que ia das relações familiares às relações profissionais. Por isso, a educação pública também era uma questão de saúde pública. Não com outro sentido foi criado, em 1930, o Ministério da Educação e Saúde Pública. Mas, ao longo de toda a primeira metade do século, não só o problema da educação pública não foi equacionado, como também o da saúde pública ficou sem solução. Não tinham saúde sobretudo aqueles que viviam nas zonas rurais. E a alegação de que não tinham saúde era a de que não tinham educação e instrução. Não por outra razão o editorial da revista Imprensa Médica, de Julho de 1947 (editorial publicado 17 anos depois do início do "movimento de renovação educacional"), alertava para o problema educacional no campo: "As populações rurais vivem isoladas da civilização brasileira. Milhares de crianças sem escolas vegetam nos sertões brasileiros sem instrução e sem que os dirigentes das repartições de ensino de apercebiam da gravidade do problema" (Imprensa Médica. Julho de 1947, N. 403. Editorial).

Dedicando talvez a parte mais importante de sua vida a uma educação que salvasse a nação, deixando mesmo de lado a pesquisa antropológica que na época lhe parecia esgotada enquanto instrumento de intervenção social¹⁶ - Roquette-Pinto, ao longo de sua existência, parece, entretanto, dentro deste cenário

nacional, ter somado algumas frustrações por não ter visto a transformação efetiva do país. Um dos períodos mais importantes de sua vida de educador foi aquele em que ele se dedicou à rádio-educativa. Já em 1936, quando foi obrigado a doar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao então Ministério da Educação e Saúde, porque os novos tempos econômicos não permitiam mais a existência de uma Rádio puramente educativa, sem que se veiculasse propagandas comerciais, Roquette-Pinto resume (em depoimento ao jornalista Braga Filho na solenidade de doação da Rádio) sua alegria - ao fundá-la - e sua frustração ao ter que doá-la -, desta forma:

A verdade é que durante as solenidades comemorativas de 1922, muito pouca gente se interessou pelas demonstrações então realizadas pelas companhias Westinghouse (Estação do Corcovado) e Western Electric (Estação da Praia Vermelha). Creio que a causa principal desse desinteresse foram os auto-falantes instalados nas torres do Serviço de Meteorologia (Pavilhão dos Estados). Eram discursos e músicas reproduzidos no meio de um barulho infernal, tudo roufenho, distorcido, arranhando os ouvidos. No começo de 1923, desmontava-se a estação do Corcovado e a da Praia Vermelha ia seguir o mesmo destino se o Governo não a comprasse. O Brasil ficaria sem rádio. Eu vivia angustiado porque já tinha a convicção profunda do valor informativo e cultural do sistema, desde que

ouvira as transmissões que foram dirigidas na época pelos engenheiros J.C. StroebeI, J. Jonotskoff, Mario Liberalli. Uma andorinha só não faz verão; por isso resolvi interessar no problema a Academia de Ciências, presidida pelo nosso querido mestre Henrique Morize. E foi assim que nasceu a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a 20 de Abril de 1923. Alguns dias antes, encontrei-me com Amadeu Amaral que viera de São Paulo dirigir a Gazeta de Notícias. No seu jornal, o grande poeta entregou-me logo uma coluna. E a 14 de Abril de 1923, ali publiquei o primeiro grito pelo rádio brasileiro. Terminava a minha crônica nos seguintes termos:- 'Até agora esperei em vão que alguém mais autorizado quisesse fazer pela imprensa, o trabalho de vulgarização da radiotelefonía que o momento nacional está exigindo. A falta dos que sabem muito do assunto, aqui estou eu, que quase nada sei, para auxiliar os nossos amadores incipientes. Estou convencido de que prestaremos todos um grande serviço ao Brasil'.

A 10 de Maio de 1923, dei notícia aos poucos ouvintes da estação da Praia Vermelha, da fundação da Rádio Sociedade. Quem anunciou a minha palestra foi Caubi Araújo. Entre os sócio e colaboradores diários, contavam-se Henrique Morize, Juliano Moreira, Carlos Guinle, Afrânio Peixoto, Humberto de Campos, José Otiticica, João Ribeiro, Antenor Nascentes, Luciano Gallet, Oscar Borgerth, Mario Azevedo e outros. M.B. Andrade, representante da Casa Pekan, de Buenos Aires,

ofereceu uma estação de 10 watts, pela qual falou pela primeira vez, a Rádio Sociedade, a 7 de Setembro de 1923, usando a antena do laboratório de Física da Escola Politécnica.

Em Setembro de 1936, a Rádio Sociedade, localizada na Rua da Carioca, 45, depois de ter vindo do Pavilhão da Tchecoslováquia (Av. Presidente Wilson) estava com todos os serviços em ordem, trabalhando para a cultura do povo com o mesmo idealismo de sempre. Não tinha dívidas e ainda possuía alguns contos em caixa. Mas foi intimada a cumprir as exigências do decreto 20.047, de 27 de Maio de 1931. Elas eram de tal ordem que, para serem atendidas, exigiriam a transformação daquele centro de ciências, letras e artes em companhia comercial, exploradora de publicidade. Os estatutos da Rádio Sociedade, no artigo 3, não permitiam essa triste reviravolta. Ela não fora criada para enriquecer sem servir modestamente a educação do povo. Então foi cumprido o último ato dos estatutos que mandava entregar tudo ao governo, no caso de não ser possível continuar dentro de seu princípio básico. Além da estação a Rádio Sociedade cedeu móveis, instrumentos, arquivo musical valiosíssimo, biblioteca e mais um terreno de 10.000 metros quadrados, perto de Cascadura (Roquette-Pinto).

Mais tarde, já na década de 50, quando surgiram divergências

entre o Cinema (já plenamente instalado) e a TV (em fase de instalação e que aparentemente ameaçava a existência do Cinema), Roquette-Pinto novamente invoca o seu espírito de educador - um espírito de quem queria que os meios de comunicação estivessem voltados exclusivamente para a cultura do povo - para dizer que não deveria haver divergências:

O que está faltando ao cine moderno não é relevo visual; é relevo espiritual, estético, relevo de altruísmo, valor de pensamento, valor de caráter, graça pura de vidas limpas, libertação de grosserias, crimes e falcatruas. Não é a TV que está matando o cinema. Ao contrário; ela precisa do filme para poder viver. O cinema está morrendo envenenado pelos resíduos do próprio catabolismo; como os seres vivos que acabam definhando nas culturas desleixadas (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 15/8/53).

Roquette-Pinto foi um homem extremamente preocupado e exigente com aquilo que se divulgava através dos meios de comunicação. Propagandas comerciais ou políticas, músicas e filmes que não estivessem ligados de alguma forma à educação, prestariam antes um desserviço à nação, do que uma contribuição à qualidade de cultura do povo. Ele acreditava, acima de tudo, que o Rádio (e depois o Cinema e a TV) era um excelente meio

para transformar um homem em poucos minutos, se o

capregosa, com a sua família, em uma bela colação
(Roquette-Pinto, citado por Venâncio Filho, 1931/60).

Mas a frustração com o caminho tomado pela educação popular no Brasil aparece, sobretudo, já em tom irônico, numa das últimas linhas por ele escritas. Vale a pena transcrevê-las na íntegra:

NOTAS E OPINIÕES

E. Roquette-Pinto

Maio de 1953

Anteontem, na Associação Brasileira de Telecomunicações, presidida por Gilberto Affonso Penna - digno herdeiro de tão grande nome - foi celebrado o Rádio Brasileiro, que fez 30 anos no mês de Abril. Em nome da ABT, recordou o professor Fernando Tude de Souza o idealismo e o entusiasmo dos criadores da nossa radiofonia, numa alocução magnífica, cheia de idéias e de generosidade. Eu - tant bien que mal... - pude comparecer à reunião, e recordei com saudade os nomes dos que tomaram parte, em 1923, no lindo movimento. Citei, um por um, os 300 nomes - dos mais ilustres aos mais modestos - que foram os primeiros sócios da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Cada qual recebeu a homenagem merecida, principalmente pela confiança, pela fé demonstrada, então, no progresso da Pátria. Muitos não eram brasileiros; mas aqui viviam e

Estabeleceram para todos que os dirigiram. Entraram no movimento porque sabiam que ia servir a todos. Não fiz nenhum discurso; mas entendi que era oportuno ler alguns documentos definitivos para a história da cultura nacional. Um deles - para mim fundamental - foi a Representação ao Governo, apresentada pela Academia Brasileira de Ciências a 11 de Maio de 1923, logo depois da fundação da Rádio Sociedade a 22 de Abril

Ao ministro Francisco Sá dizia a Academia de Ciências, entre outras coisas: 'Causa verdadeira tristeza, aos estudiosos, verificar o grau de inconcebível atraso em que se encontra, no Brasil, a TSF como prática popular'. E pedia que o Governo considerasse o assunto, para permitir o surto do Rádio. E assim se fez. Fomos ao ministro com Henrique Morize, Domingos Costa, Francisco Lafayette e José Del Vecchio. Francisco Sá - homem dos mais inteligentes que tenho conhecido - ouviu tudo, convenceu-se, tomou nosso partido. Mas, em certo momento, virou-se para mim e disse: - Como é grande o seu entusiasmo! O Rádio merecerá tudo isso? E eu apenas respondi: Nossos pais tiveram o mesmo entusiasmo pela libertação dos escravos e pela República...

- Mas foram movimentos sociais importantes...

- Pois esse, sr. ministro, saiba v. exa. que é tão grande ou ainda maior. Transformará o Brasil

(Roquette-Pinto).

O projeto educacional era, como se pode ver, altamente ambicioso. E não havia medida que chegasse nem esforços que bastassem na tentativa de cumprimento da meta desejada. Em boa medida, Roquette-Pinto deixou os seus afazeres antropológicos para investigar o funcionamento dos novos meios de comunicação, ainda em estágio francamente rudimentar. Além do Rádio, ele dedicou tempo de sua existência ao Cinema e, no final da vida, às pouco definidas, escassas e minguadas imagens que os recentes e elementares aparelhos de TV começavam a transmitir. Para ele, tudo o que significava meio de comunicação deveria ser cuidadosamente trabalhado - com o empenho e o compromisso daqueles que têm uma missão definitiva a cumprir - no sentido de estar voltado, sempre e exclusivamente, para a melhoria da condição cultural popular. Com relação ao Cinema, entretanto, nada pode provar que, apesar dos esforços, os inúmeros filmes educativos, produzidos pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo - INCE (fundado por Roquette-Pinto) tenham tido a repercussão e divulgação esperada - e até mesmo confirmada - pelos seus produtores.

Tal qual Euclides, Roquette-Pinto emocionava-se com as miseráveis condições do homem do interior. Ao contrário de Euclides, porém, começou por duvidar dos fundamentos racistas da antropogeografia (Ratzel et. al.), de que Euclides nunca pudera escapar (Skidmore, 1976:205).

Mas, em que pese as críticas à forma como Euclides compreendia o sertanejo miscigenado, Roquette-Pinto nunca deixou de ser um euclidiano. Tanto assim, que ele organiza, no Museu Nacional, em 1910, um mostruário permanente, dedicado aos sertanejos, numa homenagem a Euclides da Cunha.

A respeito, ainda, da tentativa de Roquette-Pinto de elucidar e equacionar melhor a questão da miscigenação no Brasil, cabe lembrar as palavras de Gilberto Freyre, em Casa Grande & Senzala. Citando nominalmente Roquette-Pinto, no prefácio à primeira edição desse texto, o autor lembra como as "questões seculares" do Brasil pareciam estar nas suas próprias mãos e nas de sua geração para serem resolvidas.

E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação. Vi uma vez, depois de mais de três anos naciços de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais - mulatos e cafuzos - descendo não me lembro se do São Paulo ou do Minas pela neve mole do Brooklin. Deram-me a impressão

de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o Brasil: the fearfully mongrel aspect of most of the population. A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette-Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafusos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafusos e mulatos doentes (Freyre, 9ª edição, 1958:XXXI).

Avaliando o trabalho intelectual de Gilberto Freyre, um antropólogo contemporâneo - Darcy Ribeiro - compara o "não-determinismo" existente nas obras de Gilberto e de Roquette-Pinto. Ele diz:

O que fez Gilberto neste plano, foi contestar generalizações deterministas muito em moda nos seus dias. Generalizações que, de resto, já haviam sido contestadas por Manoel Bomfim, Roquette-Pinto e alguns outros, ainda que jamais com o vigor e a eloquência que este debate alcançaria em Gilberto (Ribeiro, 1986:128).

Duas publicações relacionadas com Roquette-Pinto ainda merecem destaque, porque se inserem no modelo de tentativa de reconhecimento do Brasil no começo do século. A primeira, é o seu pequeno Guia de Antropologia (1915, publicado no Guia das

Coleções do Museu Nacional). Nele, o autor começa mostrando os animais primatas que fisicamente mais se aproximam do homem, traça a evolução da humanidade detectando os principais tipos biológicos humanos, e termina demonstrando os principais tipos brasileiros. A segunda publicação, também se refere ao ano de 1915. Nesta data, juntamente com Max Fleiuss, Roquette-Pinto propõe ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (do qual era secretário na época) a organização de um Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil. Em 7 de Setembro de 1922, ano do centenário da Independência, o Dicionário é lançado.

A medicina e a antropologia - quase que exclusivamente - marcaram a vida intelectual de Roquette-Pinto na década de 10 e nos primeiros anos da década de 20. Em 1920, indicado por Aloysio de Castro, ele torna-se professor da Universidade do Paraguai. Rege, nesta Universidade, a cadeira de Fisiologia Experimental. Permanece como professor por 8 meses. Em 1921, ele volta ao Paraguai para lecionar fisiologia, na mesma Universidade. A sua aula inaugural é publicada, no Brasil, com o título de Conceito Atual da Vida, prefaciada pelo então presidente daquele país.

O início da década de 20 apresenta novos acontecimentos, que parecem indicar o estabelecimento definitivo dos novos tempos econômicos e sociais. Acentuam-se divergências regionais no Brasil. Enquanto que o Centro-Sul, desde o século XVIII, vinha se tornando o pólo da economia brasileira, as outras regiões desenvolviam somente atividade secundária ou de importância

apenas local. Estas regiões, principalmente o Nordeste, mantinham relações de dependência com os núcleos mais adiantados do Centro-Sul. Um novo censo revelou um grande aumento industrial nesta região. Em 1922, ocorre a fundação do Partido Comunista Brasileiro. Em Julho, após a revolta do Forte Copacabana, foi decretado o estado de sítio no país, e o Partido Comunista teve o seu funcionamento legal proibido. Passou a agir na clandestinidade. Em Fevereiro do mesmo ano, acontece a Semana de Arte Moderna. O movimento modernista tinha como objetivo geral rever a cultura brasileira, procurando valorizar, sobretudo através da arte, seus componentes nacionais. É verdade que esta (re)valorização já havia sido feita pelo realismo pré-modernista.

Mas modernismo e realismo nacionalista tiveram períodos de convivência numa mesma época. Graça Aranha, por exemplo, escreve Canaã (um livro calcado no realismo brasileiro) e depois contribui intelectualmente com a Semana de Arte Moderna. Hoje, é possível ver, como mostra Alfredo Bosi, que "com Lima Barreto, Hilário Tácito e, num outro plano, com o anticabocismo do Jéca lobatiano, as letras da República Velha pareciam ter alcançado um alto grau de força contestadora. Afrontam-se os conteúdos da cultura dominante, criticam-se os seus valores, faz-se pasticho do seu estilo. No entanto, o Modernismo não se filiará às obras da última geração realista" (Bosi, 1978:311).

Na verdade, a ruptura modernista pretendeu não só que se esquecesse a República Velha das Letras, como também que se reconsiderasse o naturalismo-nacionalismo realista. "É tempo de se reconsiderar o 'brasileirismo' do período áureo do movimento à

luz da sua natureza ficcional e estética. Um Euclides e um Lima Barreto tiveram condições existenciais para explorar criticamente o veio do nacionalismo porque, de alguma forma, eles se debatiam no interior de várias contradições brasileiras, litoral/sertão, indústria/fazenda, branco/mestiço, bacharel/analfabeto, e, a partir delas, construíram as suas obras, nas quais o protesto e a crítica conservaram, nas obras da bandeira, um ar de família, um jeito de escrever que vinha do Realismo e dos ideais da geração de 70. Mas Oswald, Mário, Alcântara Machado (os paulistas por excelência do Modernismo) já não poderiam partilhar dessa escrita: enxergavam o país como um mito enorme, protético, de que seriam símbolos seminais os totens amazônicos" (Bosi, 1978:315).

Inspirado, então, pelo realismo euclídiano e lobatiano, Roquette-Pinto teve para com a Semana de Arte Moderna a postura de quem é complacente com aqueles jovens que inventaram uma coisa nova e cismaram que são sábios. Quando falava sobre a Semana de 1922, sempre recorria, de modo fino e sutil, ao postulado de Fritz Muller: "o pensamento deve ser livre como a respiração"⁶. Em 1953, ele lembrava um então recente curso de literatura, ministrado por Guilherme de Almeida, na Academia Brasileira de Letras:

O nosso orador teve, entre outros momentos muito felizes, uma explicação para o surto de nossa poesia moderna, a partir da Semana de Arte Moderna, São Paulo, 1922. O movimento foi verdadeira explosão de romantismo. Então, passou a recordar poemas de Manoel

Bandeira, Mario de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Menotti del Picchia, Ribeiro Couto, Cassiano Ricardo, Oswald de Andrade, Milliet... Enquanto ele desenrolava, na sua bela dicção, aqueles versos modernos, eu considerei que a Academia, no momento, estava sendo um centro magnífico de ampla liberdade espiritual. Rejubei-me. Aprendi muito. E vi prestigiado o meu velho Fritz Muller: O pensamento deve ser livre como a respiração. Uma tarde encantadora, a da lição de Guilherme de Almeida no curso de Poesia. Mas, depois de ouvir tantos românticos modernos - todos amigos muito admirados e queridos - saí dizendo baixinho, só para mim, uns retalhos de Fugindo ao Cativo: 'Mães a agonizar de fome e de cansaço... levam com o coração, mais do que com o braco, os filhos pequeninos...' (Roquette-Pinto, Jornal do Brasil, "Notas e Opiniões", 11/7/53).

Em 1954, ele chega a fazer uma pesada crítica aos modernistas. Comentando o lançamento dos três volumes de Ernani Silva (prefaciados por Gilberto Freyre) - História e Tradições da Cidade de São Paulo -, Roquette-Pinto inicia o seu artigo se reportando à arte moderna, dizendo que o lançamento desta obra se dava

muitos anos depois de esquecidos os quadros alucinantes da chamada 'arte moderna' (Roquette-Pinto,

Roquette-Pinto, na realidade, compartilhava da visão de Monteiro Lobato a respeito do brasileiro caboclo Jéca Tatú, assim como era um euclidiano fervoroso, apesar das críticas. Fernando de Azevedo diz que ele "não sofreu nenhuma influência literária" de Euclides (Azevedo, 1954:97). Mas o mesmo autor diz, também, que a publicação de Os Sertões, em 1902, "não devia, porém, ser estranha à inspiração que nele rapidamente amadureceu, de se lançar a esses horizontes desconhecidos" (Azevedo, 1954:97).

4. Enfim, era preciso educar. Roquette-Pinto: o rádio e o cinema educativos .

A partir dos primeiros anos da década de 20, a medicina e a antropologia começaram a conviver, de forma mais efetiva, com a prática da educação na vida intelectual de Roquette-Pinto. Enquanto diretor do Museu Nacional (1926-1935), ele dava cursos e conferências utilizando pequenos diapositivos (pequenas reproduções fotográficas em vidro transparente, acopladas a um projetor, que o Museu guarda até hoje). Isso já era uma inovação na época. Com a I Grande Guerra, "introduzido o cinema na Universidade, foi pouco depois embaraçado o seu rápido progresso pela superveniência da gigantesca luta de 1914 a 1918" (Serrano & Venâncio Filho, 1930:27).

Em 1919, foi criada a primeira estação de radiodifusão no

Brasil. Não estava voltada para a educação. "A radiodifusão que, de fato, se iniciou no Brasil em 1919 com a primeira estação, a Rádio Clube de Pernambuco, e tomou pequeno impulso em 1922, com a aquisição pelo governo federal de duas emissoras, cedidas mais tarde, em 1924, à Rádio Clube e à Rádio Educadora do Brasil, só se desenvolveu, na realidade, e de maneira surpreendente, depois da revolução de 30 e, sobretudo, da de São Paulo em 1932, em que o Rádio exerceu papel proeminente na propaganda da revolução (Azevedo, 1943:420).

No dia 7 de Setembro de 1922, foi montada, para demonstração, no alto do Corcovado (RJ), pela Westinghouse Electric International Co. e pela Cia. Telefônica Brasileira, a SPC - Rádio Corcovado (Westinghouse). Foi inaugurada, com discurso, pelo presidente Eptácio Pessoa, pronunciado do Pavilhão das Festas.

Mas este projeto não foi em frente. E, em 1923, Roquette-Pinto, com os olhos voltados para a educação, procurou o presidente da Academia Brasileira de Ciências - Prof. Henrique Morize - para ajudá-lo a criar uma rádio educativa.

No seu laboratório, em frente ao Teatro Municipal, na rua 13 de Maio, por cima da Livraria Espanhola, encontravam-se os primeiros interessados pelo ideal. E foram chegando Francisco Lafayette, Euclides Pereira, Álvaro Uzorio, Costa Lima, Betim Pires Leme, Mario Souza, Demócrito Seabra, para citar

apenas alguns seniores, que pudiram o apoio generoso, por que se congregassem na obra pela cultura do povo brasileiro (Venício Filho, 1941:78).

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi fundada pelos professores Edgar Roquette-Pinto e Henrique Morize, na Academia de Ciências, a 20 de Abril. A 19 de Maio, a Rádio Sociedade instalou-se solenemente na sala de Física da Escola Politécnica, onde, a 7 de Setembro, inaugurou uma pequena estação PEKAN, de 10 'watts', que lhe fora ofertada pela CASA PEKAN, de Buenos Aires. (...) tendo o governo, em Dezembro, cedido à Rádio Sociedade e à Academia Brasileira de Ciências, o pavilhão com que a República da Tchecoslováquia se fizera representar na Exposição de 1922 (Avenida das Nações), transferiu-se para ali a Rádio Sociedade, onde foram inauguradas uma potente estação de 'broadcasting', Marconi, de 2.000 'watts', em Junho de 1924, e, a 2 de Agosto de 1925, uma estação escola de radiotelegrafia, OBR, de onda curta (10 'watts') (citado por Salgado, 19617).

Cabe reproduzir aqui, pela sua importância na época, o trecho dos estatutos que proibia a Rádio Sociedade de ter qualquer finalidade que não fosse exclusivamente educacional.

Artigo Terceiro dos Estatutos da Rádio Sociedade: 'A Rádio Sociedade, fundada com fins exclusivamente científicos, técnicos, artísticos e de

pura educação popular não se envolverá jamais em nenhum assunto de natureza profissional, industrial, comercial ou político.

Assinam os estatutos: Roquette-Pinto, Henrique Morize, Francisco Lafayette, Euzébio de Oliveira p.p. Heloisa Alberte Torres, Henrique de Besurepaire Rohau Aragão, Th. Lee (Norte Americano), Arthur Moses, Dulcínio Pereira, Francisco Vênôr de Filho, Arnaldo Fragoso Costa, Eugênio H. Leonardos, Jorge Leuzinguer, Carlos Gooda Lacombe, Mario Souza, Edger Suskind de Mendonça, Antonio Caetano de Silva Lima (citado por Salgado, 1946:23).

Sua atividade educativa distribuiu-se através de:

a) Cursos:

Literatura Francesa - pela Profa. Maria Velloso

Literatura Inglesa - pela Profa. Heloisa Lentz

Esperanto - pelo Prof. Couto Fernandes

Rádio Telegrafia e Telefonia - pelo Prof. Vitorino

Augusto Borges

Silvicultura Prática - pelo Prof. Alberto Sampaio

b) Lições:

Português - pelos Profs. Antenor Nascentes e José Oiticica

Francês: pela Profa. Maria Velloso e Antônio Cassal

Inglês - pelos Profs. Luis Eugênio de Moraes Costa e Heloisa Lentz

Italiano - pelo Prof. Oscar Ricci

Geografia - pelo Prof. Odilon da Mota Portinho

História Natural - pelo Prof. Moisés Leitão

Física - pelo Prof. Venâncio Filho

Química - pelos Profs. Mario Saraiva e Custódio José da Silva

c) Palestras Seriadas:

Escolas de mões e atributos da gente brasileira - pelo Prof. Fernando Magalhães

Síntese das Marés - pelo Prof. Maurício Joppert

História da Evolução do Relógio - pelo Prof. Paulo Henrique Laborian

d) Quarto de Horas:

Quarto de Hora Literário - pelos srs. Murilo Araújo, Flexa Ribeiro, Carlos Veiga Lima, Atilio Milano, Gastão Peralva, Maria Eugênia Celso, Ana Amélia e outros.

Quarto de Hora Infantil - pelos srs. João Nepomuceno, Heroisa Alberto Torres, Benício Roquette-Pinto, Maria Luiza Alves, Estela Vilmar, Sara Magalhães, Edmundo André, Maria Reis, Heráclio Fontes...

(citado por Salgado, 1946:18).

No mesmo ano de 1923, Roquette-Pinto funda a Revista do Rádio. Escreve no primeiro número:

Nós que assistimos a aurora da radiotelefonía temos a impressão que deveriam sentir alguns dos que

conseguiram possuir e ler os primeiros livros. Que abalo no mundo moral! Que meio para transformar o homem em animal morto, a ... empregar em tão boa vontade, com alma e coração (Roquette-Pinto, citado por Venâncio Filho, 1941:80).

Mas os anos 20 mesclam à vida de Roquette-Pinto as atividades de antropólogo e de educador. Em 1929, ele participa do Congresso Internacional de Americanistas, a convite da Universidade de Gotemburg. Visita, em seguida, os EUA, a convite de Franz Boas, da Universidade de Colúmbia. Desta viagem,

trouxe um mapa da América do Sul, sobre o qual os mais renomados americanistas grafaram seus nomes exatamente nas áreas cobertas pelas suas pesquisas. Franz Boas, Von den Steinen, Fritz Krause, Nordenskiöld, Rivet, Joyce, Guinde, Max Schmidt, são alguns dos nomes inscritos nesse mapa, hoje patrimônio da Divisão de Antropologia do Museu Nacional (Castro Faria, 1959:6).

Neste mesmo ano, ele recebe o cargo de professor-chefe da Divisão de Antropologia do Museu Nacional. Ainda neste ano, Roquette-Pinto, na "Feira de Amostras" do pavilhão da Tchecoslováquia, na Av. das Nações, nova sede da Rádio Sociedade, coloca-se à disposição do público para dar esclarecimentos e informações sobre radiodifusão. Em 1926, ele ministra à noite

curso de Antropologia no anfiteatro da Escola Politécnica. Estavam, na platéia, entre outros, Miguel Ozório de Almeida e Alvaro Fróes da Fonseca. Um artigo de jornal (sem assinatura), de 1954, diz que, neste curso, ele

ridicularizava os preconceitos do famoso Gobineau sobre a superioridade dos não menos famosos dolicocefalos loiros.

Em Setembro do mesmo ano (1926), Roquette-Pinto é nomeado diretor do Museu Nacional. Ainda neste mesmo ano, é publicado, na revista Electron Nº 26, um artigo seu, intitulado "Radioeducação no Brasil". Diz:

Em linhas gerais (a radioeducação) traçou um plano para transformar em cinco o seis anos a mentalidade popular no país. Eis o plano: Cada Estado, na sua capital, dispõe de estabelecimentos de ensino de nível médio, fundaria uma grande radioescola. Os entendimentos, entre Governos, sob os auspícios do Governo federal, permitiria a aquisição das vinte poderosas estações necessárias. Seriam todas do mesmo tipo; por economia, fornecidas em concorrência pública. Não há um só Estado do Brasil em condições de não poder com esta despesa. A função dessas vinte grandes Radioescolas Estaduais seria puramente diretora. Seus programas educativos mostrariam às cidades do interior o caminho a seguir.

Uma vez que o ideal é dar ao com o povo o seu rádio, seria preciso completar a instalação do sistema. Para isso, os municípios limítrofes entrariam em acordo para subvencionar um, mais rico e mais bem situado. Neste seria erigida a Radioescola Municipal servindo diretamente ao povo, de acordo com a orientação recebida das Radioescolas Estaduais' (citado por Salgado, 1966:44. Grifos RP).

Para Roquette-Pinto, conseguir a instalação de uma radioescola era de fundamental importância. Ele pensava que um país sem recursos, como o Brasil, poderia prescindir das escolas institucionalizadas. A educação poderia ser dada através de um pequeno aparelho de rádio, aparelho este que o mais humilde homem do campo ou da cidade poderia ter ou conseguir. Assim, em 1928, ele consegue fundar, com a ajuda do Prefeito Pedro Ernesto e do Secretário Anizio Teixeira, a Rádio Escola Municipal (PRD-5), na Prefeitura do Distrito Federal (Rio de Janeiro), doando do seu próprio bolso a quantia de Cr\$ 50.000,00. A inauguração oficial se dá a 6 de Janeiro. Depois, essa Rádio passa a se chamar Rádio "Roquette-Pinto". A Rádio Escola Municipal foi criada pelo Decreto Municipal Nº 2.940, de 22 de Novembro de 1928 (Reforma Fernando de Azevedo). Cabe lembrar o artigo dos estatutos da radioescola, no qual se encontra o seu objetivo educacional:

Art. 637. A Radioescola tem por objetivo irradiar:

- 1) os programas diários de informação e orientação animados pela Direção Geral de Instrução Pública;
- 2) o Boletim da Diretoria de Instrução Pública;
- 3) a hora certa;
- 4) o Hino Nacional na abertura das solenidades cívicas nas escolas públicas;
- 5) as conferências e palestras organizadas pela Diretoria de Instrução Pública;
- 6) as notícias e informações de interesse público que lhe forem remetidas pelo Gabinete do Prefeito;
- 7) o boletim do tempo;
- 8) instruções sobre pomicultura, indústrias rurais e outras, organizadas pelas repartições competentes;
- 9) os concertos do Instituto Nacional de Música;
- 10) as óperas do Teatro Municipal;
- 11) discursos proferidos nas solenidades oficiais organizadas pelo Prefeito (citado por Salgado, 1946:61-62).

Os intelectuais voltados para a educação, conseguem marcar os anos 20 como um momento de renovação educacional. Como diz Francisco Venâncio Filho, "o movimento pela renovação educacional, que teve um dos seus marcos miliares na reforma da Instrução Pública do Distrito Federal, feita em 1928 por Fernando de Azevedo, prosseguida por Anizio Teixeira, que foi o precursor da introdução das idéias renovadoras na Bahia, em 1924, e que continuou em São Paulo, com Lourenço Filho e Minas com Francisco Campos, é um dos aspectos mais típicos da época em que vivemos"

(Venâncio Filho, 1933:IX-X).

No final dos anos 20, os intelectuais brasileiros, voltados para a educação, começaram a se dar conta de que o cinema - então em fase de desenvolvimento técnico na Europa - estava sendo utilizado para fins educativos na Itália e na Alemanha. Como dizem Jônatas Serrano & Francisco Venâncio Filho, "a criação, em Roma, de um Instituto Internacional de Cinematografia, exclusivamente de finalidade educativa, afigurava-se de real utilidade, quer para a Itália, quer para os demais Estados. Em várias reuniões e congressos internacionais já se haviam emitido votos expressos em tal sentido. O excelente êxito alcançado na Itália com a aplicação do cinema para fins educativos confirmava de modo irrefragável esses mesmos votos. Convencido portanto das vantagens da criação do Instituto, o Governo italiano decidira propô-la e submeter o projeto à Sociedade das Nações, de acordo com o art. 24 do respectivo pacto internacional. Para custear as despesas resultantes da gestão normal do Instituto, a Itália forneceria os fundos necessários. Tal foi a proposta original. Os estatutos foram definitivamente aprovados em Agosto de 1928" (Serrano & Venâncio Filho, 1930:30).

A Itália sabia que o cinema chegava mais perto do homem sem instrução, do que outros veículos de comunicação. Afinal, o cinema era compreendido como imagem pura, projetada na tela. Em 5 de Novembro de 1928, "Mussolini, em seu discurso de abertura solene do Instituto Internacional de Cinematografia, na Villa Falconieri, em presença do Rei de Itália, dos membros do

Conselho, do Corpo Diplomático e de altos funcionários do Estado, sublinhou a grande vantagem do cinematógrafo em relação ao livro e ao jornal: falar uma língua compreensível a todos os povos da terra. Fala aos olhos e daí o seu caráter de universalidade e as inúmeras possibilidades que oferece para uma colaboração educativa de ordem internacional" (Serrano & Venâncio Filho, 1930:31).

No Brasil, os intelectuais que lidavam com educação - "educadores profissionais" (Miceli, 1979:164) - começaram, então, a investir na implantação de um instituto de cinema nacional, que estivesse dirigido, exclusivamente, para a educação popular. Este instituto é efetivamente criado, e vai se chamar Instituto Nacional de Cinema Educativo - INCE. Começou a ser pensado a partir de meados da década de 20, foi criado em 1936, inaugurado oficialmente em 1937 por Roquette-Pinto, que ocupou o cargo de primeiro diretor. Carlos Roberto Rodrigues de Souza, em relatório de pesquisa sobre o INCE, informa que "a criação do INCE foi a culminância de um processo mais amplo que vinha se desenvolvendo desde meados da década de 20. (...) Esta criação foi precedida e acompanhada por contatos pessoais e troca de correspondência de brasileiros com organizações congêneres estrangeiras, sobretudo o Instituto Luce da Itália mussolinista e o Reichstelle für den Unterrichtsfilm da Alemanha nacional-socialista" (Souza, 1988:3). Sabe-se que Roquette-Pinto foi um dos brasileiros que visitaram a Itália e a Alemanha, neste período, para pesquisar os meios de comunicação de massas, orientados para a educação popular.

Chega o ano de 1930 e, com ele, a Revolução. Havia uma carga

ideológica que propunha um feixe de "princípios renovadores" na Revolução. A revisão de duas filosofias fundamentais - as do trabalho e da educação - estavam incutidas nos "princípios renovadores". Roquette-Pinto coloca o seu cargo, no Museu Nacional, à disposição de Getúlio Vargas. Tudo indica, entretanto, que um fato significativo para a sua prática de educador fez com que ele não deixasse o cargo. Segundo Dona Beatriz Roquette-Pinto Bojunga, sua filha (em entrevista), ao encontrar-se com Getúlio Vargas, o então presidente disse a Roquette-Pinto:

Professor, nós não fizemos a Revolução para abrir mão de educadores como o senhor.

Ele não deixou o cargo.

Alvaro Lins, a respeito do assunto, diz:

Vitoriosa a Revolução de 1930, quanto mais arrogantes ou impertinentes se mostravam os novos dominadores, mais timoratos e degradados se revelavam muitos diretores ou ocupantes de cargos de confiança da situação decaída. Fez Roquette-Pinto o que não se fazia então: compareceu perante o ministro da Educação para declarar-se amigo do presidente há pouco deposto. E mais: embora fosse de natureza técnica o cargo de diretor do Museu Nacional, dado que era também de confiança, apresentava ali o pedido de exoneração.

Não lhe concederam a demissão, fizeram-lhe apelo para que permanecesse à frente do Museu; e o seu gesto - é o que se depreende do noticiário da época - provocou espanto e admiração (Lins, 1956:144)7.

Neste ano de 1930, é criada, no Distrito Federal, a Comissão de Cinema Educativo. Em 14 de Novembro, é criado o Ministério da Educação e Saúde Pública. Em 4 de Abril de 1931, Getúlio Vargas, através do decreto Nº 21.240, concede grandes favores fiscais à indústria e ao comércio cinematográficos. Ainda por força desse ato, cria a Taxa Cinematográfica Para a Educação Popular, que é rigorosamente destinada a custear serviço de instrução popular.

Em 1932, surge o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, sob o título: "A Reconstrução Nacional do Brasil", "batendo-se não só pelo desenvolvimento das instituições de educação e de assistência física e psíquica à criança na idade pré-escolar, como, também, pelo desenvolvimento de todas as instituições complementares periescolares e pós-escolares para a intensificação e extensão da obra de educação e cultura (bibliotecas escolares, fixas ou circulantes, museus escolares, rádio e cinema educativo)" (Salgado, 1946:48). Roquette-Pinto adere e torna-se um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e, em seguida, funda a Revista Nacional de Educação. Ainda neste ano, é criada a Biblioteca Central de Educação, nela contendo uma seção de "filmoteca".

Em 1933, nos laboratórios da Rádio Sociedade do Rio de

Janeiro, Roquette-Pinto fez experiências com TV. Constrói uma televisão primitiva, à base de processos mecânicos, na qual usou o disco de Kipkov. Construiu um aparelho receptor e o deu a Flavio de Andrade, que morava na Rua Cândido Mendes. Um artigo na imprensa da época (sem assinatura e sem data) ressaltou o fato de que a primeira imagem transmitida não foi um anúncio comercial ou um retrato do presidente da República. Foras as letras "ABI", de Associação Brasileira de Imprensa.

Julho de 1934: "Getúlio Vargas cria o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural junto ao Ministério da Justiça, esvaziando o Ministério da Educação não só da propaganda - que este Ministério, sob Capanema, possivelmente não queria - como também do rádio e do cinema. Esta decisão fez parte, sem dúvida, de um esforço de colocar os meios de comunicação de massas a serviço direto do poder executivo, uma iniciativa à qual não faltava a influência do Ministério da Propaganda alemão, recém-criado com a instalação do governo nacional-socialista em 1933. O texto sobre a 'racionalidade do governo' elaborado como parte da retrospectiva do Estado Novo nos anos 40, assinalava que, já em 1934, o novo departamento tinha como objetivo 'a propaganda em si mesma, destinada a discutir de público os imperrativos do Estado moderno, mostrando o sentido de suas realizações, a fim de conseguir o máximo de colaboração dos cidadãos. A tarefa do novo departamento deveria ser mais de experimentação, estudando a utilização do cinema, da radiotelegrafia e de outros processos técnicos, no sentido de empregá-los como instrumentos de difusão'" (Schwartzman *et alii*, 1984:88).

Em 1936, sobre pressão dos novos tempos econômicos, que impunham que as Rádios se tornassem emissoras comerciais (e não apenas meios de divulgação educacional), Roquette-Pinto doa para o Ministério da Educação o antigo patrimônio da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (a Rádio não veiculava anúncios comerciais, e portanto não tinha patrocinadores). Com a mudança, esta Rádio passe a se chamar Rádio Ministério da Educação e Cultura. Foi criado, então, o Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação. A doação se fez mediante o compromisso do Ministério de que aquela estação nunca seria utilizada para fins comerciais ou político-partidários.

Enfim, no mesmo ano de 1936, Roquette-Pinto funda e se torna o primeiro diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo - INCE, órgão subordinado ao Ministério da Educação. Cria, neste órgão, a Filmoteca Didática Brasileira e

dá início à produção, aquisição e adaptação de filmes educativos para exibição e distribuição de cópias à rede de ensino brasileiro. (...) Essa produção inaugura também um procedimento que Roquette-Pinto adotaria para a maior parte dos filmes produzidos pelo INCE: a consultoria, na realização, de professores, cientistas, homens e mulheres das letras e das artes em geral. Uma enumeração mais ou menos aleatória de consultores do INCE inclui nomes como: Agnaldo Alves Filho (Instituto Pasteur), Américo Braga (Instituto de Biologia Animal), Ayrão de Mattos

(Observatório Nacional), Francisco Gomes Maciel Pinheiro (Escola Rivadávia Corrêa), Theodorino R. Pereira (Escola Souza Aguiar), Pereira Reis (Escola Politécnica), Tasso da Silveira (Casa da Moeda), Affonso de Taunay (Museu Paulista), Vital Brasil, Evandro Chagas, Carlos Chagas Filho, Lucia Miguel Pereira, Maria Eugênia Celso, Oscar d'Utra e Silva, Francisco Venâncio Filho, Heitor Villa-Lobos etc. O responsável pela realização dos filmes do INCE foi, durante a vida do Instituto, o cineasta Humberto Duarte Mauro. Mauro iniciara sua brilhante carreira no cinema na interiorana cidade de Cataguazes, Minas Gerais, onde dirigiu quatro filmes de longa metragem ('Na Primavera da Vida', 'Tesouro Perdido', 'Braza Dormida' e 'Sangue Mineiro') que imediatamente o elevaram à categoria de melhor diretor de cinema brasileiro. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, em 1930, trabalha para a Cinédia, onde dirige 'Lábios sem Beijos' e 'Canga Bruta', filme que se coloca entre as obras primas do cinema universal. Dirige, em seguida, para a Brasil Vita Filme, da produtora Carmem Santos, duas películas que o consagram unanimemente junto ao público e à crítica da época: 'Favela dos Meus Amores' e 'Cidade Mulher', a primeira delas dentro de uma estética neo-realista avant la lettre. O 'Descobrimento do Brasil', adaptação cinematográfica da carta de Pero Vaz de Caminha, seu filme seguinte,

exibido quase simultaneamente no Brasil e em Portugal, com produção do Instituto do Cacau da Bahia e música de Villa-Lobos, contou com a consultoria histórica de Roquette-Pinto, Affonso de Taunay e Bernardino de Souza. Foi, diante desse panorama, com a plena aceitação do ministro Capanema, que Roquette-Pinto convidou Humberto Mauro para compor a equipe do INCE, orientado pelo lema que o cientista compusera anteriormente quando da introdução do rádio no país: 'O cinema educativo deve ser, no Brasil, a escola dos que não tiveram escolas' (Souza, 1988:4).

Em 1937, é decretado o Estado Novo e alguns fatos indicam que, a partir desta data, as relações que envolviam o Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP e o Instituto Nacional de Cinema Educativo - INCE passam a ser marcadas por algumas turbulências. Roquette-Pinto sempre foi avesso a qualquer interferência direta - comercial, política ou de qualquer outra ordem - na prática da educação. Chegou a ser, neste sentido, bastante severo. Ele não queria que se veiculasse nos meios de comunicação nada que não fosse, no seu entender, exclusivamente educativo.

Como se sabe, Roquette-Pinto esteve na Itália fascista e na Alemanha nacional-socialista, por volta dos anos 30, para pesquisar as técnicas, por lá desenvolvidas, pelos meios de comunicação de massa, dirigidos para a educação popular. Mas no que se refere à possível propaganda política, nos meios de

comunicação voltados exclusivamente para a educação popular, ele escreveu o seguinte trecho no seu relatório de viagem apresentado ao ministro da Educação, Gustavo Capanema, e publicado na imprensa em 1937:

A organização alemã separou o cinema educativo do cinema propaganda ou industrial. E nisso andou com acerto. Os interesses da educação pública exigem filmes de maior sinceridade; os de propaganda e os da arte... nem sempre. Por isso, na Alemanha, tudo quanto diz respeito ao cinema comum está diretamente entregue ao Ministério da Propaganda, seja na Câmara Nacional do Filme (Reichsfilmkammer), seja no Arquivo Nacional do Filme (Reichsfilmsarchiv) (Roquette-Pinto).

Em 1938, Gustavo Capanema leva a Getúlio Vargas "uma longa exposição de motivos tratando de preservar sua atenção na área de radiodifusão, contra as pretensões do Ministério da Justiça, agora com Francisco de Campos. Era necessário, dizia ele, que a função da radiodifusão do Ministério da Educação fosse especificada de maneira a não haver 'nenhuma confusão com o serviço do Ministério da Justiça'" (Schwartzman *et alii*, 1984:88). No mesmo ano, foi publicado relatório do INCE, dando conta de terem sido realizados, em dois anos, 132 filmes educativos destinados às escolas primárias, secundárias e superiores. Temas: filmes escolares realizados de acordo com os programas oficiais de ensino; filmes populares documentando os acontecimentos e cerimônias de projeção nacional (Dia da

Bandeira, Dia da Pátria); filmes sobre literatura brasileira (Machado de Assis). Parece ainda sintomático que, em 1940, Affonso de Taunay (então diretor do Museu Paulista e amigo próximo de Roquette-Pinto) tenha escrito e tenha feito publicar na imprensa artigo elogiando a escolha de Roquette-Pinto, pelo ministro Capanema, para dirigir o INCE. Elogia, também, Humberto Mauro, citando os filmes "Descobrimento do Brasil" e "Bandeirantes".

Em 1942, na direção do INCE, Roquette-Pinto

prepara um arrazoado para demonstrar como a sua atividade se distingue da do DIP. 'No Brasil, o INCE, exclusivamente consagrado ao cinema educativo, em nada pode perturbar quaisquer planos ministeriais de propaganda. Ao contrário, tem cooperação com o DIP. O material, oficinas e laboratórios necessários ao DIP não se acham representados no INCE senão em proporção mínima. O DIP precisa de aparelhagem cinematográfica standard - 35 mm, e o INCE trabalha especialmente com o filme substandard - 16 mm'. O relatório faz uma longa descrição da atuação do INCE em todos os setores: projeções em mais de mil escolas e institutos de cultura, organização de uma filmoteca, intercâmbios internacionais, elaboração de filmes documentais etc. O relatório termina afirmando que 'o INCE vem, em marcha progressista e ascendente, servindo honestamente à cultura do país' (Schwartzman et alii, 1984:89,

citando Roquette-Pinto):

Não se pode negar que alguns grupos de intelectuais firmaram sua reputação, junto a departamentos que representavam o poder central, trabalhando - direta ou indiretamente - na promoção dos ditames da ordem, que o período Getúlio Vargas quis instaurar. Roquette-Pinto, por exemplo, fundou, em 1932, o Serviço de Censura Cinematográfica. Mas, ao que tudo indica, ele não fez parte daqueles que visavam o poder político, pessoal ou institucional. A respeito das posições virtualmente paradoxais ocupadas por estes intelectuais, Sergio Miceli - citando Roquette-Pinto - diz que:

Nesse grupo, incluem-se, entretanto, intelectuais cuja posição funcional é radicalmente distinta tanto do ponto de vista do trabalho que desenvolvem quanto por se referir à sua produtividade. No centro do poder, os intelectuais ocupam dos cargos de chefia a direção das instituições culturais propriamente ditas: Rodolpho Augusto de Amorim Garcia, diretor do Museu Histórico Nacional e, a partir de 1938, da Biblioteca Nacional, Edgar Roquette Pinto, professor de História Nacional e diretor do Museu Nacional, e mais tarde primeiro diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo que ele próprio fundou; Sérgio Buarque de Holanda, diretor da Divisão de Consulta da Biblioteca Nacional;

Rubens Borba de Moraes, diretor da Divisão de Preparação da Biblioteca Nacional; Luis Camilo de Oliveira Netto, diretor da Casa das Garças, depois chefe do Serviço de Documentação da Secretaria de Estado do Ministério das Relações Exteriores (1942); Alcindo Sodré, diretor do Museu Imperial de Petrópolis etc. Mas também faziam parte desse grupo os censores, redatores, auxiliares e responsáveis pelo aparato de repressão cultural e ideológica, bem como os ocupantes de posições homólogas (Miceli, 1979:153).

Dentre os censores, que lidaram com o "aparato de repressão cultural e ideológica", Sergio Miceli lembra dos diretores dos departamentos de propaganda dos Ministérios da Propaganda e Justiça, do censor da Polícia Civil e de outros. Mas não cita Roquette-Pinto.

Somente em 1947, Roquette-Pinto afasta-se do INCE, em virtude de aposentadoria por ele mesmo requerida. Ficou lá por 13 anos. Carlos Roberto Rodrigues de Souza diz que, neste momento,

o INCE está no auge do seu prestígio (Souza, 1988:5).

Cabe destacar que, quando ele se aposenta, em 1947, o Estado Novo já não mais existia. Desde 1943, com a publicação do Manifesto dos Mineiros, até 1945, com a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, tinha-se intensificado a

oposição ao Governo Getúlio Vargas. Em Maio de 1945, sofrendo pressões de diferentes setores da sociedade, que pediam o restabelecimento do regime democrático, Getúlio Vargas assina Decreto-Lei que fixa, para o dia 2 de Dezembro, eleições para Presidente e para o Congresso Constituinte e, para o dia 6 de Maio de 1946, eleições estaduais (governadores e deputados), que depois foram antecipadas para a mesma data das primeiras. Getúlio renuncia, porém, em Outubro de 1945.

5. A Academia Brasileira de Letras e os projetos políticos

Os anos que se seguiram na vida de Roquette-Pinto, até a sua morte, foram dedicados a atividades intelectuais em sua própria residência, permeadas por palestras e conferências aqui e ali. Muitas delas aconteceram na Academia Brasileira de Letras. Em 1924, Roquette-Pinto concorre à vaga de Vicente de Carvalho, na ABL. Não é eleito. Não obstante, em 1927, ele volta a concorrer à vaga de Osório Duque Estrada, para a cadeira 17, que tem como patrono Hipólito da Costa, fundada por Sílvio Romero. Desta vez, é eleito. Era considerada a "Cadeira dos Professores". Alvaro Lins - talvez o único biógrafo de Roquette-Pinto - diz que é, também, a "Cadeira dos Nacionalistas" (Lins, 1956:193)8.

Cabe destacar o ângulo através do qual Alvaro Lins - que ocupou a cadeira de Roquette-Pinto na ABL após a sua morte - enxerga seu antecessor. O único livro, exclusivamente literário, de Roquette-Pinto, foi o livro de contos Samambaia (1934). Ele

chegou a publicar também alguns versos na Revista da Academia. Todos os outros livros são de antropologia, poucos artigos de educação e alguns ensaios sobre autores notadamente naturalistas. A respeito do seu único livro de contos, diz Alvaro Lins:

Das contos de Samambaiá, em conjunto, tudo nos parece mal-nascido e mal-acabado (Lins, 1956:29).

E a respeito do seu ingresso nos quadros da ABL, diz o mesmo autor:

Se o homem de ciência Roquette-Pinto pertence aos quadros da Literatura - e é evidente que sim - isto se deve exclusivamente ao estilo de arte literária com que ele exprime e revelou a tão verdadeira tradição das suas obras. Há 2 pilos críveis, um pelo verso, que se encontra Roquette-Pinto na bem conhecida obra de Lins, mas também ocorre que muitas são as cláusulas e períodos escolhidos, mas graças à forma de expressão, ao estilo literário, ao ritmo do seu mundo interior, quando exteriorizado para ordenar esteticamente a temática do cientista e as idéias positivas do pensador (Lins, 1956:29-30).

Em 1948, Roquette-Pinto recebe o título de professor "honoris-causa" da Universidade do Brasil. A proposta de conferir o título foi apresentada pelo escritor Peregrino Júnior. Em 1951, convidado por Anibal Teixeira, ele torna-se colaborador do Jornal

do Brasil. Escreve até o final de sua vida, assinando a coluna "Notas e Opiniões"9.

As últimas conferências unem o começo e o fim de sua vida intelectual. Em 1951, fala da ligação da medicina com a antropologia no seu trabalho. Em discurso, na Associação Brasileira de Letras, por ocasião da comemoração do quinquagésimo aniversário da morte de Francisco de Castro, diz que

vivendo da antropologia e para a antropologia, durante mais de 30 anos, devo hoje prestar a Francisco de Castro homenagem que ele merece como precursor, no Brasil, dos estudos de morfologia humana de onde surgiu a biotipologia. Já em 1915, por influência do livro de Francisco de Castro, mandei buscar o tratado de De Giovanni e transcrevi no meu pequeno Guia de Antropologia as relações que o professor de Pádua indicava (Roquette-Pinto).

Em 1953, lembra o Naturalismo. A pedido de Barbosa Lima Sobrinho, então presidente da Associação Brasileira de Letras, faz conferência nesta entidade sobre o centenário da morte do naturalista Sint Hilaire. Neste mesmo ano, se refere, frustrado, aos caminhos tomados pela educação. Na inauguração do Convênio Cinematográfico Educativo, faz a seguinte declaração:

O Brasil não tem sabido tirar partido das

possibilidade: indutivos do rádio de cinema e do fonógrafo (Roquette-Pinto).

25 de Setembro de 1954: septuagésimo e último aniversário de Roquette-Pinto, comemorado com festa informal em sua casa, na Av. Beira Mar, Rio de Janeiro. Nesta festa, conta

a história de sua candidatura à Câmara Federal, explicando que, como sincero socialista, aceitara a indicação de nome, apenas no sentido de contribuir para os ideais comuns. Dispensara, de sua parte, qualquer publicidade: nunca fôra político e a sua esfera de ação no domínio da inteligência expandira-se continuamente nos postulados da ciência, educação e cultura (Roquette-Pinto. Jornal do Brasil. Artigo não assinado. 12/12/54).

Raras vezes Roquette-Pinto se pronunciou a respeito da política institucional brasileira. Ele viveu, a vida inteira, afirmando e reafirmando que sua conduta pessoal e intelectual - quer como antropólogo ou como educador - estava fundada em princípios apolíticos. Dizia que o projeto educacional que tentava desenvolver no Brasil, embora estivesse dirigido para a reconstrução nacional, nunca esteve envolvido e nunca teve interesse pela política. Se tal interesse houvesse - reiterava - a Educação perderia o seu significado mais amplo: o de atender os interesses mais urgentes e profundos da população, sem se prender

aos interesses menores dos políticos ou às negociações que a política institucional exige. Por isso, é de se estranhar a declaração de que, no final da vida, Roquette-Pinto estaria se candidatando à Câmara Federal, pelo Partido Socialista.

Nas poucas vezes em que explanou o seu pensamento a respeito de como compreendia o sentido de "governar", sempre o fez vinculando-o a amplos projetos de coesão e reconstrução nacional. Na verdade, podemos encontrar trechos por ele escritos nos quais parece que o seu pensamento, a respeito de política institucional, estava baseado em generalidades. No começo de 1952 (pouco antes de sua morte), ele escreveu:

Não há estudioso que não se recorde do ilustre Sarmiento: governar é povoador. Hoje - eu mesmo já procurei acentuar a diferença dos tempos - acredito, seria melhor dizer: governar é aproximar os núcleos de população, prestando assistência aos existentes. Aproximação intelectual, moral e prática. Ligados pelas estradas, pelo rádio, pela aviação, assistidos pela educação sanitária, pela instrução técnica adequada e cada caso - eles crescerão por si, como as sementes que germinam (Roquette-Pinto. Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 29/1/52).

Quando estive com o Prof. Dr. Luis de Castro Faria, no Rio de Janeiro, em 1988, entrevistando-o sobre a vida intelectual de Roquette-Pinto, ele me disse textualmente:

Eu não sei se ele se candidatou pelo Partido Socialista. Era, na época, o partido dos intelectuais. Talvez tenha sido um projeto tardio...

Talvez... não tenha dado tempo.

Pois, nas primeiras horas da tarde de 18 de Outubro de 1954, 23 dias depois do seu último aniversário, Roquette-Pinto morreu. Diz a edição de 26/9/57, do jornal O Globo, que, pouco antes de morrer, escreve a um amigo:

Democracia precisa de liberdade e educação; liberdade para que o povo possa escolher; educação para que o povo saiba escolher (Roquette-Pinto).

Roquette-Pinto foi velado no salão de honra da Academia Brasileira de Letras. Na tarde de 19 de Outubro de 1954, conduzido pelos acadêmicos Barbosa Lima Sobrinho, Rodrigo Otávio Filho, Peregrino Júnior, João Neves da Fontoura, Múcio Leão e Elmano Cardim, o féretro foi levado à estação "Barão de Mauá", onde, por via férrea, seguiu para Petrópolis. As 15:00 hs, foi enterrado no Cemitério de Petrópolis, ao lado da mãe, tendo sido obedecida sua última vontade.

6. Palavras finais.

A época histórica por Roquette-Pinto vivida, foi a da primeira metade do século XX. Era o Brasil em busca de transformações através da industrialização, da urbanização efetiva, das novas relações de trabalho, do redimensionamento do campo, enfim, do que era considerado modernização econômica e sociocultural. E era Roquette-Pinto - envolvido num projeto considerado nacionalista e salvacionista - utilizando-se desta modernização para investir na educação do "homem brasileiro". A ciência moderna lhe deu as primeiras técnicas antropométricas para estudar a fisiologia do povo. A mesma ciência lhe deu, depois, o rádio e o cinema para educar o povo. Enfim, foi um intelectual envolvido num projeto missionário, próprio daqueles que acreditam ter nascido com a incumbência, o compromisso e o dever de realizar uma transformação definitiva.

Capítulo IV / Notas.

1. Roquette-Pinto adquire sua formação médica neste período histórico e neste contexto médico/social. As linhas acima foram extraídas de "História da Medicina no Brasil", de Alvaro A. de Souza Reis, que se encontra no Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. A elaboração desse Dicionário foi proposta por Roquette-Pinto, quando então secretário do IHGB, e publicado em 1922.
2. A antropometria, base instrumental dos antropólogos da época (antropólogos físicos), encontra-se melhor analisada no Capítulo III.
3. Rondônia é o livro de Roquette-Pinto que mais ressonâncias teve. A segunda edição é de 1917. As duas primeiras edições foram publicadas pelos Anais do Museu Nacional. Em 1935, 18 anos depois da primeira, é publicada a terceira edição, com o subtítulo: "Etnografia-Antropologia". Em 1954, é noticiada a tradução alemã.
4. Note-se que neste credo Roquette-Pinto cita Augusto Comte - símbolo do Positivismo - e Fritz Muller - símbolo do Naturalismo.
5. Roquette-Pinto ingressa na quarta expedição Rondon. Ele parte para a Serra do Norte em 22 de Julho de 1912.

6. Note-se que o credo de Roquette-Pinto (citado acima), composto para responder a um inquérito no Clube de Arte Moderna, termina com o mesmo postulado de Fritz Muller.
7. Minhas pesquisas mostraram, ainda, que Roquette-Pinto foi um dos únicos membros da Academia Brasileira de Letras que se posicionaram a favor do ingresso de Getúlio Vargas no quadro de acadêmicos daquela casa. Naquele tempo, um presidente das República só poderia concorrer a uma cadeira na Academia se indicado no mínimo por 1/3 dos acadêmicos. Roquette-Pinto foi um dos que o indicaram.
8. A passagem de Osório Duque Estrada (autor da letra do Hino Nacional), pela cadeira 17 - antecessor de Roquette-Pinto -, marca sobremaneira o lugar como sendo a "Cadeira dos Nacionalistas".
9. A avaliação que Roquette-Pinto faz de sua própria coluna no Jornal do Brasil é a seguinte: "Pobres notas, de pouco valor, mas honestas" (Roquette-Pinto. Jornal do Brasil. "Notas e Opiniões". 30/6/53).

CRONOLOGIA

TITULOS

CONDECORAÇÕES

HOMENAGENS DOS NATURALISTAS AOS SEUS TRABALHOS CIENTIFICOS

CRONOLOGIA

- 1884 - Nasce Edgar Roquette-Pinto, em 25 de Setembro, no Rio de Janeiro. Filho de Manuel Menelio Pinto (de origem pernambucana) e de Josefina Roquette Carneiro de Mendonça (de tradicional família mineira). Foi educado pelo avô, na Fazenda "Bela Fama".
- 1899 - Em viagem de trem, encontra-se com Francisco de Castro, que o atrai para a Medicina, mostrando-lhe a importância da Biologia. Roquette-Pinto decide ser médico e dedicar-se à pesquisa científica.
- 1902 - No ano em que foi publicado, lê (então com 18 anos) Os Sertões, de Euclides da Cunha. Fica entusiasmado com o que foi chamado de "efervescência nacionalista".
- 1905 - Cola grau, em Medicina, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Conhece, ainda nos tempos de estudos, o Prof. Augusto Brant Paes Leme, catedrático de anatomia médico-cirúrgica, que o incentiva a se dirigir para o estudo das raças e para a Antropologia. Inicia, neste ano, seus primeiros estudos de Antropologia pelos sambaquis do Rio Grande do Sul.
- 1906 - Defende tese de doutorado em Medicina. Título: O Exercício da Medicina Entre os Indígenas da América. Publica, no mesmo ano, sua tese, com o título de Etnografia Americana. Torna-se professor de História Natural, no Colégio Aquino, onde Francisco Raja Gabaglia e Francisco Venâncio Filho foram seus discípulos. Torna-se, por concurso, professor-assistente de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro.
- 1908 - Publica trabalho sobre a fauna cadavérica do Rio de Janeiro. Torna-se médico-legista (Perito do Serviço Médico Legal) da "Sala do Banco", da Santa Casa do Rio de Janeiro. Publica pequena monografia, que submeteu como relatório ao IV Congresso Médico Latino Americano, intitulada Etnografia Indígena do Brasil (Estado Atual de Nossos Conhecimentos).
- 1910 - Recebe, no Museu Nacional, das mãos de Rondon, o primeiro material procedente dos índios da Serra do Norte. Começa a utilizar, neste mesmo ano, projeções cinematográficas em suas conferências no Museu Nacional, quando foi criado o Serviço de Assistência ao Ensino das Ciências Naturais e uma filmoteca especializada. Organiza, no Museu Nacional, a "Sala D. Pedro II" e um mostruário permanente, dedicado aos sertanejos, numa homenagem a Euclides da Cunha.

- 1911 - Delegado do Brasil (junto com João Baptista de Lacerda, então diretor do Museu Nacional) ao Congresso das Raças, realizado em Londres. Apresenta o trabalho: Note Sur la Situation des Indiens du Brésil. Aproveita sua estada na Europa para frequentar as aulas dos profs. Richet, Brumpt, Tuffier, Verneaus e Luschan.
- 1912 - Envia ao XVIII Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Londres, a Nota Sobre os Índios Nhambiquaras do Brasil Central (reproduzido na Brasilianische Rundschau - II, 1, 1912 - com texto em alemão e português). Ingressa na quarta Expedição Rondon, percorrendo a região que vai do Rio Juruena ao Rio Madeira, pesquisando os índios Parecis e Nhambiquaras.
- 1913 - Em 27 de Maio, apresenta a sua conferência - na série de conferências consideradas nacionalistas da Biblioteca Nacional -, intitulada "Aborígenes e Etnógrafos". Pronuncia conferência intitulada "O Brasil e a Antropogeografia", em "A Colmeia", Sociedade de Estudantes Universitários, que se constituía para propaganda nacionalista, e da qual faziam parte Edgard Teixeira Leite e os irmãos Carlos e Edgar Susskind de Mendonça.
- 1914 - É admitido do quadro social do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Assume o cargo de Secretário.
- 1915 - Publica Guia de Antropologia no guia das "Coleções do Museu Nacional". Juntamente com Max Fleiuss, propõe ao IHGB a organização de um Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro.
- 1916 - Publica, na Revista do Brasil, o artigo "Rondônia". Publica o livro Rondônia, extraído da Expedição Rondon, de 1912. As duas primeiras edições (1916 e 1917) foram publicadas pelos Anais do Museu Nacional. Torna-se professor de História Natural, da Escola Normal do Distrito Federal. Inicia uma campanha nacional pelo que chamou a "reabilitação do homem brasileiro (mestiço)".
- 1918 - Publica Elementos de Mineralogia, para servir aos alunos da Escola Normal. Publica Euclides da Cunha, Naturalista.
- 1919 - Deixa o cargo de Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Reúne um volume de versos de própria autoria e o encaminha a Monteiro Lobato para possível publicação. Monteiro Lobato recusa.
- 1920 - Indicado por Aloysio de Castro, torna-se professor da Universidade do Paraguai, regendo a cadeira de "Fisiologia Experimental". Primeira aula: "Conceito Atual da Vida" (publicada posteriormente no Brasil). Na volta da viagem ao Paraguai, pensa em criar um jornal, a que chegou dar o nome de Jornal de Hoje, "jornal moderno e educador, sem

crimes, sem escândalos, sem sensacionalismos".

- 1921 - Volta novamente ao Paraguai para lecionar Fisiologia, na Faculdade de Medicina da Universidade do Paraguai.
- 1922 - Em 7 de Setembro (centenário da Independência), é lançado o Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro, pelo IHGB e proposto por Roquette-Pinto.
- 1923 - Procura o Prof. Henrique Morize para ajudá-lo a criar uma Rádio Educativa. Em 20 de Abril é fundada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro que, segundo os estatutos, teria "fins exclusivamente científicos, técnicos e de pura educação popular, não se envolvendo jamais em nenhum assunto de natureza profissional, industrial, comercial ou político". Funda, neste mesmo ano, a Revista do Rádio.
- 1924 - Participa do Congresso Internacional de Americanistas, reunido na Suécia, a convite da Universidade de Gotemburg. Visita, em seguida, os EUA, a convite de Franz Boas, da Universidade de Colúmbia. Recebe o cargo de professor-chefe da Divisão de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Na "Feirra de Amostras", coloca-se à disposição do público para dar esclarecimentos e informações sobre radiodifusão. Concorre à vaga de Vicente de Carvalho, na Associação Brasileira de Letras. Não é eleito.
- 1925 - Recebe Albert Einstein no Museu Nacional. Publica o opúsculo Material Antropológico do Sambaqui de Guaratiba. Responde, com um credo positivista, a um inquérito entre intelectuais, promovido pelo Clube de Arte Moderna do Rio de Janeiro.
- 1926 - Ministra, à noite, curso de Antropologia no anfiteatro da Escola Politécnica. Estavam, na platéia, entre outros, Miguel Ozório de Almeida e Alvaro Frões da Fonseca. Publica, nos Arquivos do Museu Nacional (No 26), em colaboração com o médico Benjamim Baptista, Contribution à L'Anatomie Comparée des Races Humaines. Versão francesa de Heloisa Alberto Torres. Em Setembro, é nomeado diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Publicado, na Revista Eléctron (No 26), o artigo intitulado "Radioeducação no Brasil". Inicia, nos laboratórios do Museu Nacional, algumas pesquisas de fonética experimental sobre o português falado no Brasil. Na Faculdade de Medicina, apresenta tese intitulada Dinoponera Grandi - Tocandira, análise de uma formiga da Amazônia. Com esta tese, concorreu à livre docência de História Natural da Faculdade de Medicina. Publica Notas Sobre os Nhanduti do Paraguai, trabalho das rendeiros do Paraguai, extraído do período em que esteve naquele país. Publica Notas Sobre a Fisiologia da Fava Tonka, perfumada semente do camaru da Amazônia, incluídas no texto dos Anais do Congresso Internacional de Montevideú. Publica Seixos Rolados

(Estudos Brasileiros). Conhece Fernando de Azevedo, por intermédio de Francisco Venâncio Filho. Eleito membro da Academia Brasileira de Letras, na vaga de Osório Duque Estrada, para a cadeira 17.

- 1928 - Em 3 de Maio, toma posse na Academia Brasileira de Letras. Funda, com a ajuda do prefeito Pedro Ernesto e do Secretário Anizio Teixeira, a Rádio Escola Municipal (FRD-5), na Prefeitura do Distrito Federal, doando do seu próprio bolso a quantia de Cr\$ 50.000,00. Publica Notas Sobre os Tipos Antropológicos. Publica Gloria Sem Rumor.
- 1929 - Preside o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. Neste final de década, viaja à Europa, visitando a Itália e a Alemanha, para pesquisar os meios de comunicação de massa voltados para a educação popular.
- 1930 - Com a Revolução, coloca o seu cargo, de diretor do Museu Nacional, à disposição de Getúlio Vargas. Getúlio pede para que ele fique. Ele continua no cargo. Delegado do Brasil ao Congresso Internacional de Biologia, em Montevidéu. Ajuda a criar, no Distrito Federal, a Comissão de Cinema Educativo.
- 1931 - Colabora na criação do Serviço de Censura de Filmes.
- 1932 - Torna-se um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Funda a Revista Nacional de Educação. É lhe conferida a "Grande Medalha de Goethe", marcada com o seu nome. Com a seguinte inscrição: "Prò arte e ciência. Fundada no ano goetheano de 1932. O Presidente do Reich". Publica o discurso Goethe Naturalista.
- 1933 - Publica Ensaio de Antropologia Brasileira. Constrói uma televisão primitiva, cuja primeira transmissão foram as letras "ABI", de Associação Brasileira de Imprensa. Publicada, na Revista da Semana, de 13/9/32, uma de suas raras entrevistas sobre Antropologia.
- 1934 - Publica Samambaia (seu único livro de contos). Participa de solenidade de entrega de prêmios aos alunos da Rádio Escola Municipal, que tomaram parte no concurso "Dia da Pátria". Publicado, em O Globo, declarações suas, posicionando-se contrário à proposta de "esterilização legal dos degenerados e outros indivíduos, cuja reprodução seja considerada indesejável.
- 1935 - Publicada a terceira edição de Rondônia (18 anos depois da primeira), com o subtítulo: "Etnografia-Antropologia". Deixa a direção do Museu Nacional do Rio de Janeiro, para dedicar-se exclusivamente à educação popular. Escreve o prefácio ao livro, de Anizio Teixeira, intitulado Educação Pública, Sua Organização e Administração. Publicada, na edição de 3/9/35, de A Noite Ilustrada, declarações suas a respeito de como via a função do intelectual na época.

- 1936 - Aparentemente por razões financeiras, doa para o Ministério da Educação e Saúde o patrimônio da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. A doação se fez mediante o compromisso de que aquela rádio nunca seria utilizada para fins comerciais ou político-partidários. Funda e torna-se o primeiro diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo - INCE. Publicada, em O Jornal, entrevista concedida a Haroldo Mauro, na qual relata sua infância e adolescência.
- 1937 - Faz discurso, no lançamento da pedra fundamental do novo edifício do Ministério da Educação e Saúde, no qual reitera suas convicções a respeito da educação popular. Publicado o seu relatório de viagem à Europa (França, Itália e Alemanha), no final da década de 20, para pesquisar os meios de comunicação de massa voltados para a educação popular.
- 1938 - Publica relatório do INCE, dando conta do número de filmes produzidos até então (o relatório, ao que tudo indica, tentava impedir a ingerência do DIP no INCE).
- 1939 - Publica palestra em que faz um balanço dos três anos de existência do INCE (novamente procurando resistir ao DIP).
- 1940 - Viaja aos EUA e ao México, quando é eleito diretor do Instituto Indigenista Americano deste último país.
- 1941 - Publica Ensaio Brasileiro.
- 1942 - Na direção do INCE, prepara um arrazoado para demonstrar como a sua atividade se distinguia da do DIP. Na "Semana de Caxias", lê texto de própria autoria, no qual diz: "Prefiro considerar o Duque de Caxias um dos maiores educadores do seu povo".
- 1944 - É homenageado, na Rádio Nacional, como o "pai do rádio brasileiro".
- 1947 - Afasta-se do INCE, em virtude de aposentadoria por ele mesmo requerida. Ficou lá por 13 anos.
- 1948 - Recebe o título de professor honoris-causa da Universidade do Brasil.
- 1951 - Convidado por Anibal Teixeira, torna-se colaborador do Jornal do Brasil, escrevendo periodicamente a coluna "Notas e Opiniões". Escreve até o último dia com vida.
- 1953 - Na inauguração do Convênio Cinematográfico Educativo, afirma que "o Brasil não tem sabido tirar partido das possibilidades educativas do rádio, do cinema e do fonógrafo".

1954 - Noticiada a tradução alemã de Rondônia. No 70º aniversário, diz que pensa em se candidatar à Câmara Federal, pelo Partido Socialista (até então havia se considerado a-político). Em 18 de Outubro, morre Edgar Roquette-Pinto, na sua residência. Conduzido por membros da Academia Brasileira de Letras, foi sepultado no Cemitério de Petrópolis.

TITULOS

Membro da Academia Nacional de Medicina.

Membro da Sociedade Brasileira de Geografia.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Membro da Academia Brasileira de Letras.

Membro do Conselho Nacional de Pesquisas.

Membro da Academia Brasileira de Ciências.

Membro Honorário da Associação Brasileira de Educação.

Membro Honorário do Grêmio Euclides da Cunha.

Diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Professor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

Primeiro Diretor da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Primeiro Diretor da Rádio Escola Municipal do Distrito Federal.

Primeiro Diretor do Instituto Nacional de Cinema Educativo - INCE.

Professor Honorário da Faculdade de Medicina da Universidade Nacional do Paraguai.

Membro Consultor do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Professor Honorário da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil.

Sócio Benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

CONDECORAÇÕES

Insignia da Estrela Polar - da Suécia.

Leão Branco - da Tchecoslováquia.

Águia Azteca - do México.

Grande Medalha de Goethe - da Alemanha.

Legião de Honra - da França.

HOMENAGENS DOS NATURALISTAS AOS SEUS TRABALHOS CIENTIFICOS

Endodermophyton Roquettei

Alsophyla Roquettei, por Rosentock.

Agria Claudia Roquettei, por May.

Roquettia Singularis, por M. M. Leitão

Phyloscartes Roquettei, por Snethlage.

BIBLIOGRAFIA DE ROQUETTE-PINTO
BIBLIOGRAFIA SOBRE ROQUETTE-PINTO
PREFACIOS ESCRITOS POR ROQUETTE-PINTO
BIBLIOGRAFIA CITADA E CONSULTADA

BIBLIOGRAFIA DE ROQUETTE-PINTO

- 1911 - O Exercício da Medicina Entre os Indígenas da América. Tese de Doutoramento na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: E. Bevilacqua.
- Excursão à a Região dos Lagos do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro.
 - Fauna Cadavérica na Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- 1915 - Antropologia - Guia das Coleções. Rio de Janeiro: Ed. do Museu Nacional.
- 1916 - Rondônia (Antropologia-Etnografia). Rio de Janeiro: Vol. XX dos Arquivos do Museu Nacional. Imprensa Nacional.
- 2ª Edição (1917) - Rio de Janeiro: Vol. XX dos Arquivos do Museu Nacional (2ª tiragem). Imprensa Nacional.
- 3ª Edição (1935) - São Paulo: Companhia Editora Nacional (Coleção Brasileira).
- 4ª Edição (1945) - São Paulo: Companhia Editora Nacional (Coleção Brasileira).
- 5ª Edição (1950) - São Paulo: Companhia Editora Nacional (Coleção Brasileira).
- Edição em língua alemã (1954), com o subtítulo: "Eine Reise in das Herzstück Sudamerika" (tradução: Dra. Etta Becker). Viena: Wilhelm Braumüller.
- Elementos de Mineralogia. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- 1920 - Conceito Atual da Vida (Aula inaugural de Fisiologia Experimental na Faculdade de Medicina de Assunção, Paraguai). Rio de Janeiro: Susskind de Mendonça & Cia.
- "Euclides da Cunha, Naturalista" (conferência no Gremio Euclides da Cunha). in: In Memoriam de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Tipografia Aurora.
- 1923 - "Um Manto Real do Havai". in: Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Museu Nacional.

- 1925 - "Nota Sobre a Ação Fisiológica da Fava Tonka". Apartado de las Actas del Congreso Internacional de Biología. Montevideú.
- Nota Sobre o Material Antropológico do Sambaqui de Guaratiba. Rio de Janeiro.
- 1926 - "Contribution à L'Anatomie Comparée des Races Humanines (dissection d'une indienne du Brésil)" - em colaboração com Benjamim Baptista (desenhos de Alberto Childe) - in: Arquivos do Museu Nacional. Rio de Janeiro. Museu Nacional.
- 1927 - Dinoponera Grandi - Tocandira (memória apresentada à Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para a livre docência da cadeira de História Natural). Rio de Janeiro: Livraria Científica Brasileira.
- "Nota Sobre o Nhanduti do Paraguai". in: Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- Seixos Rolados. Rio de Janeiro: Susskind Mendonça, Machado & Cia.
- 1928 - "Nota Sobre os Tipos Antropológicos do Brasil". in: Vol. XXX dos Arquivos do Museu Nacional Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- "Discurso de Recepção na Academia Brasileira de Letras". in: Discursos Acadêmicos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- "Memórias de Antonio Ipiranga (1862-1866)". in: Revista da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- 1929 - "Gloria Sem Rumor (No Centenário de Fritz Muller)". Rio de Janeiro.
- 1932 - "Tatiana". Colaboração no Trabalho Coletivo de Segredo Conjugal. Rio de Janeiro.
- "Goethe Naturalista" (Discurso Inaugural da Exposição Goetheana). in: Revista Sociedade Pró-Arte. Rio de Janeiro: 22, III.
- 1933 - Ensaio de Anthropologia Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Coleção Brasileira).

- 1934 - Samambaia (contos). Rio de Janeiro: Editora Ariel.
- 1935 - "Dez Sonetos". in: Revista da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- "Discurso de Recepção de Miguel Ozório de Almeida". in: Discursos Acadêmicos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Ode Bárbara (dedicada à Nação Paraguaiá). Rio de Janeiro.
- 1936 - "A influência da literatura estrangeira no Brasil". in: Anaia do 1o Congresso de Língua Nacional Cantada. São Paulo: Edição do Departamento de Cultura.
- 1939 - "Nota Sobre Um Caso de Simulação Sexual". in: Arquivos da Medicina Legal e Identificação (Laudos e Pareceres). Rio de Janeiro: Ano IX, Nº 17.
- 1940 - Ensaio Brasileiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Coleção Brasileira).
- 1942 - "Notas Sobre Algumas Vitaminas" Separata de Resenha Médica. Rio de Janeiro.
- "Guerra e Vitaminas". Separata de Resenha Médica. Rio de Janeiro.
- "Conferência Sobre Leopardi (na Casa de Itália)". Rio de Janeiro.
- "Meditação Sobre o Índio". in: Resenha Médica. Rio de Janeiro: Ano XV, Nº 3.
- 1944 - "O Cinema Educativo no Brasil". in: Revista da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- 1945 - "Discurso de Inauguração do Palácio do Ministério da Educação". Separata da Revista do D.A.S.P. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- 1946 - "Seleção do Imigrante Para o Continente Americano". in: Revista Imprensa Médica. Rio de Janeiro: Nº 394.
- 1947 - "O Brasil e a Raça". in: Revista Imprensa Médica. Rio de Janeiro: Nº 403.

- 1950 - "Relações do Cérebro Com a Inteligência". in: Revista de Educação Pública. Rio de Janeiro: Vol. VII (32).
- "Vocabulário de Humberto Mauro" (Conferência Realizada no Instituto Histórico em 22 de Outubro de 1950). Rio de Janeiro. INCE

NÃO PUBLICADOS

- "Notas e Opiniões". Colaboração periódica no Jornal do Brasil.

____ (____) _____

BIBLIOGRAFIA SOBRE ROQUETTE-PINTO

- ALVEEDO, Fernando de. "Edgar Roquette-Pinto" (1891-1955). in: Revista de Antropologia. S.P.: 2 (2): 97-100, 1954.
- BARBOSA, Francisco de Assis. "Encontro Com Roquette-Pinto". in: Jornal de Letras. R.J.: No 74, Ano VII, 1955.
- BARBOSA, Francisco de Assis. "E. Roquette-Pinto (Visto Por Beatriz Roquette-Pinto Bojunga)". in: Retratos de Família. R.J.: José Olympio, 1968.
- CARNEIRO, Paulo E. de Berrêdo. "Roquette-Pinto". in: Serviço de Documentação do Ministério da Educação. R.J.: Imprensa Nacional, 1956.
- CASTRO FARIA, Luis de. A Contribuição de E. Roquette-Pinto Para a Antropologia Brasileira. R.J.: Museu Nacional, 1959.
- CRULS, Gastão. "Necrológico de Roquette-Pinto". in: Revista Brasileira de Medicina. R.J.: Imprensa Nacional, 1954.
- FEDER, Ernest Von. "Erinnerungen an Roquette-Pinto". R.S.: Veriag Ulrich Low, 1956.
- GOUVEA FILHO, Pedro. "E. Roquette-Pinto - O Antropólogo e Educador (Conferência Pronunciada na Associação Brasileira de Educação na Sessão de 18 de Abril de 1955)". R.J.: Ministério da Educação / Instituto do Cinema Educativo, 1955.
- LINS, Alvaro. Discurso de Posse na Academia Brasileira (Estudo Sobre Roquette-Pinto). R.J.: Ministério da Educação e Cultura, 1956.
- MATHEUS, Roberto Ruiz de Rosa. Edgar Roquette-Pinto: Aspectos Marcantes de Sua Vida e Obra. Brasília: Ministério da Educação e Cultura / Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa, 1984.
- SANTA HELENA, Raimundo Roquette (Literatura de Cordel). R.J.: 1984.

TAUNAY, Affonso de. "Roquette-Pinto". in: Jornal O Estado de S. Paulo, de 28 de Outubro de 1954.

VENANCIO FILHO, Francisco. "A Radicicultura no Brasil (A. Filho Roquette-Pinto)". in: Educar-se Para Educar. R.J.: Tipografia São Benedito, 1931.

PREFACIOS ESCRITOS POR ROQUETTE-PINTO

in: ABREU, Silvio Fróes. Na Terra das Palmeiras. Estudos Brasileiros. R.J.: José Olympio, 1931.

in: AVILA, Bastos de. Antropometria e Desenvolvimento Físico (Métodos e Pesquisas de Antropologia Física). R.J.: Civilização Brasileira, 1940.

in: CRULS, Gastão. A Amazônia Que Eu Vi. Obidos-Tumucumaque. R.J.: José Olympio, 1938.

in: PATERNOSTRO, Julio. Viagem ao Tocantins. S.P.: Companhia Editora Nacional, 1945.

in: SILVA MELLO, A. de. Nordeste Brasileiro. R.J.: José Olympio, 2ª Edição aumentada, 1964.

in: TEIXEIRA, Anizio Spinola. Educação Pública. Sua Organização e Administração. R.J.: José Olympio, 1935.

BIBLIOGRAFIA CITADA E CONSULTADA

AVILA, Bastos de. Questões de Antropologia Brasileira. R.J.: Civilização Brasileira, 1935.

AVILA, Bastos de. Antropometria e Desenvolvimento Físico (Métodos e Pesquisas de Antropologia Física). R.J.: Civilização Brasileira, 1940.

AZEREDO, Paulo Roberto de. Antropólogos e Pioneiros: A História da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. S.P.: FFLCH/USP, 1986.

AZEVEDO, Fernando de. "A Transmissão da Cultura". Parte terceira da 5ª Edição da Obra A Cultura Brasileira - Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil. S.P.: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976.

AZEVEDO, Thales de. "Os Médicos e a Antropologia Brasileira". in: Anais da Academia de Medicina da Bahia. BA: Vol. 9, 1979.

BOSI, Alfredo. "As Letras na Primeira República". in: FAUSTO, Boris (direção). História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III, 2º Volume. R.J.: Difel, 1978.

CASTRO FARIA, Luis de. As Exposições de Antropologia e Arqueologia do Museu Nacional. R.J.: Departamento de Imprensa Nacional, 1933.

CORREA, Mariza. As Ilusões da Liberdade: Nina Rodrigues & a Antropologia no Brasil. S.P.: Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1982.

CORREA, Mariza. História da Antropologia no Brasil: 1930-1960. testemunhos. S.P.: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; (Campinas, S.P.): Editora Universidade Estadual de Campinas, 1987.

COSTA, Jurandir Freire. História da Psiquiatria no Brasil: Um Corte Ideológico. R.J.: Documentário, 1976.

COUTO, Carlos de Paula (título, Introdução, revisão e apêndice de). Resumo das Memórias de Lund Sobre as Cavernas da Lagoa Santa e Seu Conteúdo Animal. R.J.: Publicações Avulsas do Museu Nacional, 1956.

FREYRE, Gilberto. Médicos, Doentes e Contextos Sociais. R.J.: Globo, 1983.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. R.J.: José Olympio, 9ª Edição, 1954.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "Em Prol de um Instituto de Antropologia Física e Cultural". in: Revista do Arquivo Municipal S.P.: Departamento de Cultura, Vol. 20, pp. 240-268, 1958.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstom. Introdução ao Estudo da Escola Nova. S.P.: Melhoramentos, 1930.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A Tradição Desafortunada: Anírio Teixeira, Velhos Textos e Idéias Novas. R.J.: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

MARTINS, Wilson. História da Inteligência Brasileira. Volume 5 (1897-1914). S.P.: Cultrix/Edusp, 1977.

MARTINS, Wilson. História da Inteligência Brasileira. Volume 6 (1915-1930). S.P.: Cultrix/Edusp, 1978.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. Teresina, etc. R.J.: Paz e Terra, 1980.

MICELI, Sergio. Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945). R.J.: Difel, 1979.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. "Um Confronto Entre Juazeiro, Canudos e Contestado". in: FAUSTO, Boris (direção). História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III, 2ª Volume. R.J.: Difel, 1978.

MONTEIRO LOBATO, José Bento. Idéias de Jéca Tatú. S.P.: Brasiliense, 1967.

MONTEIRO LOBATO, José Bento. Urupês, Outros Contos e Coisas. S.P.: Companhia Editora Nacional, 1945.

- MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira (1930-1974). S.P.: Atica, 3ª Edição, 1977.
- NAGLE, Jorge. "A Educação na Primeira República". in: FAUSTO, Boris (direção). História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III, 2º Volume. R.J.: Difel, 1978.
- PEIXOTO, Afrânio. Minha Terra e Minha Gente. R.J.: José Olympio, 1916.
- PEIXOTO, Afrânio. Notas de História da Educação. R.J.: José Olympio, 1933.
- RIBEIRO, Darcy. "Gilberto Freyre: Casa Grande & Senzala". in: Sobre o Óbvio. R.J.: Guanabara, 1986.
- RODRIGUES, José Honório. "A Identidade Cultural e o Brasileiro". Série de 3 artigos publicados no jornal Folha de S. Paulo em 31/10, 2/11 e 18/11/84.
- RONDON, Cândido Mariano da Silva. Conferências Realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e em São Paulo. R.J.: Imprensa Nacional, 1946.
- ROOSEVELT, Theodore. Através do Sertão do Brasil. Tradução de Conrado Erichsen. S.P.: Companhia Editora Nacional, 1944.
- ROQUETTE-PINTO, Paulo. O Museu e o Ensino de História Natural. R.J.: Museu Nacional, 1933.
- SALGADO, Alvaro. A Radiodifusão Educativa no Brasil (Notas). R.J.: Ministério da Educação e Saúde, 1946.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. A Era dos Museus no Brasil (1870-1930). Polvo é Povo: Molusco Também é Gente. S.P.: Idesp, Série História das Ciências Sociais Nº 6, 1988.
- SCHWARTZMAN, Simon et alii. Tempos de Capanema. R.J.: Paz e Terra / S.P.: Edusp, 1984.
- SERRANO, Jônathas. A Escola Nova. S.P.: Schimidt Editor, 1932.

SERRANO, Jônathas & VENANCIO FILHO, Francisco. Cinema e Educação. S.P.: Melhoramentos, 1930.

SEVECENKO, Nicolau. Literatura Como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. S.P.: Brasiliense, 2ª Edição, 1985.

SILVA, Sergio. Expansão Cefeeira e Origens da Indústria no Brasil. S.P.: Alfa-Omega, 1976.

SKIDMORE, Thomas E. Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro. Tradução de Paul de Sá Barbosa. R.J.: Fae e Terra, 1970.

SOUZA, Carlos Roberto Rodrigues de. O Instituto Nacional de Cinema Educativo: História e Produção (Projeto de Pesquisa e Relatório). S.P.: mimeo, 1988.

SOUZA REIS, Alvaro de A. "História da Medicina no Brasil". in: Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil. R.J.: IHGB, Imprensa Nacional, 1922.

SUSSKIND DE MENDONÇA, Edgard. A Extensão Cultural dos Museus. R.J.: Imprensa Nacional, 1946.

TEIXEIRA, Anizio Spínola. Educação no Brasil. S.P.: Editora Nacional, 1969.

VENANCIO FILHO, Francisco. Educar-se Para Educar. R.J.: Tipografia São Benedito, 1931.

VERNANCIO FILHO, Francisco. Notas de Educação. R.J.: Calvino Filho Editor, 1933.

VENANCIO FILHO, Francisco. A Educação e Seu Aparentamento Moderno. R.J.: Companhia Editora Nacional, 1941.

VENANCIO FILHO, Francisco. "Função Educativa dos Museus". in: Estudos Brasileiros. R.J.: Tipografia Mendes de Almeida, 1938.

VIOTTI DA COSTA, Emilia. Da Monarquia à República: Momentos Decisivos. S.P.: Ciências Humanas, 2ª Edição, 1979.